



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL**

INDIRA CHAVES BATISTA

**SAVEIROS BAIANOS:
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL E PRESERVAÇÃO**

**CACHOEIRA - BAHIA
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
(UFRB)
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS (CAHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL (PPGAP)**

INDIRA CHAVES BATISTA

**SAVEIROS BAIANOS:
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL E PRESERVAÇÃO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Grande Área: Ciências Humanas

Área: Antropologia

Área de Concentração: Patrimônio Cultural

Linha: Patrimônio Cultural e Políticas Públicas

**CACHOEIRA - BAHIA
2023**

INDIRA CHAVES BATISTA

**SAVEIROS BAIANOS: REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL E
PRESERVAÇÃO**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
Cachoeira, 26 de outubro de 2023.

EXAMINADORES:

Documento assinado digitalmente
 SUZANE TAVARES DE PINHO PEPE
Data: 01/11/2023 22:23:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Suzane Tavares de Pinho Pêpe - UFRB
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 WILSON ROGERIO PENTEADO JUNIOR
Data: 26/10/2023 14:43:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior – UFRB
(Membro interno)

Documento assinado digitalmente
 ANDRE LUIS RAMOS SOARES
Data: 26/10/2023 23:17:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Luis Ramos Soares – UFSM
(Membro externo)

CACHOEIRA – BAHIA
2023

BATISTA, Indira Chaves. **Saveiros Baianos:** reflexões sobre patrimônio cultural e preservação. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Cachoeira, 2023, 193 p.

Grande Área: Ciências Humanas

Área: Antropologia

Área de Concentração: Patrimônio Cultural

Linha: Patrimônio cultural e políticas públicas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram para a minha formação profissional e humana. Gratidão a minha família que forneceu as bases e o apoio para que eu pudesse percorrer esta trajetória. Aos colegas de trabalho e as pessoas que passaram por minha vida com as quais tenho continuamente aprendido.

Agradeço a todos os professores, professoras e colegas de curso do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desta etapa de estudos, e em homenagem póstuma, a querida professora Doutora Sabrina Damasceno que com seus ensinamentos e afeto marcou positivamente as nossas vidas.

Minha gratidão a minha orientadora professora Doutora Suzane Tavares de Pinho Pêpe (UFRB) por toda a sua paciência e dedicação para que pudéssemos alcançar os melhores resultados, a professora Doutora Thaís Fernanda Salves de Brito (UFRB), e ao professor Doutor João de Pina Cabral (membro externo - Universidade de Lisboa) que fizeram importantes contribuições, correções e direcionamentos durante a etapa de Qualificação.

A banca examinadora, o professor Doutor Wilson Rogério Penteado Júnior (UFRB) e ao professor Doutor André Luis Ramos Soares que dispuseram do seu tempo para avaliar e contribuir com o trabalho.

Em especial, a todas as pessoas que participaram de maneira direta desta pesquisa, todos os saveiristas, marisqueiras e a comunidade de Jaguaripe (BA) em geral, que me acolheu de maneira tão generosa, sem os quais esta pesquisa não teria sentido.

Agradeço a ajuda de custo para as diárias do campo (hospedagem) fornecida pelo Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 2022 do PPGap/UFRB.

E por fim, a todas as pessoas que colaboraram e me incentivaram a não desistir.

*Nem bem a noite terminou
Vão os saveiros para o mar
Levam no dia que amanhece
As mesmas esperanças
Do dia que passou*

*Quantos partiram de manhã
Quem sabe quantos vão voltar
Só quando o sol descansar
E se os ventos deixarem
Os barcos vão chegar
Quantas histórias pra contar*

*Em cada vela que aparece
Um canto de alegria
De quem venceu o mar*

Canção: Saveiros

Compositores: Dori Caymmi e

Nelson Motta.

Resumo

O saveiro baiano é considerado um barco tradicional do Recôncavo Baiano, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio naval e cultural brasileiro. Conforme a historiografia, entre os séculos XVII até meados do século XX, eram milhares de exemplares empregados na pesca, transporte de mercadorias e pessoas entre os povoados interioranos e a capital Salvador. Segundo levantamento da Associação Viva Saveiro (2021), na atualidade, restam por volta de vinte embarcações. Diante do exposto, esta pesquisa objetiva analisar os discursos que pautaram tal ato institucional, assim como compreender a relação do grupo saveirista do município de Jaguaripe (BA) com os saveiros e suas visões com relação à preservação e patrimonialização dessas embarcações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na linha do patrimônio cultural, um estudo de caso, desenvolvido com os aportes teóricos e metodológicos das Ciências Sociais. Ocorreu coleta de dados por meio de pesquisas bibliográficas, iconográficas, conversas, entrevistas e observações para que pudesse ocorrer posterior análise crítica. Conclui-se que os discursos e atos de patrimonialização dos saveiros foram formulados a partir da "retórica da perda" que, em muitos casos, tem servido a criação e sustentação da definição do patrimônio cultural no Brasil. Nesse contexto, a política pública patrimonial se utiliza de diferentes estratégias discursivas para uma "invenção cultural" por meio das categorias de objetificação, apropriação, alegoria, e autenticidade. O conceito de etnicidade serviu ao entendimento do grupo de saveiristas estudado enquanto forma de organização social na causa preservacionista.

Palavras-chave: Saveiros Baianos; Patrimônio Cultural, Etnicidade e Preservação.

Abstract

The Bahian sloop is considered a traditional boat from the Recôncavo Baiano, recognized by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) as Brazilian naval and cultural heritage. According to historiography, between the 17th century and the mid-20th century, there were thousands of specimens used in fishing and transporting goods and people between rural towns and the capital Salvador. According to a survey by Associação Viva Saveiro (2021), currently, there are around twenty vessels remaining. In view of the above, this research aims to analyze the discourses that guided this institutional act, as well as understand the relationship between the sloop group in the municipality of Jaguaripe (BA) and the sloops and their views regarding the preservation and patrimonialization of these vessels. This is qualitative research in the field of cultural heritage, a case study, developed with theoretical and methodological contributions from Social Sciences. Data was collected through bibliographical and iconographic research, conversations, interviews and observations so that subsequent critical analysis could occur. It is concluded that the speeches and acts of patrimonialization of sloops were formulated based on the "rhetoric of loss" which, in many cases, has served to create and sustain the definition of cultural heritage in Brazil. In this context, public heritage policy uses different discursive strategies for a "cultural invention" through the categories of objectification, appropriation, allegory, and authenticity. The concept of ethnicity served to understand the group of saveiristas studied as a form of social organization in the preservationist cause.

Keywords: Saveiros Baianos; Ethnicity, Cultural Heritage and Preservation.

LISTA DE SIGLAS

- BA – Estado Federativo da Bahia.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
- ONG – Organização Não Governamental.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- IPT – Instituto Politécnico de Tomar.
- PPGap – Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural.
- S/A – Sociedade Anônima.
- UFBA – Universidade Federal da Bahia.
- UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz.
- UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1. Alguns dos últimos exemplares de saveiros de velas de içar da atualidade atracados no cais de São Félix (BA), no “Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu”..... 6
- Figura 2. Principais rotas e domínios portugueses e espanhóis no Período da Expansão Marítima Europeia (séculos XV a XVIII)..... 7
- Figura 3. Saveiros na praia do Porto da Barra, Forte de Santa Maria, Salvador. 9
- Figura 4. Recôncavo Baiano em meados do século XVIII. 11
- Figura 5. Cachoeira vista de São Félix (1825) por J. M. Rugendas. 12
- Figura 6. Porto de São Felix, sem autor ou ano atribuído. 12
- Figura 7. Barco da Bahia..... 13
- Figura 8. Barco do Recôncavo. 13
- Figura 9. Principais componentes dos saveiros baianos elencados por Smarcevski (1996). 14
- Figura 10. Tábua do Graminho. 15
- Figura 11. Explicação da confecção do graminho - ângulos e medidas para construção do saveiro. 15
- Figura 12. Saveiros na Festa do Senhor Bonfim. 17
- Figura 13. Desembarque de Produtos em Salvador. 17
- Figura 14. Rampa do Mercado Modelo, Salvador (ano desconhecido). 18
- Figura 15. “Rampa do Mercado Modelo” (Salvador). 18
- Figura 16. Saveiro Sombra da Lua, tombado no ano de 2010 pelo Iphan. 22
- Figura 17. ‘Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes’ de 1944 de Curt Nimuendaju. Recorte para da região da Baía de Todos-os-Santos com destaque para Jaguaripe (BA). 42

Figura 18. Região do Recôncavo Baiano segundo Milton Santos (1960).....	43
Figura 19. Pôster informativo sobre a primeira vila do Recôncavo Baiano na Secretaria de Turismo da cidade de Jaguaripe (BA).	44
Figura 20. Mapa com extensão territorial de Jaguaripe e municípios limítrofes no Recôncavo Baiano.	45
Figura 21. Mapa geopolítico de Jaguaripe (BA).	46
Figura 22. Jaguaripe (BA) sede localizada entre o Rio Jaguaripe e Rio das Donas com acesso por terra pela BA-883.	47
Figura 23. Caminhos hierárquicos da Rede urbana do Recôncavo Baiano ao final do século XVIII. ..	49
Figura 24. Navio Del Rei em Jaguaripe (sem informação do ano).	51
Figura 25. Navio Paraguassú em Jaguaripe (sem informação do ano).....	51
Figura 26. Navio Canavieiras em Jaguaripe (sem informação do ano).....	51
Figura 27. Localização do Patrimônio Histórico Edificado mencionado neste capítulo.....	53
Figura 28. Paço Municipal visto da frente da Casa do Ouvidor.....	54
Figura 29. Paço Municipal, vista frontal da Praça da Bandeira.	54
Figura 30. Paço Municipal visto do Píer de atracação das embarcações.	54
Figura 31. Paço Municipal visto do Píer de atracação das embarcações.	54
Figura 32. Os arcos indicam o local onde ficava a Cadeia do Sal.....	55
Figura 33. Placa informativa para os turistas e visitantes.	55
Figura 34. Porta da Cadeia do Sal.	55
Figura 35. Um das janelas da Cadeia, vista de fora do edifício.	55
Figura 36. Uma das janelas vista de dentro da Cadeia.	56
Figura 37. Vista de uma das janelas da Cadeia.	56
Figura 38. Estruturas dentro da Cadeia, fogão a lenha e banheiros.	56
Figura 39. Buraco no qual os condenados eram colocados em pé algemados pelas mãos para morrer afogados.	56
Figura 40. Vista para o Rio Jaguaripe de uma das portas do Paço, pavimento superior.....	57
Figura 41. No pavimento superior estão localizadas várias gravuras e quadros de embarcações. Destaco esta na qual aparecem os saveiros no fundo do edifício.....	57
Figura 42. Saveiro utilizado na Festa do Gaspi em exposição no Paço Municipal.....	57
Figura 43. Imagem utilizada no Desfile da Cabocla em exposição no Paço Municipal.	57
Figura 44. Casa do Ouvidor, Rua da Ajuda, nº 1 – Jaguaripe - BA.	58
Figura 45. Placa informativa – Casa do Ouvidor, Jaguaripe (BA).....	59
Figura 46. Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, vista do topo da Ladeira da Ajuda, na Rua do Bonfim.	60
Figura 47. Parte de trás da Igreja.....	60
Figura 48. Vista da Casa do Ouvidor para a Igreja Matriz com placa sinalizadora do Centro Histórico.	60
Figura 49. Vista do Rio Jaguaripe do topo do morro na Rua do Bonfim.....	60
Figura 50. Vista da Igreja Matriz para a Ladeira da Ajuda, a Casa do Ouvidor e o Paço Municipal. ..	60
Figura 51. Igreja vista da Avenida Martinho Albuquerque.....	62
Figura 52. Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	62
Figura 53. Construção de um espaço em formato de barco com o nome Maria da Glória utilizado em eventos religiosos e nos festejos do Gaspi.	62
Figura 54. Barco Maria da Glória utilizado em eventos religiosos e nos festejos do Gaspi.	62
Figura 55. Placa informativa instalada ao lado da Igreja.	62
Figura 56. Festa de Bom Jesus dos Navegantes.....	63
Figura 57. Boi Janeiro.	63

Figura 58. Festa da Burrinha.....	63
Figura 59. Terno de Reis em Jaguaripe.....	64
Figura 60. Slogan do Primeiro Evento.....	64
Figura 61. Festa de São Gonçalo.....	64
Figura 62. Regata dos Navegantes.....	64
Figura 63. Festa do Gaspi.....	65
Figura 64. Jornada de São Gonçalo.....	65
Figura 65. Romaria Marítima e Terrestre.....	65
Figura 66. Carnaval.....	65
Figura 67. Regata de Canoas à Vela.....	66
Figura 68. Festa de São João.....	66
Figura 69. Festa de São Pedro.....	66
Figura 70. Desfile da Cabocla.....	66
Figura 71. Comemoração da Batalha do Funil.....	66
Figura 72. Procissão fluvial, Saveiro é da Vida.....	67
Figura 73. Festa de Omulu.....	67
Figura 74. Desfile Dia da Independência do Brasil.....	67
Figura 75. Festa de Nossa Senhora de Madre de Deus.....	67
Figura 76. Festa de Nossa Senhora d’Ajuda.....	68
Figura 77. Terno de Reis.....	68
Figura 78. Festa do Gaspi descendo a Ladeira da Ajuda.....	70
Figura 79. Festa do Gaspi.....	70
Figura 80. Gaspi em frente a Filarmônica da cidade.....	70
Figura 81. Brincadeira na qual atiram pó (talco) uns nos outros.....	70
Figura 82. Banner de divulgação do evento - Cais de São Felix.....	72
Figura 83. Patrocinadores no banner de divulgação do evento - Cais de São Felix.....	72
Figura 84. Sessão Solene pelo Centenário de Dona Cadu, Ricardina Pereira da Silva.....	73
Figura 85. Caixa de charutos Dannemann mostrando saveiros atracados no cais de São Felix (ano desconhecido).....	74
Figura 86. Saveiros Baianos atracados no cais do porto de São Félix com vista para acidade de Cachoeira (BA).....	75
Figura 87. Saveiros Baianos atracados no cais do porto de São Félix com vista para acidade de Cachoeira (BA) e Imperial Ponte Dom Pedro II.....	76
Figura 88. Momento de saída dos saveiros para o bordejo no Rio Paraguaçu.....	76
Figura 89. Bordejo dos saveiros no Rio Paraguaçu.....	76
Figura 90. Saveiros no retorno ao cais de São Félix.....	77
Figura 91. Exposição dos saveiros em miniatura para venda do Projeto Arte Naval no evento.....	77
Figura 92. Integrante do Projeto Arte Naval confeccionado o saveiro no evento.....	77
Figura 93. Barraquinha de comidas ditas típicas da Bahia.....	78
Figura 94. Entrevista com o senhor Alcício Sales Brasil, saveiristas e pescador, em frente ao cais de São Félix (BA), 29/05/2022.....	80
Figura 95. Entrevista com o senhor Joilson Guimarães Ribeiro, saveiristas e pescador, em frente ao cais de São Félix (BA), 29/05/2022.....	82
Figura 96. Entrevista com o mestre carpinteiro e saveiristas Bira Portugal, ao fundo exposição no ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’ (29/05/2022) das miniaturas de saveiros produzidas em sua Escola de nautimodelismo em Jaguaripe (BA).....	83
Figura 97. Entrevista com a senhora Marília Barreto (de amarelo), arquiteta e representante da Associação Viva Saveiro em São Félix (29/05/2022).....	84

Figura 98. Prédio sede do Projeto Arte Naval – Ponto de encontro dos saveiristas para as entrevistas.	88
Figura 99. Píer de atracação dos barcos e receptivo turístico, obra do Governo do Estado da Bahia. Centro de Jaguaripe.	90
Figura 100. Píer de atracação dos barcos e receptivo turístico. Vista da Casa de Câmara e Cadeia.	90
Figura 101. Detalhe do espaço construído para funcionar como receptivo turístico.	90
Figura 102. Detalhe do espaço construído para funcionar como receptivo turístico.	90
Figura 103. Relação de atracadouros da Baía de Todos-os-Santos, apresentados na placa acima.	91
Figura 104. Vista da ponte do píer, lateral direita de quem olha do Rio Jaguaripe para a cidade.	91
Figura 105. Vista da ponte do píer, lateral esquerda de quem olha do Rio Jaguaripe para a cidade.	91
Figura 106. Vista da ponte do píer para a cidade.	91
Figura 107. Bira Portugal e sua aluna Izana, produzindo miniaturas de barcos na sede do Projeto Arte Naval.	92
Figura 108. Miniaturas de barcos produzidos em exposição para venda.	92
Figura 109. Miniatura de canoa pranchão e etapas do processo de confecção dos barcos.	93
Figura 110. Base de um saveiro sendo reformado.	93
Figura 111. Réplica do saveiro Sombra da Lua.	93
Figura 112. Rotas de acesso marítimo-fluviais da capital Salvador para Jaguaripe (BA).	94
Figura 113. Vista geral do estaleiro.	95
Figura 114. Fachada da casa de ferramentas.	95
Figura 115. Detalhe da casa de ferramentas.	96
Figura 116. Detalhe da casa de ferramentas.	96
Figura 117. Rio das Dunas e embarcações atracadas.	96
Figura 118. Mestre Luciano no estaleiro.	96
Figura 119. Saveiro ‘Amigo de Verdade’.	97
Figura 120. Saveiro ‘Sombra e Água Fresca’ à espera de reforma.	97
Figura 121. Barco de fibra de vidro, também utilizado na região.	97
Figura 122. Mestre Bira em seu estaleiro. Canoa para ser reformada.	97
Figura 123. Resumo do Projeto Estaleiro Escola de Jaguaripe (BA), Rafaella de Azevedo Alves (2021).	99
Figura 124. Regata de São Roque e campeonato de canoas à vela, Jaguaripe, 2015.	101
Figura 125. Saveiros ‘Mestre Carlito’ e ‘É da Vida’ no cais em frente à colônia de pescadores, Jaguaripe (BA).	102
Figura 126. Antônio Pureza, marinho aposentado em frente à Colônia de Pescadores exibindo a sua rede de pesca.	102
Figura 127. Da direita para a esquerda: Bira Portugal, Izana, Luciano, Alberto, Cleidinei, Antônio e Elenilton.	108
Figura 128. Página inicial do Facebook ativa da Associação Viva Saveiro.	114
Figura 129. Rosiel Conceição Freire, atual secretário de Cultura, Turismo e Esportes de Jaguaripe (BA).	115
Figura 130. Sede da Sociedade Filarmônica Lira Jaguaripense – 1912.	119
Figura 131. Osailson Muricy assinando os termos de Autorização de imagem e áudio cedidos à pesquisa no seu gabinete de trabalho, Jaguaripe.	120
Figura 132. Senhor Aloízio Lima em seu bar em Aratuípe (BA), exibindo as notas fiscais dos seus fretes (trabalho com os saveiros).	122
Figura 133. Passo a passo do Sr. Aloízio tecendo a “Rede de camboa” ou “tapasteiro” em Aratuípe (BA).	124
Figura 134. Izana mostrando a produção do Taboado.	128
Figura 135. Artesã indicando as peças que vão na parte de cima da embarcação.	128

Figura 136. Passo a passo feito por Izana durante 34 dias para a confecção de uma miniatura de saveiro.	130
Figura 137. Vista do centro histórico de Jaguaripe do saveiro.	133
Figura 138. Saveiro no Rio Jaguaripe.	133
Figura 139. Detalhe da vela do saveiro.	133
Figura 140. Izana manejando a embarcação.	134
Figura 141. Vista da Cidade.	134
Figura 142. Pesquisadora e saveiristas no passeio.	134
Figura 143. Sede da Colônia de Pescadores Z-36 de Jaguaripe (BA).	135
Figura 144. Cartaz informativo sobre os períodos de Defeso presentes na Colônia Z-36.	136
Figura 145. Início da Rua Beira Rio no bairro da Gamela, Jaguaripe (BA).	137
Figura 146. Final da Rua Beira Rio.	138
Figura 147. Final da Rua Beira Rio.	138
Figura 148. Mesinhas para coleta de mariscos.	138
Figura 149. Final da Rua Beira Rio.	138
Figura 150. Marisqueiras no ponto de saída – Margem do Rio das Dunas.	140
Figura 151. Local de saída para pesca e mariscagem no final da Rua Beira Rio.	140
Figura 152. Canos no Rio das Dunas.	141
Figura 153. Armadilha para coleta de siri.	141
Figura 154. Estrutura de apoio com redes de pesca.	141
Figura 155. Canoa de fibra com motor em primeiro plano e canoa de madeira a vela ao fundo.	141
Figura 156. Sapato de pano utilizado para caminhar no mangue.	141
Figura 157. Saída com o barqueiro e marisqueiro Daniel.	142
Figura 158. Descida da primeira dupla no ponto de coleta.	142
Figura 159. Logo no início encontram um sururu e pegam para me mostrar.	142
Figura 160. Sururu encontrado na imagem anterior.	142
Figura 161. Entrada no mangue da segunda dupla.	142
Figura 162. Pesquisadora esperando na canoa, conforme a recomendação dos marisqueiros.	142
Figura 163. Utensílios trazidos e ficados na canoa.	143
Figura 164. Utensílios trazidos e ficados na canoa.	143
Figura 165. Aratu da segunda dupla, a coleta não foi muito boa nesse ponto neste dia.	143
Figura 166. Ostra da segunda dupla, a coleta não foi muito boa nesse ponto neste dia.	143
Figura 167. No retorno a “maré” estava baixa, necessitando remar para não encalhar.	143
Figura 168. Necessidade de cortar galhos devido à cota baixa de inundação do rio no retorno.	143
Figura 169. Marisqueira ajudando com o remo indo buscar a outra dupla que ficou no outro ponto de coleta.	144
Figura 170. Marisqueira ajudando com o remo indo buscar a outra dupla.	144
Figura 171. Marisqueira saindo do mangue com a sua coleta.	144
Figura 172. Elas sempre lavam a coleta antes de entrar no barco para tirar a lama.	144
Figura 173. Marisqueira saindo do mangue com a sua coleta.	144
Figura 174. Lavagem da coleta antes de entrar no barco.	144
Figura 175. Parte da coleta da segunda dupla. Este ponto de coleta se mostrou mais proveitoso.	145
Figura 176. Outros trabalhadores que encontramos no caminho.	145
Figura 177. Coleta final do dia de mariscagem no retorno para casa.	145
Figura 178. Produção do catado em família, marisqueiras e suas filhas.	146
Figura 179. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.	146
Figura 180. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.	147
Figura 181. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.	147

Figura 182. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio, “Siri Siringa”, tem uma coloração diferente do Aratu que é vermelho mais forte.....	147
Figura 183. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.....	147
Figura 184. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.....	148
Figura 185. Refugo, cascas da produção do catado.	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Listagem dos Saveiros de Vela de Içar do Recôncavo Baiano e mestres, elaborada pela Associação Viva Saveiro (2010).....	19
Tabela 2. Relação mais recente dos Saveiros de Vela de Içar realizado pela Associação Viva Saveiro (2021).....	20
Tabela 3. Programação do ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – SAVEIROS BAIANOS: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA.....	6
CAPÍTULO II - APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	24
2.1 Referencial Teórico.....	24
O patrimônio cultural e as políticas públicas: uma breve revisão historiográfica	24
A retórica da perda	27
Algumas premissas antropológicas	30
Etnicidade.....	32
Memória Social	34
Os fatores econômicos	36
2.2. Metodologia de trabalho	37
2.2.1 Métodos.....	38
2.2.2 Recursos Metodológicos	38
Gravação e Transcrição das Entrevistas.....	41
Observação como técnica de coleta de dados	41
Etapa 3: Análise dos dados recolhidos, escrita da dissertação, devolução a comunidade e divulgação	41

CAPÍTULO III - HISTÓRICO E CONTEXTO SOCIALCULTURAL DE JAGUARIBE (BA)	42
2.2 Patrimônio Histórico Edificado	52
1. Edifício do Paço Municipal:	53
2. Casa do Ouvidor	58
3. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Ajuda	59
4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário	61
2.3 Manifestações Culturais	63
CAPÍTULO IV - ATIVIDADES DE CAMPO: OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS	71
4.1 Aproximação dos Saveiristas: Primeiras Entrevistas	71
Entrevista 01: Alício Sales Brasil	80
Entrevista 02: Joilson Guimarães Ribeiro	81
Entrevista 03: Ubiracy Claudio Souza Portugal	83
Entrevista 04: Marília Barreto	84
Entrevista 05: Vilma Monteiro	86
4.2 Entrevistas realizadas em Jaguaripe (BA)	86
Primeira entrevista: Bira Portugal (44 anos) Ubiracy Claudio Souza Portugal	87
Segunda entrevista: Antônio Pureza (72 anos)	101
Terceira entrevista: Cláudio Luciano Ramos Pereira (44 anos)	105
Quarta entrevista: Antônio Conceição de Paula – 57 anos	107
Quinta entrevista: Coletiva com os saveiristas de Jaguaripe	108
Sexta Entrevista: Rosiel Conceição Freire – 61 anos	115
Sétima Entrevista: Osailson Rocha Muricy (60 anos)	119
Oitava Entrevista: Aloízio Lima (75 anos)	121
Nona Entrevista: Izana do Sacramento de Jesus (20 anos)	126
4.3 Vivência com os saveiristas e passeio de saveiro em Jaguaripe (BA)	132
Entrevistas Complementares: Contexto Local	134
Décima Entrevista: Hamilton de Oliveira (57 anos)	134
4.4 Entrevistas e vivencia com as Marisqueiras	136
CAPÍTULO V – RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
APÊNDICE I	172
Roteiro de Entrevistas	172
APÊNDICE II	173
Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	173

Modelo de Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Fotografia.....	175
Modelo de Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Depoimento Oral	176
ANEXOS	177

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se propõe ao estudo dos saveiros baianos, considerado um barco tradicional do Recôncavo Baiano, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Naval e Cultural Brasileiro. O ato institucional do IPHAN de conceder o título de patrimônio cultural aos saveiros aconteceu por meio do tombamento do saveiro “Sombra da Lua”, registrado no *Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Livro do Tombo Histórico e Livro do Tombo das Belas Artes* (inscrito em 12/2012)¹. No Processo Iphan nº 1.615-T-2010, a embarcação foi considerada como o exemplar que melhor reunia condições de originalidade passando a ser apresentada como representante dos últimos saveiros de vela de içar da Bahia, conforme se lê abaixo.

Por seus inequívocos valores históricos, artísticos e etnográficos, declara-se o Iphan favorável ao tombamento do Saveiro Sombra da Lua, que enquanto primeiro e único exemplar protegido de embarcação desta tipologia passa a representar todos os últimos saveiros da Bahia, e recomenda sua inscrição nos Livros do Tombo Histórico, das Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. (WEISSHEIMER, 2010, p. 12).

Segundo a historiografia consultada, a circulação de saveiros na Baía de Todos-os-Santos foi intensa entre os séculos XVII até meados do século XX. Essas embarcações a vela tanto eram usadas para pesca quanto para o transporte de mercadorias e pessoas entre o Recôncavo, a capital Salvador e outras regiões do litoral baiano. Entretanto, mudanças no quadro econômico regional e no sistema de comunicação e transporte no século XX, concorreram para a diminuição do uso e da fabricação artesanal de saveiros, restando poucos na atualidade.

Segundo os discursos patrimonialistas, a intensa presença dos saveiros marcou profundamente o imaginário coletivo, a paisagem e a identidade cultural da população do Recôncavo Baiano (WEISSHEIMER, 2010).

Diante do exposto, esta pesquisa objetiva compreender os discursos que pautaram o ato institucional do tombamento, assim como apreender a relação do grupo saveirista do município de Jaguaripe (BA) com os saveiros e suas visões com relação à preservação e patrimonialização dessas embarcações.

¹ Fonte: <https://www.ipatrimonio.org/reconcavo-baiano-saveiro-de-vela-de-icar-sombra-da-lua/#!/map=38329&loc=-12.773776999999994,-38.705605000000006,17> Acesso em: Setembro/2023.

A motivação desta pesquisa se deu a partir do contato com o tema durante o desenvolvimento da dissertação intitulada “*Estudo dos Saveiros Baianos no Município de Ilhéus, Bahia, Brasil*” desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Arqueologia Subaquática do Instituto Politécnico de Tomar e da Universidade Autônoma de Lisboa (Portugal), concluída no ano de 2020. Nesta ocasião, realizou-se um levantamento sobre as embarcações no município de Ilhéus e a investigação dos seus métodos construtivos na linha dos estudos da arqueologia náutica. Neste ponto é importante ressaltar o meu local de fala, enquanto graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2008), pós-graduada em Arqueologia Subaquática pelo IPT (2020), com atuação profissional na Arqueologia Preventiva no Brasil.

Dando continuidade aos estudos, agora no âmbito da antropologia, do patrimônio cultural e das políticas públicas, nos deparamos com uma série de problemas postos sobre o tema: Os saveiros baianos podem ser compreendidos enquanto patrimônios culturais? E afinal, o que é um patrimônio cultural? Patrimônio cultural para quem? Estamos diante dos últimos saveiros da Bahia? Quem são as pessoas, grupos e instituições que se mobilizam em torno do tema da sua preservação? E o que motiva essas ações preservacionistas? Existe essa vontade de preservação?

É isto ao que nos propomos discutir ao longo desta dissertação. Não intencionamos apresentar respostas conclusivas ou estabelecer verdades sobre os problemas apresentados e sim propomos uma reflexão sobre estas embarcações, sobre o que seria o patrimônio cultural no Brasil e sobre este movimento preservacionista.

Inicialmente a escolha do recorte da pesquisa de campo fez-se a partir do levantamento de saveiros no Recôncavo Baiano realizado em 2021 pela *Associação Viva Saveiro*, no qual o distrito de Coqueiros em Maragogipe (BA) desponta com o maior número de embarcações, dez (10) e conseqüentemente de saveiristas. Logo depois de Coqueiros, observa-se que Jaguaripe (BA) ocupa a segunda posição com sete (07) saveiros².

Todavia, diante da falta de recursos financeiros para abranger essas duas localidades, acabamos optando por realizar a pesquisa em Jaguaripe.

A escolha de Jaguaripe ocorreu a partir da participação no “Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu” que aconteceu em maio de 2022, na cidade de São Félix (BA). Nesta ocasião iniciei o processo de aproximação com os participantes, saveiristas e a *Associação Viva Saveiro* que inicialmente se mostrou aberta para colaborar com a pesquisa,

² Entende-se que pode haver uma dinâmica na circulação destas embarcações por meio de vendas/trocas ou mudança de residência de seus proprietários. Assim, estes dados refletem o cenário no momento de realização da pesquisa.

indicando o município de Jaguaripe, onde funcionava a sua sede, mencionando a presença de saveiros e saveiristas (aproximadamente sete) com os quais poderíamos realizar algumas entrevistas. As entrevistas realizadas neste evento são tratadas mais adiante no Capítulo 4 deste texto, subcapítulo 4.1 “*Aproximação dos saveiristas, primeiras entrevistas e dados preliminares*”.

Compreendemos a importância do município de Maragogipe (BA) e seus distritos Coqueiros e Nagé neste cenário, mas salientamos que essa comunidade foi estudada pelo pesquisador Antonio Marcos de Oliveira Passos em sua dissertação de mestrado na área de antropologia pela UFBA (2014). Sendo assim, havia uma lacuna de conhecimento sobre os saveiros e saveiristas de Jaguaripe.

Uma pesquisa mais abrangente com o estudo de todas as localidades nas quais ainda existem os saveiros seria o ideal, entretanto, necessitaríamos de algum tipo de financiamento para tal empreitada. Sobre esta questão é importante salientar algumas das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da pesquisa: a pandemia de COVID-19 que mudou significativamente as nossas relações durante os anos de 2019 a 2021, o que ocasionou no fato de fazer parte da primeira turma a distância do PPGap da UFRB, inviabilizando a utilização da infraestrutura da Universidade, incluindo a sua biblioteca, situação que também ocasionou o enfraquecimento das trocas e vivências acadêmicas de maneira mais profunda, cotidiana e presencial, e a falta de financiamento para a pesquisa em um momento no qual as universidades públicas e o setor de Educação no Brasil passam por um arrocho econômico de grandes proporções devido aos novos cenários sócio-políticos.

Retomando o tema central, no qual os discursos patrimonialistas apresentam os saveiros como um símbolo cultural do Recôncavo, faz-se importante compreender como ocorre a construção desse discurso, conhecer os indivíduos que detêm o *saber-fazer* das embarcações e o seu manejo, seus modos de vida, como se organizam em prol da preservação desse artefato, o que pensam sobre as ações estatais e as dificuldades atuais para a sua manutenção.

Neste percurso tentaremos entender o histórico dos saveiros no Recôncavo, investigar as memórias e imaginário associados a estes artefatos, registrar a sua dinâmica e importância econômica neste cenário, conhecer os movimentos preservacionistas e discutir o papel das instituições oficiais no processo de patrimonialização dos saveiros na Bahia, avaliando em que medida o discurso fomentado pelos órgãos patrimonialistas é absorvido e reproduzido pelas comunidades ou se esses discursos se retroalimentam.

Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso ligado aos estudos do patrimônio cultural, desenvolvido com os aportes teóricos metodológicos das Ciências Sociais.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram formulados três problemas centrais:

- I. Como ocorre a construção dos discursos de patrimonialização dos saveiros baianos?
- II. O que os saveiros representam para o grupo estudado?
- III. Quais as visões desse grupo sobre as práticas e políticas de preservação desse artefato?

Visando alcançar o objetivo geral e respostas aos problemas propostos, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- I. Investigar a presença dos saveiros baianos no município de Jaguaripe (BA), atentando ao número de embarcações existentes na atualidade, grau de conservação, localização dos estaleiros e carpinteiros navais, assim como a identificação dos indivíduos com o conhecimento acerca da construção e manejo das embarcações e se este conhecimento continua a ser transmitido na atualidade.
- II. Investigar por meio de entrevistas/oralidade as vivências e memórias relacionadas aos saveiros baianos.
- III. Apreender o sentido que os saveiros adquirem para essas pessoas.
- IV. Analisar e discutir as categorias de patrimônio cultural e políticas públicas, memória social, etnicidade e pertencimento considerando os aportes teóricos da pesquisa e as noções postas pelo grupo.
- V. Levantar e avaliar as iniciativas preservacionistas tanto do grupo estudado quanto as do Estado, inter cruzando esses discursos.

Sendo assim, a presente pesquisa foi estruturada da seguinte forma:

O capítulo 1 “Saveiros Baianos: uma breve historiografia” é dedicado a apresentar o objeto de estudo em seu contexto histórico, a sua presença na paisagem do Recôncavo por meio de levantamentos bibliográficos, fotografias e imagens, a sua configuração enquanto tipologia naval e a sua importância econômica ocupando um lugar de destaque na máquina capitalista por pelo menos por quatro séculos após o início da colonização no Brasil, assim como o seu declínio e gradual esmaecimento neste cenário.

O capítulo 2 “Aportes Teóricos e Metodológicos” está dividido em duas sessões. No subcapítulo ‘Aportes Teóricos’ são discutidos os conceitos de patrimônios culturais e suas políticas públicas, fazendo uma breve abordagem sobre a legislação vigente no Brasil, as posturas e as ações dos órgãos institucionais, assim como problematiza as ideias de nação/identidade, raça/cultura, pertencimento/grupos étnicos/eticidade, memória social e

retórica da perda. Enquanto o subcapítulo ‘Metodologia’ expõe os caminhos e métodos selecionados para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 3 intitulado “Aspectos Sócio-Históricos e Geográficos de Jaguaripe (BA)”, apresenta-se um panorâmico histórico do município estudado, discorre sobre a sua geografia histórica urbana, atentando para a importância do local enquanto cidade portuária no cenário de desenvolvimento do Recôncavo Baiano no período do Brasil colônia e império, apresentando o seu patrimônio edificado, as suas manifestações culturais na atualidade e a posição dos saveiros neste contexto.

O capítulo 4 “Atividades de Campo: observações e entrevistas” é destinado a apresentar as informações levantadas com as etapas de campo quando ocorreu aproximação, observações e entrevistas com os saveiristas, principalmente do município de Jaguaripe (BA), assim como pescadores, artesãos, marisqueiras, representante de associação, secretário de cultura e turismo, e pessoas da comunidade em geral, visando apreender um panorama social mais amplo do contexto estudado.

Nesse sentido, as entrevistas foram utilizadas para dar voz aos grupos de saveiristas e pessoas envolvidas na causa preservacionista, para que pudéssemos entender suas visões, práticas e necessidades diante do processo de patrimonialização dos saveiros.

No quinto e último capítulo, “Resultados e Considerações Finais” ocorre à análise das entrevistas e dados levantados, inter cruzando-os, apresentando as nossas interpretações e percepções com base nos aportes teóricos e metodológicos elegidos.

Desta forma, a pesquisa intenciona colaborar com os estudos e discussões no âmbito dos patrimônios culturais, refletindo sobre as políticas públicas e os seus atos institucionais, assim como sobre as reivindicações e motivações dos grupos sociais ligados às causas preservacionistas.

CAPÍTULO I – SAVEIROS BAIANOS: UMA BREVE HISTORIOGRAFIA

O saveiro baiano é uma embarcação a vela de madeira, construída de forma artesanal por mestres carpinteiros a partir de um conhecimento secular, não gráfico (em geral, não são utilizados desenhos ou plantas no processo construtivo), transmitido de forma oral entre gerações (CASTRO & DIAS, 2015). Como exposto na Introdução, é considerado um barco tradicional do Recôncavo Baiano, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Naval e Cultural Brasileiro³.

Figura 1. Alguns dos últimos exemplares de saveiros de velas de içar da atualidade atracados no cais de São Félix (BA), no “Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu”.



Foto: Autora, Maio/2022.

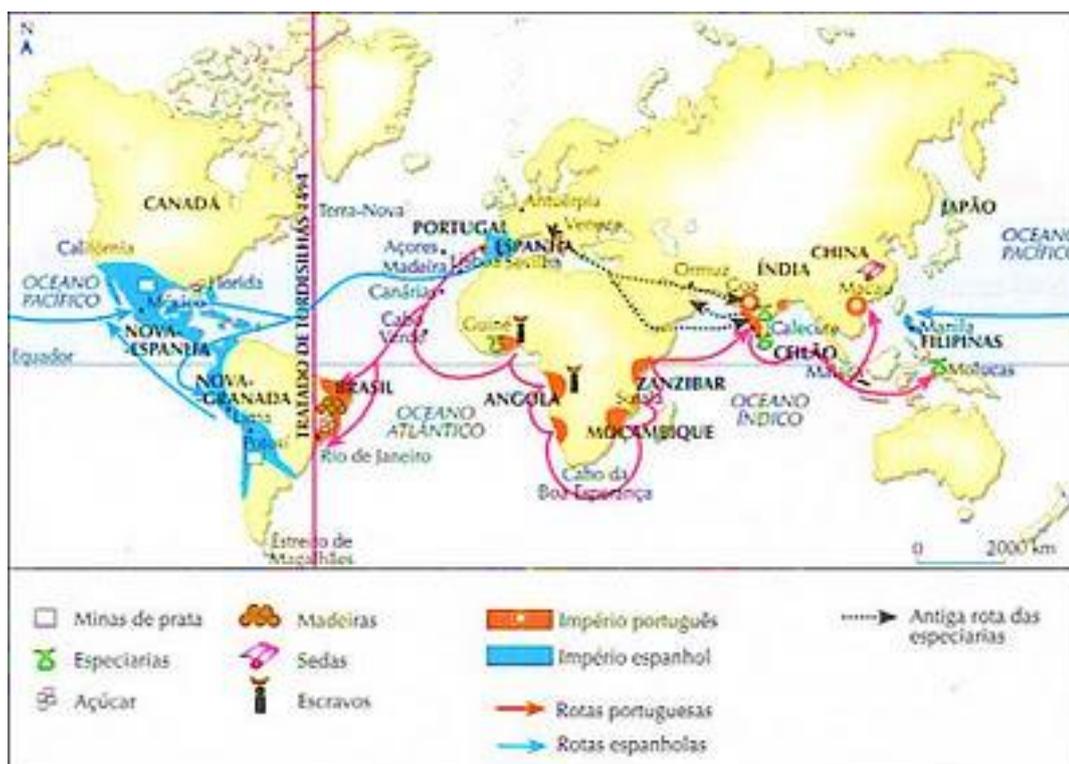
Não se sabe exatamente em que momento surge os saveiros baianos. Mas, documentos escritos e a iconografia do período dão conta de que entre os séculos XVII até meados do século XX, estas embarcações dominavam a Baía de Todos-os-Santos. Eram milhares de exemplares que se dedicavam à pesca e ao transporte de mercadorias e pessoas entre o Recôncavo, a capital Salvador e outras regiões do litoral baiano (AGOSTINHO, 1973; SMARCEVSKI, 1996; ZACARIAS, 2001; RIBEIRO & BOCCA, 2013; BATISTA, 2020).

Durante o período em que Portugal faz do Brasil sua colônia, as embarcações assumiram um papel de vital importância no transporte de pessoas e mercadorias; assim como, para o

³ Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1023/> Acessado em 05 de fev. 2021.

desbravamento de um território de proporções continentais, principalmente em locais que não possuíam estradas seguras ou onde os caminhos terrestres se faziam demasiado longos comparados aos marítimos ou fluviais (BATISTA, 2020).

Figura 2. Principais rotas e domínios portugueses e espanhóis no Período da Expansão Marítima Europeia (séculos XV a XVIII).



Fonte: <http://jmbd1945.blogspot.com/2011/03/descoberta-do-caminho-maritimo-para.html> Acessado em 23 Fev. 2023.

O Império Marítimo Português começou a se formar a partir de uma série de fatores internos e externos (sociais, políticos, econômicos e tecnológicos), após o declínio estrutural da Idade Média, forte crise econômica atravessada no século XIV e desabastecimento de produtos agrícolas e minérios. Neste contexto, Portugal precisou se inserir no lucrativo comércio de especiarias até então dominado pelos árabes. No século XV, visando romper com o monopólio comercial dos produtos do Oriente exercido por Gênova e Veneza, e com a formação das monarquias nacionais ocorre toda uma reorganização política e econômica. Por meio do financiamento do capital burguês, Portugal começa a investir em viagens ultramarinas em busca de novas rotas de comércio, estabelecendo contatos com a África, a Índia, a China, a Indonésia e o Japão, além de colonizar parte da América, o Brasil. Assim, a partir do século XVI estabelece-se um comércio mundial, ligando a Europa a outros continentes. Além de Portugal,

outras nações como Espanha, França, Holanda e Inglaterra também vão se destacar nessa expansão ultramarina e disputar poder, rotas comerciais, territórios e riquezas (BOXER, 2002).

Entre os séculos XVI e XVIII a política colonial foi ficando cada vez mais sofisticada por meio da exploração de várias colônias e do chamado pacto colonial, no qual Portugal monopolizava a comercialização dos produtos dos quais as colônias (núcleos populacionais) necessitavam, criando uma rede complexa de interdependência (política, social e comercial). Neste cenário no Brasil se destacará o comércio de madeira, “drogas do sertão”⁴, açúcar, tabaco e mais tarde o café, além do fervoroso comércio de populações africanas escravizadas, a base da mão-de-obra colonial (*Idem*).

Importante frisar ainda que inicialmente todo esse projeto colonial exploratório e expansionista terá uma forte carga ideológica etnocêntrica e cristã (católica), sendo as bases de sua fundamentação (SOUZA, 1989). Mais tarde, as teorias raciais dos oitocentos formuladas pelas correntes científicas nascentes como o evolucionismo, o positivismo, o naturalismo e o social darwinismo passam por reformulações para servir de alicerce para explicar a ideia de civilização, estratificação social e racismo vigentes no Brasil (SCHWARCZ, 1993).

Logo no início do período colonial, a Baía-de-Todos-os-Santos, situada em Salvador, tornou-se o porto mais frequentado pelos portugueses por sua excelente posição geográfica, transformando o local em ponto de passagem para abastecimento, reparo das embarcações e busca de mercadorias na rota de viagem de Portugal para as Índias (RIBEIRO & BOCCA, 2013).

Em 1549, o Regimento de Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, foi promulgado pelo rei D. João III. O documento estabelecia a defesa das povoações e do litoral contra a invasão de ingleses, franceses e holandeses que contestavam os termos do Tratado de Tordesilhas (1494) e demais ratificações. Neste momento, uma série de fortificações e estaleiros foram instalados ao longo da costa brasileira, sendo a Ribeira das Naus em Salvador, o mais antigo estaleiro edificado no Brasil (*Idem*).

No recôncavo baiano, por séculos, foram gestados e paridos nos estaleiros de diversas localidades: Massaranduba e Cabrito em Itapagipe, Santo Amaro, São Roque, Cachoeira, São Felix, Ilha do Bom Jesus, Madre de Deus, São Francisco do Conde,

⁴ As chamadas “drogas do sertão” ou “novas especiarias” eram produtos extraídos das florestas brasileiras e comercializados na Europa. Os portugueses investiram nesse comércio para exploração do interior do continente e afastar as ameaças de invasões francesas, holandesas e inglesas, utilizando a estratégia das Entradas e Bandeiras. Inicialmente a mão de obra utilizada foi a indígena. Os principais produtos eram: urucum, cacau, guaraná, cravo, canela, castanhas, pimenta, baunilha, etc. Este comércio cai em gradual declínio após os investimentos serem direcionados para o ciclo do açúcar, da mineração e do café.

Santo Amaro do Catu, Tubarão, Salinas da Margarida, Conceição de Salinas, Itaparica, Caboto, e em outros locais dotados de estaleiros de menor porte, saveiros construídos, todos eles, com as características comuns aos barcos do recôncavo. (SMARCEVSKI, 1996, p. 27A).

O mesmo autor menciona a existência de 1.859 “galeras, curvetas, barcas, saveiros, lanxas e jangadas”, segundo listagem das embarcações da Capitania da Bahia de 27 de maio de 1725. Essas embarcações foram divididas em três categorias: navios, curvetas e galeras, descritos como de alto bordo para navegação em alto mar; sumacas, barcas e lanxas classificados para pequenas e médias cabotagem; já os saveiros, canoas e jangadas foram mencionados como pequenas embarcações voltadas para a navegação no Recôncavo (SMARCEVSKI, 1996, p. 16).

Figura 3. Saveiros na praia do Porto da Barra, Forte de Santa Maria, Salvador.⁵



Fonte: VIANA, 2004, p. 260. *Apud.*: PASSOS, 2014, p. 58.

Antônio Alves Câmara, em sua obra “*Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil*” (primeira edição de 1888), ao estudar as embarcações do Brasil, publica que a primeira menção aos barcos da Bahia se deu no ano de 1589, ao interpretar um trecho de “*Notícia do Brasil*”, uma correspondência endereçada ao Rei de Portugal. Entre outros detalhes, esta correspondência menciona a disponibilidade de 1.400 embarcações para o transporte de mercadorias no Brasil, pois, naquela época, não havia pessoa que não tivesse o seu barco ou

⁵ Imagem atribuída pelas fontes ao século XVII.

canoa e os engenhos possuíam de quatro embarcações para cima para escoar os seus produtos pelos rios e pelo mar.

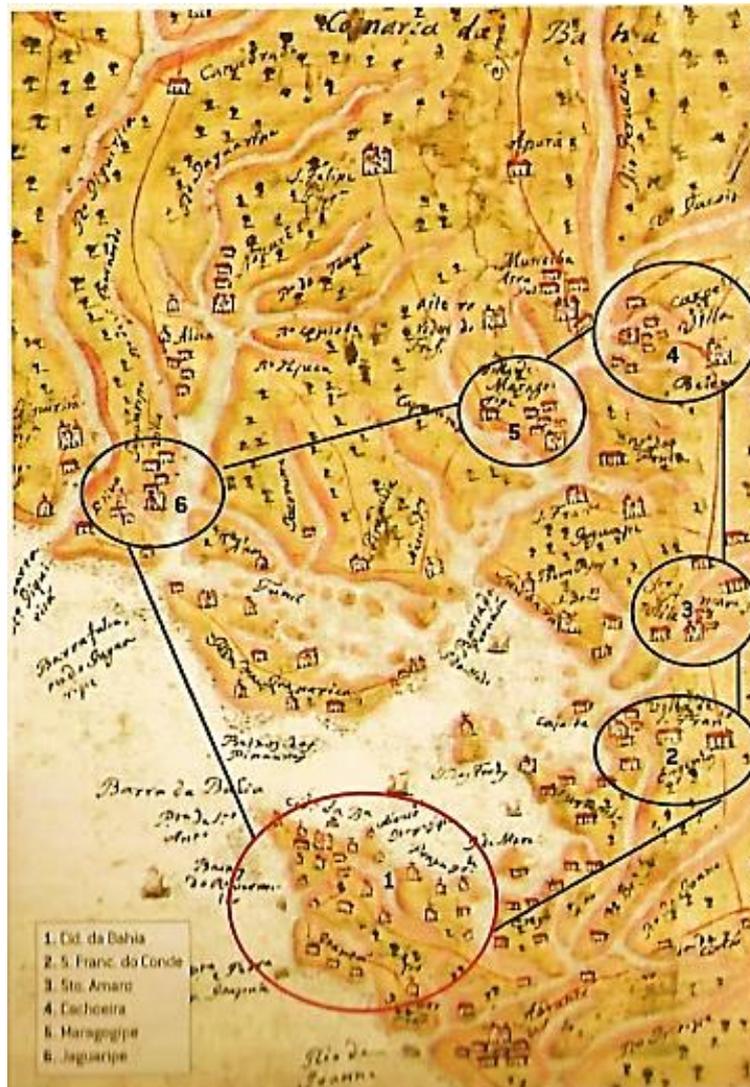
O autor faz uma preciosa caracterização dessas embarcações que foram descritas podendo ter de 11 a 22 metros de comprimento e suporte de carga de 20 a 120 toneladas.

Os de cabotagem são feitos em Valença, Taperoá, Cayrú e Jequié; os do Recôncavo, em Itapagipe, Sant'Amaro, Nazareth e Cachoeira e nas ilhas de Bom Jesus e Itaparica, principalmente no povoado de Sant'Amaro do Catú. (CÂMARA, 2010, p. 81).

Devido ao baixo calado que permite uma navegação em locais mais rasos, essas embarcações vão se destacar no Recôncavo Baiano e na navegação pelo Rio Paraguaçu. Inicialmente, foram intensamente utilizadas no escoamento da produção dos engenhos de cana-de-açúcar e, mais tarde, tornaram-se uma das maiores responsáveis pela distribuição da produção do Recôncavo para a capital, Salvador; fazendo contatos também com outras regiões do litoral baiano, levando e trazendo uma grande variedade de produtos entre fretes e para as feiras livres, tais como cerâmicas, caxixis, cestarias e uma diversidade de víveres alimentícios, como: farinha de mandioca, óleo de dendê, carvão, tabaco, gado e frutas, como banana, cacau, abacaxi, dentre outros (BATISTA, 2000). Existem relatos de que estas embarcações também atuaram na caça às baleias, entre os séculos XVII e XIX (TAVARES, 2019).

Durante muito tempo, o Recôncavo, o interior rural, forneceu os víveres alimentícios para o sustento das tropas, frotas e moradores da cidade de Salvador, capital do Brasil entre 1549 e 1763, e então, metrópole do período (DIAS, 2007).

Figura 4. Recôncavo Baiano em meados do século XVIII.



Fonte: ANDRADE, 2013, p. 243.

Acima temos a contextualização em mapa da interligação das vilas do que seria o Recôncavo Baiano em meados do século XVIII. Na legenda da imagem temos: 1. Cidade da Bahia, 2. São Francisco do Conde, 3. Santo Amaro, 4. Cachoeira, 5. Maragogipe e 6. Jaguaripe.

E abaixo temos uma gravura atribuída ao pintor alemão Johann Moritz Rugendas por Reis (1990), na qual podemos observar a vila de Cachoeira em 1825, no século XIX, sendo considerada um dos maiores polos de desenvolvimento do Recôncavo Baiano no período. Na imagem é possível observar algumas embarcações.

Figura 5. Cachoeira vista de São Félix (1825) por J. M. Rugendas.



Fonte: J.M. Rugendas, *Malerische Reise in Brasilien*, Paris, Engelmann, 1835. *Apud*: REIS, 1990, p. 113.

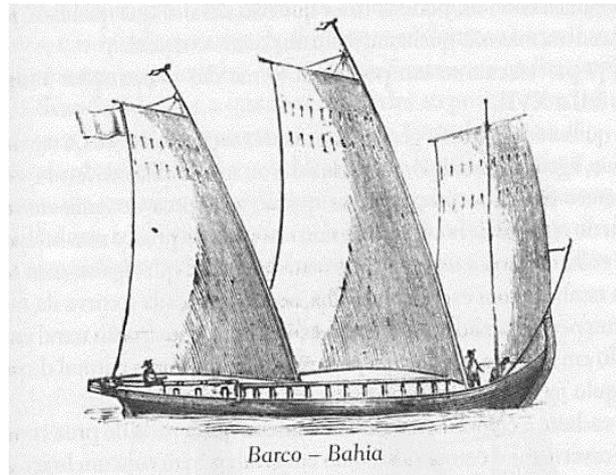
Figura 6. Porto de São Felix, sem autor ou ano atribuído.



Fonte: Portal IBGE Cidades. Acessado em Outubro/2023.

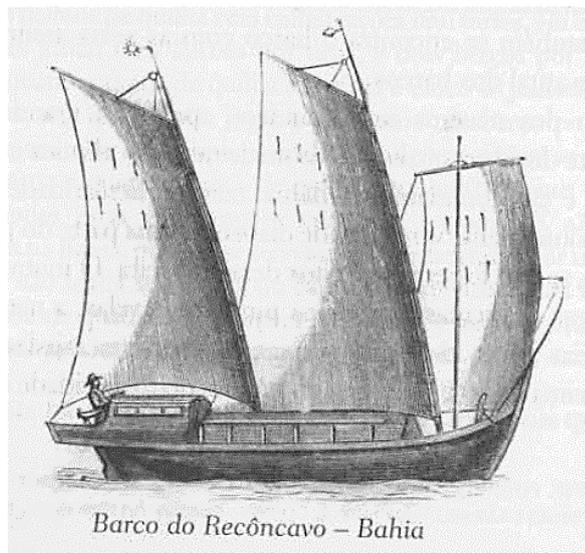
Câmara (2010) considera o barco da Bahia o mais nacional, enxergando originalidade em sua mastreação e percebendo ainda uma influência holandesa em suas características construtivas. Dentre outros temas, este autor discorre sobre a importante participação dessas embarcações nas lutas de independência da Bahia e do Brasil (1822), em especial na defesa de Itaparica (BA), compondo a primeira esquadra de guerra brasileira onde se destacou o tenente da marinha João das Bottas, por largo tempo homenageado em uma regata anual de saveiros, realizada desde a década de 1970, em Salvador.

Figura 7. Barco da Bahia.



Fonte: CÂMARA, 2010, p. 77.

Figura 8. Barco do Recôncavo.



Fonte: CÂMARA, 2010, p. 78.

Conforme a historiografia disponível foram três os principais autores que se dedicaram ao estudo dos saveiros baianos: Pedro Agostinho, que publicou “*Embarcações do Recôncavo – Um estudo de origens*” em 1973; Theodor Selling Júnior, baiano que escreveu “*A Bahia e seus Veleiros*” entre 1968 e 1969, com publicação do Serviço de Documentação Geral da Marinha em 1976; e, Lev Smarcevski, arquiteto, que após pesquisa de 20 anos, publicou “*Graminho – A alma do saveiro*” em 1996 (WEISSHEIMER, 2000; BATISTA, 2020).

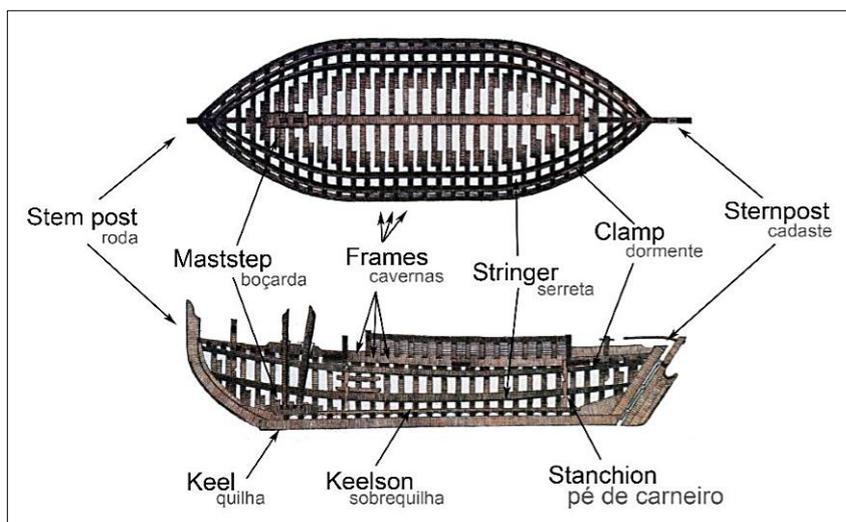
O antropólogo Pedro Agostinho desenvolveu uma linha interpretativa que explica os saveiros baianos através de um lento processo de mudanças adaptativas “da caravela redonda surgida em começos do século XVI como híbrido de nau e caravela”, associando a origem destes barcos a uma tradição do mediterrâneo tardio, que recebeu ao longo dos séculos influências holandesas, portuguesas e indígenas (AGOSTINHO, 1973, p. 115). Conforme a teoria deste autor, o método construtivo tradicional leva a um maior ou menor grau de complexidade, tamanho e tonelagem a partir das necessidades de cada região, tempo e comunidade.

Theodor Selling Júnior também corrobora para tal ideia, afirmando que os saveiros são: “(...) descendentes diretos das caravelas portuguesas, últimos remanescentes da nossa época colonial e que chegaram até nós conservados pelo tradicionalismo dos baianos” (SELLING JÚNIOR, 1976, p. 37).

Lev Smarcevski estudou os métodos construtivos de saveiros de 20 metros, produzidos pelo mestre carpinteiro João Bezerra de Taperoá (BA). Para este autor, as origens da tecnologia naval dos saveiros baianos estariam ligadas à Índia e, mais remotamente, ao Egito antigo e à China milenar, sendo que os portugueses teriam tomado contato com essas embarcações e técnicas construtivas a partir do período das ‘Grandes Navegações’ e incorporado esses conhecimentos as suas produções (SMARCEVSKI, 1996).

Discursos atuais entendem que a partir das Grandes Navegações, os contatos entre diferentes povos fizeram surgir trocas de experiências, tecnologias e conhecimentos, não sendo diferente no setor naval onde tecnologias foram imitadas e readaptadas nos contextos locais.

Figura 9. Principais componentes dos saveiros baianos elencados por Smarcevski (1996).



Fonte: Adaptação de CASTRO & DIAS, 2015, p. 419.

De acordo com Smarcevski (1996, p. 29), eram os habitats dos saveiros: Salvador, Ribeira, Baía de Aratu, Itapoã, Ilha de Maré, São Francisco do Conde, Ilha Madre de Deus, Itaparica, Salinas das Margaridas, Nagé, São Félix, Cachoeira, Nazaré das Farinhas, Maragogipinho, Jaguaripe, Barra Falsa, Mar Grande, Morro de São Paulo, Valença, Taperoá, Boipeba, Barra do Carvalho, Ilha de Kleppe, Maraú, Cajaíba, Camamu, Ilha Grande e sul da Bahia.

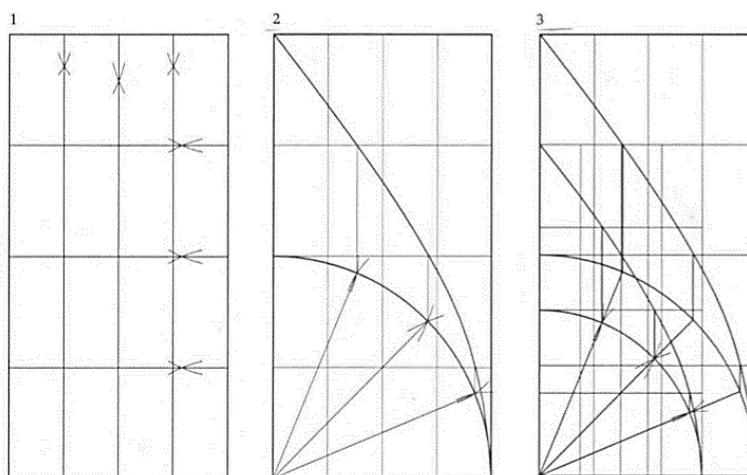
Retomando a etimologia e semântica, o autor informa que o “Saveiro origina-se de saveiro, barco usado nos rios de Portugal para a pesca do savel” (SMARCEVSKI, 1996, p. 14). Para este autor, a alma do saveiro estaria ligada ao “graminho”, pequena tábua de madeira utilizada por alguns mestres carpinteiros para o cálculo e projeção de ângulos e medidas para a construção das embarcações. Entretanto, o graminho não é utilizado por todos os mestres carpinteiros e a maioria na atualidade não conhecem essa ferramenta ou designam outras ferramentas com essa nomenclatura, principalmente em Ilhéus (BATISTA, 2020).

Figura 10. Tábua do Graminho.



Fonte: SMARCEVSKI, 1996, p. 23.

Figura 11. Explicação da confecção do graminho - ângulos e medidas para construção do saveiro.



Fonte: SMARCEVSKI, 1996, p. 41.

Atuantes e presentes na região da Baía de Todos-os-Santos ao longo de aproximadamente quatro séculos, os saveiros começam a perder espaço e visibilidade na paisagem baiana. Na década de 1950, com a descoberta de petróleo no Recôncavo pela Petrobras (Petróleo Brasileiro S.A.), uma rede de estradas asfaltadas foi implantada, mudando

a partir daí a forma de movimentação das mercadorias na região. A extinção de várias feiras livres, a proibição de atracar no mercado Modelo e a inauguração dos *ferry-boats* na década de 1970 provocou uma forte diminuição dos pontos de comércio dos saveiristas. Além disso, o século XX foi marcado pela inserção dos motores nas embarcações, fazendo com que os saveiros a vela fossem caindo paulatinamente em desuso (RIBEIRO & BOCCA, 2013).

Com base no discurso⁶ apresentado pelos órgãos ligados à preservação patrimonial no país, a intensa presença dessas embarcações ao longo dos séculos acabou por marcar a paisagem, o imaginário coletivo e o modo de vida das pessoas que se relacionavam ou que ainda se relacionam com essas embarcações. Adquirindo um certo valor mítico, os saveiros foram também celebrados por artistas como Pierre Verger, Dorival Caymmi, Jorge Amado, Carybé e Gilberto Gil, o que é possível perceber por meio de textos imagéticos, escritos e cantados sobre a Baía de Todos-os-Santos.

São encontradas várias fotografias das décadas de 1930 a 1950 na rampa do Mercado Modelo em Salvador nas quais é possível observar saveiros e a grande circulação de pessoas e mercadorias que ocorria entre o Recôncavo e a capital. Essas imagens e esse cotidiano inspiraram e inspiram artistas e romancistas até hoje, associando os saveiros a um *ethos*⁷ de baianidade.

⁶ Nesta pesquisa adotamos o conceito de discurso formulado por Michael Foucault “(...) o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1970, p. 9-10).

⁷ ANTHROP.: “Disposição, caráter, valores, ideias ou crenças fundamentais e peculiares a determinado povo, cultura ou época que influenciam suas manifestações e expressões artísticas e culturais”. Fonte: Dicionário Michaelis. Acessado em Outubro/2023.

Figura 12. Saveiros na Festa do Senhor Bonfim.



Autor: Pierre Verger (entre 1946 e 1948). Fonte: Fundação Pierre Verger.

Figura 13. Desembarque de Produtos em Salvador.



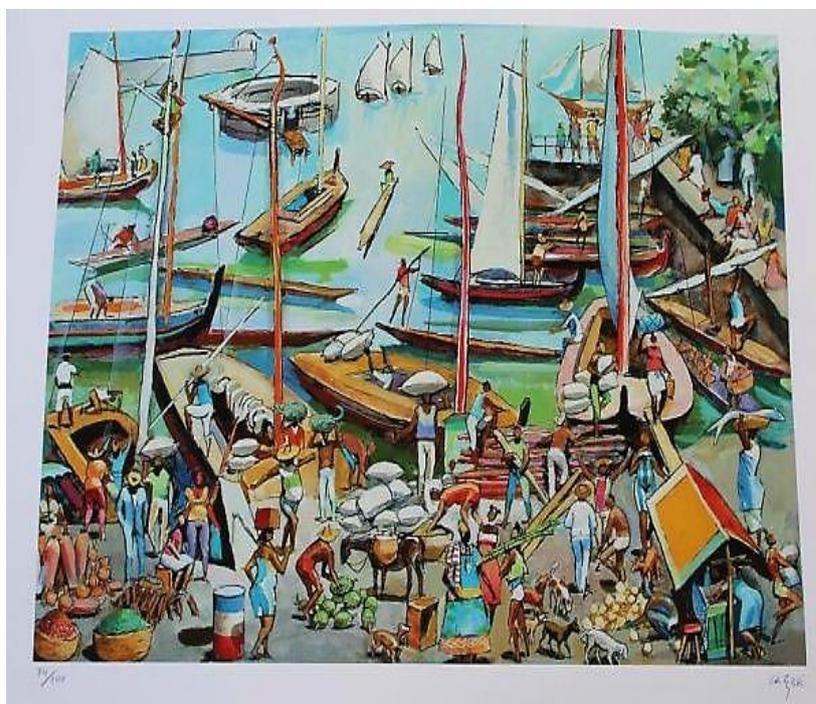
Autor: Pierre Verger (entre 1946 e 1948). Fonte: Fundação Pierre Verger.

Figura 14. Rampa do Mercado Modelo, Salvador (ano desconhecido).



Fonte: Museu Tempostal – DIMUS/IPAC.

Figura 15. “Rampa do Mercado Modelo” (Salvador).



Autor: Carybé (1995), medidas 42x32cm⁸.

⁸ Fonte: <https://www.akaiaka.com.br/peca.asp?ID=6125185> Acessado em 01 agosto 2022.

No começo do século XXI, estimativas mostravam que restavam cerca de “26 *saveiros de vela de içar na Bahia, desde a Baía de Todos-os-Santos até Ilhéus, passando por Morro de São Paulo e Camamu*” (ZACARIAS, 2001, p. 01). Já entre os anos de 2008-2010, em levantamento realizado pela *Associação Viva Saveiro* no Recôncavo Baiano, foram contabilizados 22 (vinte e dois) saveiros baianos de vela de içar (conforme podemos visualizar no Tabela 1, sendo que dois destes já estavam fora de circulação devido ao elevado grau de deterioração. Em uma lista com atualização mais recente de 2021 são mencionados 29 saveiros (Tabela 2); todavia, não se sabe se todos os saveiros mencionados ainda existem.

Tabela 1. Listagem dos Saveiros de Vela de Içar do Recôncavo Baiano e mestres, elaborada pela Associação Viva Saveiro⁹ (2010).

No.	Saveiro	Fecham.	Popa	Compr.	Boca	Mestre	Domicílio	Fabr.
1	15 de Agosto	Aberto	Torada	11,40	3,90	Joquinha	Ilha de Maré	1950
2	Cruzeiro da Vitória	Aberto	Torada	13,75		Xagaxá	Coqueiros	1920
3	É da Vida	Tijupá	Torada			Carlinhos	Maragogipinho	
4	Feliz Ano Novo I	Aberto	Torada	13,00	4,00	Dorival	Coqueiros	1955
5	Fenix	Aberto	Torada	14,00	4,00	Chiquinho	Coqueiros	
6	Flor do São Francisco	Aberto	Torada	11,50	3,50	Bode	Coqueiros	1954
7	Garboso	Aberto	Torada	11,80	3,50	Buru	Coqueiros	1910
8	Ideal	Aberto	Lancha	15,25	4,90	Memeu	Coqueiros	1930
9	Itapira	Aberto	Rabo de peixe	16,50	4,50	Memeu	Coqueiros	
10	Joia Rara (pequeno)	Tijupá	Torada			Aristides	Ribeira	
11	Mearim	Aberto	Torada	13,50	4,00	Peu	Nagé	
12	Mi-Nai	Aberto	Torada	13,00	4,00	Memeu	Coqueiros	
13	Namorado (pequeno)	Aberto	Torada			Orlando	Enseada	
14	Novo Cruzeiro	Aberto	Torada	13,00	4,00	João Merico	Nagé	
15	Rei do Oriente	Aberto	Torada			Gabinete	Coqueiros	
16	Rompe Nuve	Aberto	Rabo de peixe	17,00	4,30	Neto	Coqueiros	
17	Sempre Feliz	Aberto	Torada	11,20	3,50	Bateco	Coqueiros	1971
18	Sonho Meu	Aberto	Torada	10,50	3,50		Coqueiros	
19	Sombra da Lua	Tijupá	Torada	12,50	4,00	Jorge	Porto da Pedra	1923
20	Tupy*	Aberto	Torada	14,80	4,50	Bemo	Bom Jesus Passos	1900
21	Vencedor das Lutas*	Aberto	Torada	13,00	4,00	Lindú	Enseada	
22	Vendaval II	Tijupá	Torada	14,00	4,60	Toninho	Maragogipe	1947

* Fora de atividade, em "reformas" há bastante tempo.

Fonte: WEISSHEIMER, 2010, p. 5.

⁹ Na tabela 1, o saveiro Sombra da Lua (nº 19) corresponde à embarcação tombada pelo Iphan no ano de 2012.

Tabela 2. Relação mais recente dos Saveiros de Vela de Içar realizado pela Associação Viva Saveiro (2021).¹⁰

RELAÇÃO DOS SAVEIROS DE VELA DE IÇAR DO RECÔNCAVO					
Saveiro	Mestre	Compr.	Domicílio	Fabr.	Quant. de barcos
Cruzeiro da Vitória	Xagaxá	13,75	Coqueiros	1920	10
Deixe Minha Vida	Memeu	13			
Feliz Ano Novo I	Lorão	13		1955	
Fênix	Chiquinho	14			
Flor do São Francisco	Françuaá	11,5		1954	
Ideal	Memeu	15,25		1930	
Itapira	Memeu	16,5			
Rei do Oriente	Gabinete				
Rompe Nuvem	Neto	17		2009	
Sonho Meu	Fernando	10,5			
Mearim	Peu	13,5	Nagé		3
Novo Cruzeiro	João Merico	13			
Vencedor das Lutas	Sergio	13			
A Viagem	Binho	9	Maragogipe		3
Feliz no Oceano	Corcoran	10			
Tupy	Manuel	14,8		1990	
15 de Agosto	Expedito	11,4	Ilha de Maré	1950	3
Garboso	Buru	11,8		1910	
Sempre Feliz	Nelson	13		1971	

¹⁰ Esta lista contendo o que seria os “últimos saveiros” da Bahia, revela um aspecto importante a ser analisado, o nome das embarcações. Nesta pesquisa não conseguimos desenvolver esta temática, conforme poderá ser melhor verificado no Capítulo 4 que discorre sobre as entrevistas, já que se tratou de encontros pontuais e limitado aos saveiristas de Jaguaripe (BA). Entretanto, acreditamos que possa representar uma temática rica podendo revelar valor simbólico e presumindo-se que existam histórias atraentes para seu estudo etnográfico, o que poderá ser melhor desenvolvido em outro momento ou por outros trabalhos.

Sombra da Lua	Jorge	12,5	Porto da Pedra	1923	1
Saudades	Guidu	18	Cacha Pregos	2007	1
Joia Rara	Aristides	7	Ribeira		1
Amigo de Verdade	Antonio	8,7	Jaguaripe	2018	7
É da Vida	Jailton	12,2			
Mensageiro do Destino	Marivaldo	16		2010	
Mestre Carlito	Bira Portugal	9			
O Marujo	Cleidinei	7		2020	
Sombra e Água Fresca	Nem Portugal	6,7		2012	
Teike Rize	Luciano	9		2011	

Ainda em 2010, a partir da solicitação da *Associação Viva Saveiro*, o IPHAN procedeu ao tombamento¹¹ do saveiro “Sombra da Lua”, sendo o barco registrado no *Livro de Tombo Histórico, das Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico*. Conforme a análise do Parecer Técnico Processo Iphan nº 1.615-T-2010, o barco foi considerado um exemplar que aprestava autenticidade, sendo considerado agora um representante dos últimos saveiros da Bahia (WEISSHEIMER, 2010).

De acordo com o citado parecer, os saveiros podem ser assim descritos:

Também conhecido como “barco do recôncavo” ou “lança do recôncavo”, sua principal singularidade está na curvatura da roda de proa, complementada pela presença dos frades nas duas laterais da proa. Podem ser de carga ou de pesca, com variações tipológicas entre eles. Atualmente, só existe o de pesca, de menores dimensões (e ainda em maior quantidade), com uma ou, já raramente, duas velas latinas e o de carga, de dimensões que variam na atualidade entre 11 e 17 metros, com um mastro e utilizando-se de vela quadrangular com bujarrona à proa. (WEISSHEIMER, 2010, p.03).

¹¹ “O tombamento é um dos dispositivos legais que o poder público federal, estadual e municipal dispõe para preservar a memória nacional (...) Entre as diversas formas de proteção, o tombamento é o instrumento mais conhecido e utilizado. O tombamento de um bem cultural significa proteção integral, sendo uma das ações mais importantes relacionadas à preservação de um patrimônio de natureza material. O Iphan atua de acordo com o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, na preservação e difusão dos bens culturais materiais”. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9> Acessado em 18 Setembro/2022.

Figura 16. Saveiro Sombra da Lua, tombado no ano de 2010 pelo Iphan.



Autor: Nilton Souza. Fonte: RIBEIRO & BOCCA, 2013, p. 85.

No entanto, a iniciativa de tombiar apenas um exemplar, deixando de fora um conjunto de embarcações e pessoas relacionadas aos saveiros gerou um mal-estar entre as comunidades saveiristas, abrindo caminho para uma série de questionamentos relacionadas às políticas de preservação patrimonial. Tal ato foi criticado principalmente pela *Associação dos Saveiros de Vela de Içar da Bahia*, criada em 2013 na localidade de Coqueiros – Maragogipe (BA)¹².

Segundo Passos (2014), a ausência de pesquisa etnográfica e historiográfica mais profunda no âmbito deste processo pode ter levado ao tombamento de um saveiro mais novo do que o informado, conforme relata:

Entretanto, a pesquisa etnográfica junto aos saveiristas de Coqueiros-Maragogipe traz a tona vários aspectos que colocam em questão a patrimonialização do saveiro Sombra da Lua, na medida em que aqueles saveiristas questionam a historicidade e autenticidade desta embarcação em comparação com outras. Fato constatado na pesquisa realizada na Capitania dos Portos da Bahia, Seção de Registro de Embarcações, local que encontramos a existência de 07 (sete) embarcações registradas, no século XX, com o nome "Sombra da Lua", sendo duas em destaque, uma registrada na década de 40 e outra na década de 70.

¹² Associação dos Saveiros de Vela de Içar da Bahia, fundada em 16 de abril de 2013, composta por 17 saveiros, importantes mestres saveiristas de Coqueiros - Maragogipe e mais 18 pessoas da comunidade desta cidade do Recôncavo Baiano (PASSOS, 2014).

A primeira, de propriedade do Sr. Julio Cândido da Silva, embarcação que foi vendida na década de 60, do século XX, para o sul da Bahia e que não temos notícias de sua posterior trajetória. E a segunda, registrada em 1979, de propriedade do Sr. Bartolomeu Brito, embarcação que foi comprada pela Associação Viva Saveiro em 2008, restaurada e apresentada ao IPHAN como tendo 83 anos para ser tombada. (PASSOS, 2014, p. 136).

Este ato de tombamento demonstra ainda uma certa invisibilidade dos atores associados aos saveiros pelos órgãos ligados a cultura, já que a maioria dos saveiristas não participaram desse processo de tombamento, tornando o ato desprovido de significado para esses grupos. Seguindo do silêncio do IPHAN sobre medidas complementares, não propondo nenhuma outra ação em favor dos saveiros ou dos saveiristas.

Durante décadas não são notadas políticas públicas voltadas à preservação da história naval brasileira. O Projeto Barcos do Brasil criado em 2008 pelo governo federal, IPHAN e Marinha do Brasil (e seus parceiros institucionais) vem tentando preencher essa lacuna de políticas no âmbito da preservação naval, no entanto este projeto em muitos aspectos ainda privilegiou os artefatos em detrimento do fator humano (PASSOS, 2014).

No âmbito deste projeto foram tombados:

Luzitânia - Canoa de tolda utilizada na região do baixo rio São Francisco, em Sergipe.
Dinamar - Canoa costeira que navega na Baía de São Marcos, no Maranhão.
Sombra da Lua - Saveiro de vela de içar, do Recôncavo Baiano.
Tradição - Canoa pranchão utilizada nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.
(Portal IPHAN)¹³

Esta política patrimonial no Brasil seguiu o exemplo de outros países ligados a história da navegação, especialmente da Europa que desde 1990 iniciaram projetos no âmbito da preservação do patrimônio naval como por exemplo, Portugal, Espanha, França, Itália e Inglaterra.

¹³ Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/413/> Acessado em 13 Agosto 2022.

CAPÍTULO II - APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 Referencial Teórico

O patrimônio cultural e as políticas públicas: uma breve revisão historiográfica

A noção de patrimônio cultural cunhada no mundo ocidental está ligada à formação dos Estados modernos e à construção de uma identidade nacional. A própria ideia de nação como comunidade imagética formulada no pós Revolução Francesa com influência dos pensadores iluministas necessitava de uma materialidade representativa; nesse momento, monumentos, edifícios, obras de arte, assim como “heróis” são investidos de um certo poder sacralizado como símbolos nacionais, como representantes de uma herança coletiva (NOGUEIRA, 2014).

No Brasil, o movimento modernista representa um dos marcos idealizadores de um projeto de cultura nacional embasado em uma dialética do local e do universal, pensado a partir de um *ethos* civilizatório, elitista e eurocêntrico. (CANDIDO, 2000).

Durante muito tempo, o patrimônio tem sido descrito e gerido por estratégias políticas governamentais, principalmente por meio da atuação do IPHAN, o que faz com que este tema esteja impregnado pela visão do órgão e do Estado, sendo possível perceber a construção histórica e os limites deste discurso oficial. Um dos problemas observados diz respeito à seleção dos bens que devem ser valorados e preservados, estando esta versão durante longo período de tempo, conforme mencionado, impregnado por uma visão elitista e eurocêntrica, necessitando de constantes debates e revisões.

A canonização da arquitetura monumental, do barroco e da mestiçagem como evidência do *ethos* nacional chegara à década de 1980 ainda plena de vitalidade, assim como a herança autoritária e excludente das práticas de eleição patrimonial, concentrada nos técnicos e na aparente neutralidade de suas escolhas, derivadas sobretudo da descrição formalista e estilística dos monumentos artísticos. (MARINS, 2016, p. 11).

Desta forma, a noção de patrimônio nacional foi moldada pela produção, gestão e imposição de determinados bens que traduziriam a memória coletiva da nação (SANTOS, 1996). Em outras palavras, “isso significa dizer que os bens tombados e reconhecidos como ‘patrimônio nacional’ não são dados naturais, mas sim produtos das práticas culturais que os engendram” (SILVA; DELGADO, 2011, p. 2).

A noção de patrimônio cultural selada na Constituição Federal de 1988 marca até hoje o direcionamento e as políticas públicas ligadas ao tema. O tombamento, o inventário e o registro dos bens culturais são os mecanismos centrais pelos quais essa política opera (CHUVA, 2009; FONSECA, 1997; NOGUEIRA, 1995, 2005; RUBINO, 1991).

Conforme a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216,

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Brasil, 1988).

O Decreto de nº 3.551 de 2000 que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial veio para tentar sanar uma lacuna histórica de inclusão de um conjunto de práticas mais populares como festas e celebrações, saberes e ofícios, formas de expressão e lugares de referência cultural. Todos ainda pensados enquanto referenciais constitutivos da “memória, identidade e formação da sociedade brasileira (NOGUEIRA, 2014). Os bens que recebem o título de patrimônio do Brasil são agrupados em quatro livros: *o Livro de Registro dos Saberes; o Livro de Registro das Celebrações; o Livro de Registro das Formas de Expressão; e o Livro de Registro dos Lugares.*

Atualmente o Registro e o Inventário (modalidades de inscrição de patrimônios culturais) buscam superar as ideias de “autenticidade” e “imobilismo” ligados ao ato do tombamento. Visando acompanhar os processos históricos, o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial devem ser revistos a cada dez anos com a possibilidade da sua revogação. Conforme a Resolução nº 001, de 03 de agosto de 2006, artigo 18, “§ 2º Negada a revalidação do título pelo Conselho Consultivo, o Registro do bem será mantido como referência cultural de seu tempo”.

No entanto, a possibilidade de revogação desses registros coloca em xeque a possibilidade de mudanças e transformações pelas quais essas práticas podem sofrer ao longo do tempo.

Um dos exemplos que podemos destacar dessa mudança epistemológica é o registro do Ofício das Baianas de Acarajé como um saber tradicional, realizado no ano de 2005 pelo IPHAN (inscrito no Livro de Registro de Saberes, Inscrição nº 6, de 01/14/2005). Trata-se do

saber-fazer associado à venda de comidas típicas das baianas realizadas em tabuleiro no comércio de rua, prática realizada desde as negras escravizadas e libertas, sendo que o acarajé está ligado à tradição das religiões de matriz africana.

Fazendo uma retrospectiva histórica, podemos avaliar que as grandes mudanças epistemológicas dentro dos debates em torno do patrimônio cultural dizem respeito à mudança de foco que antes estava direcionada as ‘coisas’ e agora precisa estar centrada no sujeito (protagonistas perante a lei) porque é através das pessoas que as coisas ganham sentido e valor quando ligadas a noção de memória e identidade (MENEZES *apud* SCHLEE *In.*: BRASIL, 2018).

Com os avanços teórico-metodológicos no âmbito das Ciências Sociais, percebe-se que o estudo das culturas materiais anda de *mãos dadas* com os saberes e os significados a eles associados (TRIGGER, 1989). Nesse sentido, não existe patrimônio material sem suporte simbólico que o produza e o decodifique, sendo o patrimônio material e intangível faces de uma mesma moeda (FONSECA, 2009, p. 68).

Marcia Sant’ana (2009), discorre sobre as diferentes concepções do conceito de patrimônio formulado pela cultura oriental e ocidental. Enquanto no Ocidente durante muito tempo demos primazia aos bens materiais, aos monumentos e artefatos produzidos no âmbito das sociedades humanas, no Oriente temos uma visão mais voltada aos detentores dos conhecimentos relacionados ao *saber-fazer*. Nesse sentido, as políticas públicas de preservação não se voltam somente aos bens materiais, mas principalmente a valorização das pessoas, aos detentores de um conhecimento que precisava ser preservado e transmitido a outros, permitindo assim a continuidade da tradição cultural no presente.

Diante dos exemplos orientais, algumas iniciativas foram tomadas no Ocidente visando a preservação do conhecimento tradicional, como exemplo temos o projeto “Tesouros humanos vivos” da UNESCO¹⁴ implementado na França em 1994, baseado em uma política de apoio aos mestres de ofícios tradicionais que buscava viabilizar as condições materiais para que o bem cultural não viesse a se perder e que o conhecimento fosse transmitido a aprendizes.

¹⁴ “Criado em 1993 e descontinuado quando a Convenção de 2003 entrou em vigor, o programa Tesouros Humanos Vivos visava incentivar os Estados-Membros a concederem reconhecimento oficial a talentosos portadores de tradições e profissionais, contribuindo assim para a transmissão dos seus conhecimentos e competências às gerações mais jovens. Os Estados selecionaram essas pessoas com base nas suas realizações e na sua vontade de transmitir os seus conhecimentos e competências a outros. A seleção baseou-se também no valor das tradições e expressões em causa como testemunho do génio criativo humano, das suas raízes nas tradições culturais e sociais, do seu carácter representativo para uma determinada comunidade, bem como do seu risco de desaparecimento”. Fonte: UNESCO - <https://ich.unesco.org/es/tesoros-humanos-vivos> Acessado em: Agosto/2023.

Em suma, percebe-se que cada época vai elaborar diferentes concepções de patrimônio cultural para responder as diferentes problemáticas impostas pelo seu tempo. Na atualidade, o patrimônio pode ser entendido enquanto sinônimo de legado cultural do passado, parte crucial da história e símbolo de representação, pertencimento, memórias e identidades ligadas a ideia de Estado-nação. No entanto, também configura um campo complexo em constante mutação, envolto em contradições e disputas de poder (NOGUEIRA, 2014).

Ao tratarmos o tema pelo viés historiográfico, percebe-se que “a história do patrimônio é amplamente a história da maneira como uma sociedade constrói seu patrimônio” (POULOT, 2009, p. 12).

Diante do exposto, entende-se que os bens culturais não são dados naturais, mas sim construções discursivas portadoras de cargas ideológicas. Por isso, na atualidade muito se discute sobre a necessidade da construção de um pensamento decolonial com o qual se problematize e se desnaturalize as concepções até então cristalizadas (SILVA; DELGADO, 2011).

A retórica da perda

José Reginaldo Santos Gonçalves (1996) nos traz importantes reflexões para o entendimento da retórica da perda que se estabelece nos discursos de criação e sustentação do patrimônio cultural no Brasil. Utilizando-se da ideologia da perda, os historiadores, antropólogos e intelectuais brasileiros “criam” os patrimônios nacionais por meio da construção de discursos e de atos embasados na homogeneização das culturas e do passado.

Através da descortinação das políticas implementadas pelo SPHAN através da atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães, o autor percebe que diferentes estratégias discursivas desta invenção cultural acontecem por meio das categorias de objetificação, apropriação, alegoria e autenticidade.

A objetivação acontece por meio de uma lógica cultural ocidental de tratar fenômenos não materiais (como o tempo) como se fossem objetos físicos existentes (HANDLER, 1984). Dessa forma, esses fenômenos não materiais são percebidos enquanto naturalizados, independente das ações e propósitos humanos (GONÇALVES, 1996).

O autor nos apresenta a ideia de história, cultura e nação como narrativas criadas e reinventadas por quem detém o poder da palavra, a autoridade de validação do real, como os

historiadores, antropólogos, etnólogos e instituições de salvaguarda cultural, como se tais narrativas não fossem uma interpretação do real.

O enredo torna possível a apresentação dos eventos históricos como um todo coerente interconectado, sendo que habilita o historiador a apresentar o que White chama de acontecimentos caóticos e arbitrários como uma totalidade significativa. Os historiadores impõem sobre tais acontecimentos uma estrutura ficcional que os re(a)presenta como se possuíssem em si mesmos atributos de coerência e objetividade. (GONÇALVES, 1996, p. 16).

Nesse contexto, é importante apreender essas produções como um certo gênero de prosa, como um processo de “invenção” das culturas e não como apreensão do real, já que seguindo o entendimento formulado por Geertz (1973), as culturas ou sociedades estudadas não são entidades preexistentes, concretas e coerentes, esperando para serem representadas pelos etnógrafos. Todavia, essa interpretação não invalida o trabalho formulado pelos estudiosos, apenas revela que se trata de interpretações do real (GONÇALVES, 1996).

A nação é compreendida enquanto um objeto do desejo, percebida por meio da sua ausência. “É o distanciamento mesmo desses bens culturais no tempo e no espaço, através da retórica da perda, que os transforma em “objetos de desejo”, “objetos autênticos”. (GONÇALVES, 1996, p.111).

Em outras palavras, temos:

As práticas de conservação e restauro desses acervos como objetos de desejo, promovem um permanente desejo de autenticidade. Desejo insaciável de resgatar um passado histórico, mítico, em função de um futuro de redenção, em decorrência do sentimento de perda, de ameaça de destruição da memória de valores patrimoniais e das instituições que os produziram como, por exemplo, valores familiares, religiosos, científicos, artísticos, entre outros. Esses desejos, à guisa de máquinas desejantes, com base nos processos de subjetivação que incidem nas pulsões inconscientes, promovem alegorias no pensamento que se orienta, obsessivamente, para a reconstrução do passado, num plano imaginário, fantasioso. (MAGNAVITA, 2008, p. 72).

A História percebida pela lógica do tempo cronológico aparece como um processo contínuo de destruição da cultura, objetos, valores, identidade e memória nacional. Entretanto, ao mesmo tempo em que esse discurso se lamenta da perda, ele os cria e reafirma, sustentando os discursos de preservação do patrimônio cultural.

Esse sentimento de perda leva ao desejo da autenticidade, a raridade, e o distanciamento dos objetos no tempo e no espaço os transforma em objetos de desejo de uma cultura ou tradição que estaria se perdendo. Neste jogo, a nação é retirada da história, transformando-se em objeto

de desejo, como se a nação fosse uma entidade estável, permanente, dotada de coerência e continuidade (GONÇALVES, 1996).

Rodrigo Melo Franco de Andrade vai atuar no antigo SPHAN (Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) entre 1937-1970, o que ficará conhecido como período heroico marcado por uma política hegemônica. Nesta ótica havia uma necessidade de conscientização para a preservação: “(...) as pessoas tinham de ser persuadidas até mesmo da existência de um patrimônio histórico e artístico brasileiro” (GONÇALVES, 1996, p. 50).

Aloísio Magalhães vai atuar no mesmo órgão (1979-1982) por meio de um processo de reformulação ideológica da política oficial do patrimônio cultural quando substitui o “patrimônio histórico e artístico” utilizado por Rodrigo pela noção de “bens culturais”, acrescentando ainda a ideia de diversidade cultural. Esses bens culturais são produzidos pelo povo e, por isso são considerados como autênticos, apresentados enquanto objetos fixos e exemplares (GONÇALVES, 1996).

Neste momento ocorre a defesa dos monumentos “como signos visuais de uma condição civilizada” (GONÇALVES, 1996, p. 65) e se institui o tombamento como política preservacionista. Tanto na narrativa de Rodrigo quanto na de Aloísio, a nação é objetificada na busca e formulação de uma identidade nacional.

A dramatização da perda desses bens culturais ameaça a estabilidade da nação sempre em situação de fragilidade diante do progresso e do futuro transformador e da história transitória.

Etimologicamente a palavra patrimônio está relacionada a bens materiais herdados do pai ou familiares. Essa metáfora está ligada ao “individualismo possessivo” do século XVII (MACPHERSON, 1962; HANDLER, 1988;). Nesse sentido, as nações seriam possuidoras de suas propriedades coletivas ou patrimônios culturais. Essa metáfora é utilizada para designar monumentos, documentos, lugares, relíquias, obras de arte, assim como festas, rituais, comidas, artesanato. Sendo objetificados todos servem para exibição e contemplação de alguma propriedade, relacionada ao indivíduo que possui.

Nesse sentido, a apropriação leva a metáforas visuais da cultura sendo apresentada como “uma coisa” (HANDLER, 1988) ou “exibição” (MITCHELL, 1989). É por meio da exibição da cultura objetificada (objetos e práticas sociais) que ocorre nas narrativas do patrimônio cultural, o “efeito de realidade” (BARTHES, 1988, 141-148). A cultura objetivificada valida o real das narrativas da nação enquanto concreta.

Assim, “o patrimônio cultural pode ser entendido como uma alegoria visual em dois sentidos: pelo uso de meios visuais; mas, também porque, enquanto alegoria, ele ilustra e

reproduz o princípio epistemológico do conhecimento como um produto do olho”. (GONÇALVES, 1996, p. 84).

Conforme a teoria literária, a alegoria é um gênero no qual se narra uma história com forte apelo ao sentimento de perda e transitoriedade onde se busca resgatar um passado histórico, heroico e mítico (BENJAMIN, 1977; DE MAN, 1977).

Estas construções discursivas são tratadas como atos (enquanto “performances alegóricas”) que contextualiza como esses intelectuais forjam as noções de identidades e memórias para a nação, segundo os seus próprios códigos políticos e socioculturais, definidos por Gonçalves (1996) como “estratégias de objetificação cultural”. Abrindo um debate para as consequências práticas e simbólicas desses atos, indagando: quem tem autoridade para dizer o que é patrimônio cultural no Brasil, quem tem autoridade para preservar e como esta autoridade é socialmente construída?

Algumas premissas antropológicas

Tim Ingold (2019) nos ensina que as vidas humanas não começam unidas pela natureza e são divididas pela cultura (p. 41), pelo contrário, em um mundo de variação contínua, seguimos entre convergências e divergências durante todo o ciclo da vida, afirmando então, que “a diferença é a cola que nos une a todos” (p. 42), sendo essa a lição da antropologia hoje.

Por meio de uma visão otimista, o autor afirma que a antropologia precisa atuar como uma forma de valorizar, dar voz e dialogar com os outros. Por meio do que ele chama de ‘ética do cuidado’, devemos levar os outros a sério, notando suas singularidades, tornando-os presentes na pesquisa e possibilitando trocas de experiências.

Nesse contexto, os antropólogos precisam superar a objetificação do “outro”, quando muitas vezes as pessoas nas pesquisas são tratadas como meras informantes, quando se esquece da troca de experiências e de que devemos tratar os sujeitos com os quais atuamos como professores para que possamos aprender sobre os seus modos de vida, suas motivações, interpretações e significados, possibilitando um mundo sem hierarquia de verdades, em um mundo no qual haja espaço para todos e construído por todos.

A vida em sociedade é compreendida enquanto um processo contínuo e coletivo de descobrir como viver, de testar e experienciar caminhos. Para além de nossas ideologias/identidades, estamos sempre diante de construir caminhos perante a subsistência.

Entendendo os seres humanos como biossociais, com o ser social e biológico como complementares e não dicotômicos.

O campo antropológico então se constitui como abordagens de experiências vividas, sendo passíveis de comparações e aprendizados, percebendo o mundo enquanto um campo de variações históricas em constante desenvolvimento nos quais grupos encontram respostas singulares para construir o seu viver que podem apresentar tanto similaridades quanto diferenças em suas comparações.

Portanto, o que se intenciona é uma antropologia especulativa e experimental, descritiva e analítica, sendo que a sua maior contribuição está no seu potencial de transformar vidas e não na sua literatura. Assim, “a antropologia é maneira de estudar com as pessoas ao invés de produzir estudos sobre elas” (INGOLD, 2019, p. 103).

O autor ainda nos alerta sobre a combinação explosiva no qual os conceitos de raça e cultura podem se configurar por meio dos princípios do essencialismo e da herança, o primeiro acontece quando categoricamente definimos um grupo por terem certas características em comum e o segundo é quando atribuímos essas características aos indivíduos a cada geração, independentemente de suas novas formas de existência no mundo. “O mecanismo de transmissão pode ser genético ou imitativo, as características inatas ou adquiridas”. Essa lógica ainda permanece fortemente arraigada à formação antropológica, associada ao pensamento essencialista (INGOLD, 2019, pp.108-109).

Os conceitos de identidade e comunidade também podem se revelar problemáticos. Ao mesmo tempo que participamos de comunidades, apresentamos diferenças por meio de identidades múltiplas e fluidas. No entanto, o Estado Moderno não tolera essas diferenças entre os cidadãos, nos cobrando obrigações e atribuindo igualdade para nos conceder direitos.

É uma contradição que tende a emergir sempre que a comunidade se sente ameaçada pelo poder do Estado. Em tais ocasiões as pessoas são chamadas a afirmar o seu senso de diferença em termos atributivos. Isso implica em reformular as próprias relações, a partir das quais essas derivam o seu sentido de pertencimento, como as expressões exteriores de propriedades internas, herdadas que lhe pertencem. Trata-se de transformar o “nós” da comunidade em “pessoas como nós”, unidas contra eles na defesa de um patrimônio ou essência cultural comum. Aqui estão os fenômenos das raízes da etnicidade. (INGOLD, 2019, p.45).

Assim, quando a comunidade se sente ameaçada pelo poder do Estado, as pessoas são chamadas a firmar o senso de diferença, reformulando o sentido de pertencimento. “Trata-se de uma busca por um lugar comum, não da defesa de um patrimônio existente”. (INGOLD, 2019, p. 47).

Etnicidade

Conforme o antropólogo Munanga (2004), a variabilidade humana é um fato incontestável, nesse sentido os conceitos de raça, identidade e etnia servem como classificações e ferramentas para operacionalizar o pensamento humano.

Após vigorosas revisões bibliográficas, toda a problemática envolvendo o conceito de racismo e eventos históricos catastróficos como a escravização em massa de africanos, a II Guerra Mundial e o holocausto, atualmente admite-se que biologicamente, as raças não existem.

Entretanto, o conceito de raça ainda é utilizado em debates sociais e discursos científicos, levando em consideração a sua carga ideológica relacionada ao poder e a dominação determinado por estruturas globais da sociedade. O racismo atual de forma velada tem se alimentado da noção de etnia devido ao lexical mais aceitável.

De maneira reducionista e simplista, o autor afirma:

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2003, p. 12).

Todavia, as etnias não são entidades estáticas, elas possuem história e estão se transformando no tempo e no espaço, admitindo-se falar em novas etnias ou etnias contemporâneas.

Nesse contexto, algumas culturas particulares escapam em parte da cultura globalizada e se posicionam em processo de resistência. Para o autor, nessas culturas de resistência se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados.

São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc. Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil. (MUNANGA, 2003, p. 14).

Tomando dois autores como referência nessa discussão sobre etnicidade, Fredrick Barth e Manuela Cunha, podemos traçar alguns paralelos contemporâneas sobre a temática, pensados a partir da modernidade e pós-modernidade.

Uma das revisões em voga na atualidade admite que não existe comunidade que não seja miscigenada, rejeitando assim a ideia de raças ou etnias puras. Após a II Guerra Mundial, o conceito de cultura passou por uma reformulação, sendo entendido agora como consequência da organização de um grupo étnico, negando a noção de que a cultura deveria ser a obrigatoriamente compartilhada por uma ancestralidade.

Formulando assim um novo conceito para os grupos étnicos na antropologia, passando a ser compreendidos enquanto formas de organização social (que se modificam), identificados como tal pelos próprios membros e pelos outros. “Os grupos étnicos são categorias adscritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos”. (BARTH, 1969, p. 11).

Essa identidade étnica é definida por adscrição, por exemplo: é cigano quem se considera cigano e é assim considerado pelo grupo. Pelo critério da distinção, criam as suas regras de inclusão e exclusão.

Perante a alteridade, em situações de contato com outras culturas que os grupos se reconhecem e se reafirmam. De acordo com Barth (1969) é nas situações de fronteira que a identidade é mais operante e os traços distintivos marcados.

Assim, compartilhar uma cultura é consequência da etnicidade e não a sua explicação, sendo então, um produto da etnicidade. Na atualidade, a cultura é compreendida como dinâmica, sendo constantemente reinventada, não é algo pronto ou acabado. Trata-se de um fluxo ou fluxos que apresentam contradições e incoerências porque é distribuída de maneira desigual, podendo ser percebida enquanto um precipitado de experiências já que as pessoas que fazem parte de um mesmo grupo recebem e resignificam essa cultura de maneira singular por meio de suas vivências. Assim, seria necessário, olhar as experiências que formam a cultura, tomando-a como um mecanismo de resposta (BARTH, 1969).

Importante observar que a antropologia geralmente vinculou a cultura a identidade, definindo um povo por meio das suas manifestações culturais, por exemplo. Entretanto, Barth percebe que a cultura pode mudar e esse mesmo povo permanecer enquanto grupo.

Por esse viés, as tradições culturais se perpetuam como podem diante dos novos arranjos históricos e sociais, sendo que os grupos étnicos recorrem a uns ou outros traços culturais que servem como sinais diacríticos para uma reinvidicação indentitária pertinente no momento/situação. Um mesmo grupo pode usar filiações identitárias diferentes, dependendo dos interesses específicos que precisam exibir no presente.

Diante do exposto, percebe-se que a etnicidade opera por meio de reivindicações culturais que toma forma em causas e organizações políticas.

Memória Social

As discussões em torno de cultura, nação e patrimônio cultural estão fortemente atreladas aos debates em torno das memórias sociais.

Um dos grandes expoentes nos estudos relacionados à memória social é o filósofo e sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877 - 1945). A partir das suas reflexões, podemos entender a memória enquanto um fenômeno social construído na coletividade e reproduzido ao longo do tempo por meio do compartilhamento de valores, ideologias e significações. Para este autor, a memória individual (se é que ela existe) é construída no interior de um grupo, fazendo dela coletiva e histórica.

O sociólogo e historiador austríaco, Michael Pollak (1948 - 1992), compreende a memória enquanto um fenômeno social, construído e organizado a partir do presente. Este autor admite a existência de uma memória individual que é formada a partir da coletiva.

Para o intelectual alemão, Andreas Huyssen (2000), a memória é viva, ativa e incorporada ao social, presente tanto nos indivíduos, quanto na família, grupos, nações e regiões. Ela vai se constituindo por meio de narrativas que marcaram as vivências em grupo, legitimando, reforçando e reproduzindo a identidade (CRUZ, 1993).

Segundo Maurano (2016), a memória é sempre transitória, pois sempre é acessada e reeditada a partir do momento de rememoração, além de apresentar mecanismos psíquicos relacionados a interações entre o consciente e o inconsciente como o recalque. Assim, a memória revela um aspecto não confiável, passível de esquecimentos por ser humana e social.

Contudo, se admitirmos que a nossa realidade é construída e interpretada a partir da nossa psique, fica claro que tudo ao nosso redor está fortemente carregado de subjetividades, nesse caso, não precisamos tomar a subjetividade como algo a ser superado, mas como um elemento inerente a todo o campo de investigação no qual o elemento humano esteja implicado, admitindo a existência de um campo ligado às “ciências da subjetividade” e à impossibilidade de uma neutralidade científica (MAURANO, 2016).

Para Jô Gondar (2016), existe uma dificuldade em se estabelecer um conceito pronto para a memória social. Esta, ao articular passado e futuro fora de uma ordem cronológica, diacrônica ou evolutiva, mostra-se como fragmentada, móvel, instável e subjetiva como um dispositivo carregado de crenças, normas e ritos, comportando lembranças e esquecimentos. Nesse sentido, ao estabelecer “cinco proposições sobre memória social”, a primeira proposição é a de que a memória social é polissêmica e transdisciplinar.

Neste campo móvel e múltiplo, estamos a todo momento fazendo escolhas que implicam em seleções e cortes. Ao adotarmos determinados conceitos e autores, assim como ao selecionarmos certos aspectos do passado em função de um futuro almejado, estamos tomando decisões parciais com consequências éticas e políticas, o que seria a segunda proposição formulada por Gondar (2016).

Diante da percepção da aceleração do tempo, após o fenômeno da globalização, podemos ser tomados pela sensação de que a tradição está se perdendo no presente, o que nos leva ao desejo da criação de “lugares de memória” como reação conservadora (NORA, 1993). Contudo, as mudanças são inevitáveis, enquanto algumas memórias se retraem, outras são evidenciadas. Dessa maneira, como terceira proposição temos que a memória implica em lembrar e esquecer através de um vínculo de coexistência paradoxal.

Em sua quarta proposição, Jô Gondar (2016) nos lembra ainda que a memória não se reduz à identidade. A partir do momento em que o mundo se “criouliza” cada vez mais, ou seja, multiplicam-se as interações interétnicas, evidenciam-se disputas políticas e de afirmação das mais variadas possíveis; por isso, é necessário que os pesquisadores fiquem atentos e esses jogos de poder, saindo da percepção de sistema de raiz – aqueles que deseja eliminar outras raízes a sua volta – para o sistema rizomático – aqueles que vão ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005).

Nesse sentido, estabelece-se um alerta para que os discursos em torno da defesa de identidades não levem a movimentos de intolerância e eliminação da diferença. Os discursos devem ser pensados não mais na defesa da conservação do passado e sim de uma memória de rastros e resíduos, porosa e aberta ao novo e às ressignificações.

Na quinta e última proposição, Gondar (2016) nos ensina que a memória não se reduz à representação. Apesar da memória ser o campo das representações coletivas, estas refletem apenas uma parte do processo que se solidificou em uma dada coletividade, já que a memória também apresenta uma esfera irrepresentável expressa através do corpo, sensações, afetos e práticas.

Segundo Candau (2011), a pulsão da vontade de memória, manifestada pelo discurso de conservação da tradição é em parte explicado pela necessidade de atualização e reafirmação dos grupos comunitários e identitários. Como a memória é sempre organizada e reeditada a partir do momento de rememoração, podemos dizer que a memória acaba por atender as demandas de certas coletividades no presente.

Os fatores econômicos

Outro aspecto que não pode ser negligenciado em nossas análises é a importância dos fatores econômicos nas relações humanas. Nesse contexto, o antropólogo estadunidense Marshall Sahlins, ao analisar a sociedade capitalista moderna, formula uma tese sobre o ‘totemismo burguês’, na qual afirma que existe uma dimensão que envolve pessoas e coisas que não pode ser explicado apenas por sua natureza física, mas que remete ao campo do simbólico. Conforme essa perspectiva, “a lógica simbólica define e classifica as alternativas cuja ‘escolha’ a racionalidade, esquecida de sua própria base cultural, gosta de considerar que ela própria constitui” (SAHLINS, 2004, p. 212).

Em *Ilhas de História* (1990), este autor ainda faz uma importante contribuição ao analisar como as sociedades tradicionais são afetadas pelo capitalismo e também como passam a utilizá-lo. Ao observar que a expansão capitalista ocidental opera mudanças radicais nessas sociedades, conclui que não existe uma lógica cultural autônoma no funcionamento dessas sociedades (SAHLINS, 1990, p. 08).

Os macroprojetos econômicos mundiais influenciam em maior ou menor medida quase todas as sociedades do globo, desencadeando relações econômicas e sociais que muitas vezes provocam mudanças ou desequilíbrios nas sociedades tradicionais. Todavia, ocorre uma releitura dessas mudanças por parte das sociedades a partir de suas cosmovisões, gerando novos códigos que são ressignificados pelos costumes para o reequilíbrio/reestruturação da sociedade (SAHLINS, 2003).

(...) descobrimos a continuidade na mudança, a tradição na modernidade e até os costumes no comércio. Ainda assim, nem tudo o que era sólido agora desmancha no ar, como supôs prematuramente uma certa antropologia pós-moderna. Restam às diferenças distintivas, as diferenças culturais. (SAHLINS, 2003, p. 531).

A partir dessa premissa podemos notar que diversas embarcações, incluindo os saveiros baianos ocuparam um lugar de destaque na máquina capitalista nos primeiros quatro ou cinco séculos após o início da colonização. Inicialmente, foram intensamente utilizados no escoamento da madeira, açúcar, tabaco do Recôncavo para a capital Salvador e de lá por meio das naus e caravelas para a Europa e demais destinos da rota do império marítimo português (com destaque para o comércio de africanos escravizados e também minério, ouro e pedras preciosas mais tarde), evidenciando um comércio local, regional e global que fazia parte da fórmula “dinheiro-mercadoria-dinheiro” (SAHLINS, 2003).

Assim, os saveiros se tornaram peça-chave para o deslocamento de pessoas e mercadorias, sendo absorvidos até mesmo para celebrações religiosas (cortejos) e dessa forma foi se consolidando na história e de certa forma no imaginário das pessoas que viviam nas proximidades da Baía de Todos-os-Santos. Além de ser ferramenta de trabalho e sustento de inúmeras famílias e comunidades, evidenciando a sua função socioeconômica e cultural, sua dimensão material e imaterial.

No âmbito desta discussão, Appadurai (2008) também nos traz relevantes contribuições ao analisar os objetos e suas múltiplas potencialidades, incluindo questões como desejo e demanda, consumo e consumidor, agência e agente, poder e valor econômico nas relações sociais, refletindo sobre mercadoria e a política de valor, o autor ressalta que a *“troca econômica cria o valor”* e *“o que cria o vínculo entre a troca e o valor é a política”*. (APPADURAI, 2008, p. 15).

Nas sociedades capitalistas modernas pode-se afirmar que há uma tendência de que um número maior de coisas experimente uma fase mercantil em suas carreiras, que um número maior de contextos se torne mercantil e que os padrões da candidatura ao estado de mercadoria abranjam uma parte maior do universo de coisas do que em sociedades não capitalistas. (APPADURAI, 2008, p.30).

Além da face cultural/patrimonial discutida ao longo deste trabalho, não podemos deixar de negar a face comercial das embarcações que foram durante quase quatro séculos o sustento de muitas famílias e peça-chave em diversas transações comerciais. Atualmente, discute-se sobre a situação dos “últimos saveiristas”, e as formas de sustentação de suas profissões e modos de vida com tão poucas possibilidades comerciais e de uso das embarcações.

Perante o discurso patrimonialista (em conversas com alguns desses saveiristas e associações), muitos entendem que os saveiros poderiam ser utilizados para o turismo ecológico no entorno da Baía de Todos-os-Santos, até mesmo ligado a roteiros históricos. Sendo assim, essa temática será melhor desenvolvida ao longo dos capítulos.

2.2. Metodologia de trabalho

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso, ligado aos estudos do patrimônio cultural desenvolvido com os aportes teóricos metodológicos das Ciências Sociais.

Ocorreu coleta de dados por meio de pesquisas bibliográficas, iconográficas, conversas, entrevistas e observações para que pudesse ocorrer um intercruzamento de dados e posterior análise crítica, em vista de investigar a vontade de preservação, as dificuldades de manutenção dos saveiros baianos, assim como sua atual configuração enquanto patrimônio cultural perante os discursos institucionais, como o do IPHAN.

2.2.1 Métodos

De forma resumida foram realizadas as seguintes etapas:

- a) Levantamento bibliográfico, lapidação do projeto de pesquisa e planejamento.
- b) Contatos e aproximação com os depoentes (via web e presencial).
- c) Visita e realização das observações e entrevistas.
- d) Análise e interpretação dos dados para escrita da dissertação.

De maneira mais pormenorizada, segue a descrição das etapas da pesquisa:

2.2.2 Recursos Metodológicos

Etapa 1: Lapidação do projeto e pesquisa documental

Inicialmente ocorreu a elaboração do projeto, o planejamento da pesquisa e tentativas de aproximação com as comunidades saveiristas por meio virtual (páginas da Web, e-mails, contatos por meio do aplicativo WhatsApp) e ligações telefônicas.

Ocorreu ainda uma aproximação inicial e presencial com os grupos por meio da participação do *I Festival de Saveiros de São Félix* que aconteceu entre os dias 27 e 29 de maio de 2022.

O levantamento dos dados pré-existentis visou à compreensão do objeto e da região de estudo (Jaguaripe/BA e Recôncavo Baiano); assim como, a busca de lacunas de informações sobre os saveiros baianos e os atores a eles relacionados.

O conhecimento até então produzido acerca do objeto de estudo aliado a pesquisa oral realizada no município de Jaguaripe (BA), deram o suporte necessário para alcançar os

objetivos propostos e responder as problemáticas postas. “Assim como a navegação, a jardinagem e a poesia, o direito e a etnografia também são artesanatos locais: funcionam à luz do saber local” (GEERTZ, 2012, p. 169).

Etapa 2: Trabalho de campo – Coleta de dados através de observação não participante e entrevistas semiestruturadas

A segunda etapa foi dedicada aos trabalhos de campo quando ocorreu o deslocamento ao município de Jaguaripe (BA). Diante dos recursos de trabalho e econômicos disponíveis, ocorreu apenas dois deslocamentos para contatos presenciais e diretos com o público alvo, o primeiro aconteceu em um evento destinado a preservação dos saveiros corrido na cidade de São Felix em maio de 2022 e o segundo encontro aconteceu na cidade de Jaguaripe em maio de 2023.

Ao longo do desenvolvimento do projeto e da pesquisa, tentativas de aproximação e diálogo foram realizadas via Web (E-mail e WhatsApp) com indivíduos ligados aos saveiros (carpinteiros ou marinheiros) e com a *Associação Saveiros de Vela de Içar da Bahia* localizada em Coqueiros. Mas, a maioria desses contatos não obtiveram retorno.

A aproximação visou à compreensão do cenário regional e a localização dos indivíduos com maior potencial para o levantamento de dados. Assim sendo, as entrevistas ocorreram com pessoas envolvidas com a história dos saveiros e também com indivíduos que fazem parte do cenário da pesca e mariscagem e político/cultural de Jaguaripe.

O levantamento das informações orais ocorreu por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, esse modelo permite a utilização de perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer livremente sobre os temas apresentados pelo entrevistador. Assim, a pesquisadora seguiu roteiros de perguntas que permitissem a formulação de novas perguntas a partir das informações apresentadas pelos depoentes no momento das entrevistas em um contexto semelhante a uma conversa informal (BONI & QUARESMA, 2005, p.75).

Ocorreu um esforço para que as entrevistas fossem focalizadas, ou seja, apesar de deixar o entrevistado discorrer livremente a partir das perguntas iniciais, sempre que necessário, exigiu-se um esforço por parte do entrevistador para a retomada aos pontos de interesse da pesquisa.

Como existe um número reduzido de indivíduos ligados aos saveiros baianos, os primeiros contatos foram aproveitados para que os entrevistados pudessem indicar outros atores, como carpinteiros navais, marinheiros, calafates, especialistas em reparos, produtores de velas, etc. Assim, a metodologia assumida nos possibilitou apreender um panorama geral sobre os saveiros baianos na região.

O “questionamento como comunicação” e o encontro do pesquisador com o pesquisado ocorre em um “terreno intersubjetivo de uma possível compressão” (THIOLLENT, 1980, p. 24), (HABERMAS, 1989). Nesse processo de aproximação e tentativa de entendimento, ocorre não somente uma comunicação entre dois indivíduos, mas geralmente entre diferentes mundos sociais (BOURDIEU, 1999; ROVER, 2012).

Assumindo que não existe neutralidade na pesquisa científica ou sociológica, por mais que de forma ética, se busque uma neutralidade na ciência, admitimos que “qualquer procedimento de investigação envolve pressupostos teóricos e práticos variáveis segundo os interesses sociopolíticos que estão em jogo no ato de conhecer” (THIOLLENT, 1980, p.28).

Neste sentido, a seleção de métodos, categorias de análise, recortes que foram destacados para serem aprofundados e analisados na pesquisa já demonstram uma interpretação da realidade social em estudo (ROVER, 2012).

A escolha por entrevistas não diretivas com perguntas e diálogos mais abertos nesta pesquisa intencionam alcançar “a emergência deste conteúdo sócio-afetivo profundo” nos entrevistados (BORDIEU, 1999, p. 194). Todavia, o pouco tempo de convívio com os entrevistados se revela como um obstáculo para alcançar tal intento com maior êxito, sendo aqui, portanto uma tentativa que em alguns aspectos obteve sucesso e em outros trouxe contextos mais superficiais à tona.

A pesquisa qualitativa deve tentar compreender as interpretações que os atores sociais constroem do seu próprio mundo, pois estas explicam os seus comportamentos e a leitura do seu mundo social. Assim, “cada entrevista e cada indivíduo, neste caso, representa uma amostra do universo sobre o qual se quer falar” (ROVER, 2012, p. 19).

O cientista reapresenta textos e contextos reconstruídos comunicativamente, a partir de outros universos cognitivos. Ele reconstrói textos e contextos em sua elaboração literária, a qual ele apresenta como apropriada, e científica. Como neste processo ocorre uma transformação dos conteúdos, revela-se necessário assumir e explicitar a partir de qual base epistemológica fala o cientista. (ROVER, 2012, p. 27).

Gravação e Transcrição das Entrevistas

A partir da permissão dos entrevistados, todas as entrevistas foram gravadas com o ‘Gravador de Voz’ de aparelho “*smartfone*”. Após, ocorreu seleção de conteúdo das entrevistas e transcrição de alguns trechos, objetivando responder aos problemas postos na pesquisa.

Observação como técnica de coleta de dados

Entende-se a observação como um elemento fundamental nas pesquisas sociais. Partindo da ideia de que somente as palavras não expressam tudo aquilo que desejamos apreender na pesquisa (relações simbólicas, afetivas e materiais), as entrevistas precisarão estar aliadas a observação para conseguirmos apreender o significado atribuído as coisas sentidas, ditas e vivenciadas.

Etapa 3: Análise dos dados recolhidos, escrita da dissertação, devolução a comunidade e divulgação

A terceira etapa foi dedicada à análise de conteúdo das entrevistas com base nos aportes teóricos metodológicos selecionados.

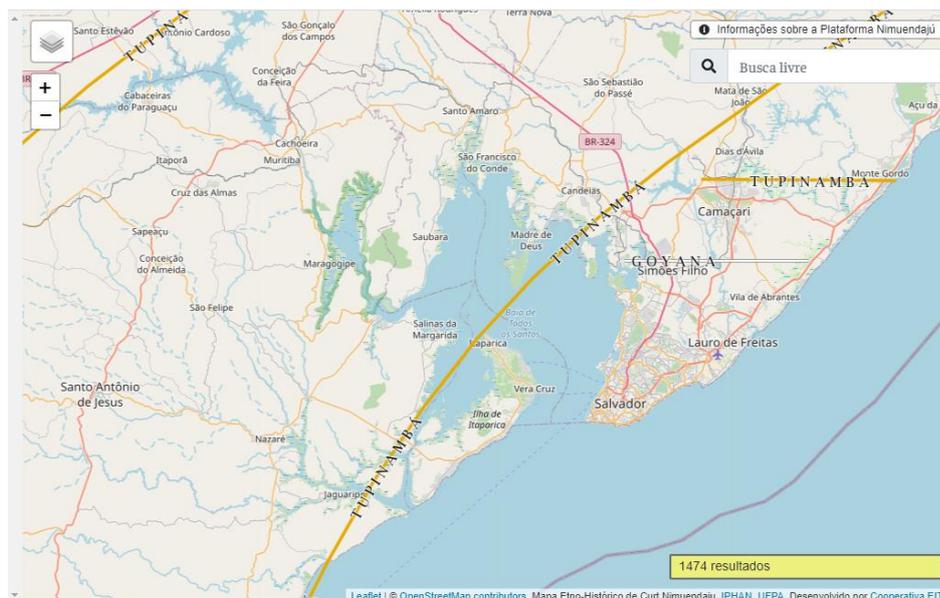
A análise final visou à reflexão das disputas de narrativas em torno da memória, pertencimento, construção da ideia de patrimônio e da vontade de preservação; assim como do alcance das políticas públicas implementadas.

Após a escrita e aprovação da dissertação deve ocorrer ainda a entrega de cópias aos entrevistados e grupos saveiristas, cópias físicas ou virtuais, a depender de cada caso, contribuindo assim com a socialização do conhecimento produzido.

CAPÍTULO III - HISTÓRICO E CONTEXTO SOCIALCULTURAL DE JAGUARIBE (BA)

Conforme as informações disponíveis provenientes do período dos contatos estabelecidos pós colonizadores europeus, no século XVI, a região era habitada pelos índios tupinambá, classificados como da família linguística Tupi. Esse mesmo dado pode ser visualizado no ‘Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes’ de 1944 de Curt Nimuendaju.

Figura 17. ‘Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes’ de 1944 de Curt Nimuendaju. Recorte para da região da Baía de Todos-os-Santos com destaque para Jaguaripe (BA).



Fonte: <http://mapa-nimuendaju.eita.coop.br/> Acessado em 16 março 2023.

Com a finalidade de facilitar a leitura e melhor contextualização geográfica são apresentados alguns mapas no decorrer do texto. Na sequência, traz-se um mapa da Região do Recôncavo Baiano, segundo Milton Santos (1960).

Figura 18. Região do Recôncavo Baiano segundo Milton Santos (1960).



Fonte: ANDRADE, 2013, p. 244.

O processo de colonização em Jaguaripe e regiões limítrofes ocorre a partir do século XVI, durante a III Governadoria Geral do Brasil com de Men de Sá (governador da colônia portuguesa entre 1558-1572). O trabalho implementado pelos jesuítas então comandados pelo padre português Manoel da Nóbrega, instaurou uma política de reunir diferentes aldeias em missões próximas à região, procedimento que ficou conhecido como “descimento”.

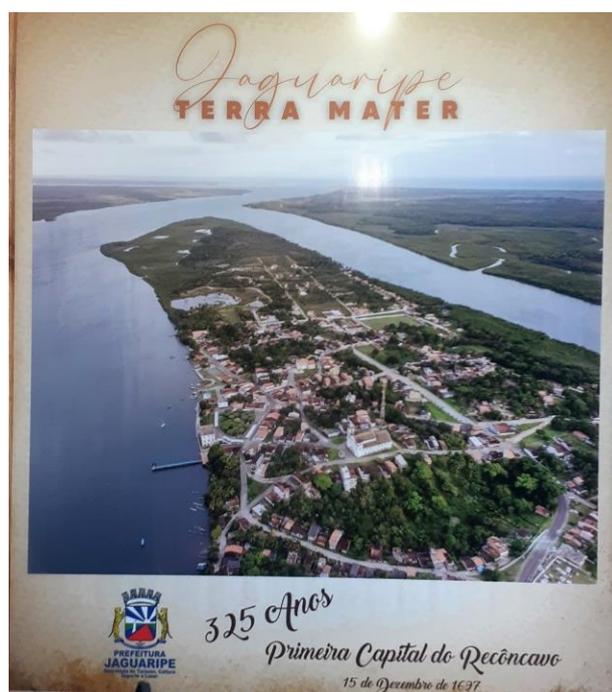
Dessa forma, em 1560 estabeleceu-se a missão da Ilha de Itaparica criada pelo padre Pedro Lírio da Grã. Uma epidemia de varíola ocorrida entre 1560 e 1568 dizimou parte da população fazendo com que os jesuítas transferissem os sobreviventes da Aldeia de Santa Cruz para o local onde atualmente se encontra a cidade de Jaguaripe.

A partir da política de doação de sesmarias, as terras começaram a ser povoadas e cultivadas, surgindo assim os primeiros engenhos. Em 1613, instaurou-se a freguesia Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe instituída pelo bispo português dom Constantino Barradas.

Esta freguesia torna-se a primeira vila do Recôncavo por meio de carta régia de 22 de maio de 1693, instalada em 15 de dezembro de 1697, pelo governador-geral dom João de Lencastre com o nome de Vila Nossa Senhora d’Ajuda de Jaguaripe. “Em 1759, a freguesia possuía cerca de 718 fogos [*casas*] e 5.016 almas [*pessoas*]”. (SILVA, 2015, p. 211 *apud* HOLANDA, 1986).

O fato de Jaguaripe ter se tornado a primeira vila do Recôncavo foi mencionado por todas as pessoas com quem conversei durante as entrevistas, demonstrando ser um dado histórico que traz muito orgulho a população. Essa informação pode ser vista em vários pontos da cidade, assim como no pôster ilustrativo abaixo fixado na parede de entrada da Secretaria de Turismo da cidade, então localizada no prédio histórico ‘Casa do Ouvidor’.

Figura 19. Pôster informativo sobre a primeira vila do Recôncavo Baiano na Secretaria de Turismo da cidade de Jaguaripe (BA).



Fonte: Autora, Maio/2023.

A transformação dos portos em vilas atendia as necessidades da Coroa Portuguesa de dominar as redes urbanas que davam acesso ao sertão, logo após a descoberta de ouro em Minas Gerais e no sertão da Bahia, visando o combate ao contrabando e a defesa contra os ataques das populações nativas (AZEVEDO, 2011, p. 219).

A região também foi palco de conflitos como a revolta que ficou conhecida como Santidade de Jaguaripe, ocorrida por volta de 1580, movimento que reivindicava a libertação de indígenas e rejeitava a autoridade portuguesa e religiosa cristã. Assim como ocorriam fugas e resistências dos africanos escravizados (MURICY, 2021).

A vila de Jaguaripe correspondia a uma vasta extensão de terras, mais tarde vindo a ser dividida em outras vilas: Aratuípe, Nazaré, Maragojipe, Lage, São Miguel das Matas e Santo

Antônio de Jesus. Em seu período de vila foi grande produtora de farinha de mandioca, cerâmica, materiais de construção, assim como desde o início do período de exploração colonial, foi utilizada para a exploração de madeira (BAHIA, 1982; SILVA, 2015; MURICY, 2021).

Segundo dados do IBGE (2022)¹⁵, atualmente possui um território com 863,424 km², fazendo divisa com os municípios de: Aratuípe, Valença, Nazaré, Vera Cruz, Salinas da Margarida, Maragogipe e Laje. Está localizado a 239 quilômetros da capital (Salvador) por via terrestre. Segundo dados do último censo (2022) sua população é de 17.659 pessoas com uma densidade demográfica de 20,45 habitante por quilômetro quadrado.

O clima é tropical super úmido, em região que apresenta as maiores taxas pluviométricas do Estado¹⁶. A cobertura original é de Mata Atlântica e vegetação litorânea típica com manguezais e restingas, apresentando os seguintes rios: Jacuruna, Jaguaripe, da Dona e Jequiriçá e demais tributários.

Além da pesca e mariscagem o município produz dendê, piaçava, mandioca, banana, laranja, possuindo solo argiloso, propício para a produção de utensílios cerâmicos¹⁷.

Figura 20. Mapa com extensão territorial de Jaguaripe e municípios limítrofes no Recôncavo Baiano.



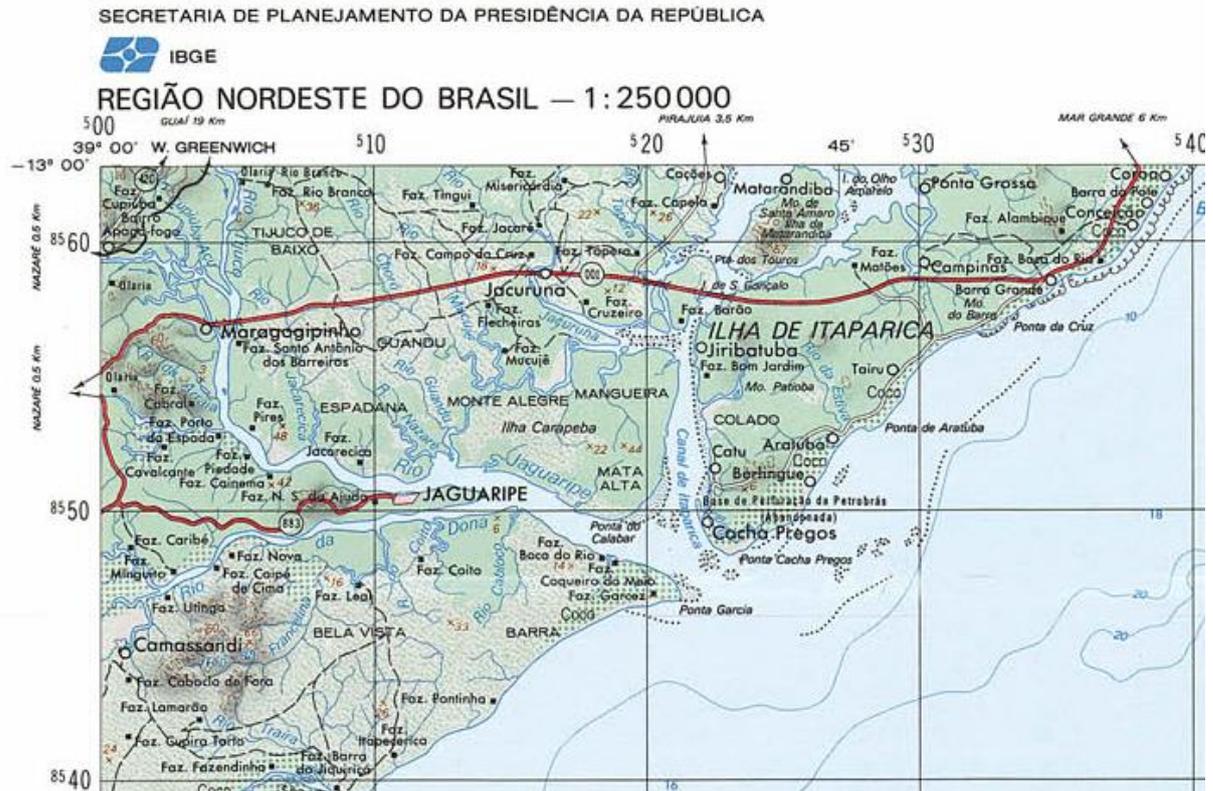
Fonte: http://www.jaguaripe.tur.br/wp-content/uploads/2015/03/dados_jagua.png Acessado em 03 abril 2023.

¹⁵ Fonte: Portal IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jaguaripe/panorama> Acessado 03 abril 2023.

¹⁶ Fonte: <http://www.inema.ba.gov.br/monitoramento/indice-precipitacao/> Acessado 03 abril 2023.

¹⁷ Fonte: <http://www.jaguaripe.tur.br/informacoes-gerais/> Acessado 03 abril 2023.

Figura 21. Mapa geopolítico de Jaguaripe (BA).



Fonte: IBGE. http://www.jaguaripe.tur.br/wp-content/uploads/2015/03/mapa_jaguaripe-1983-ibge.png

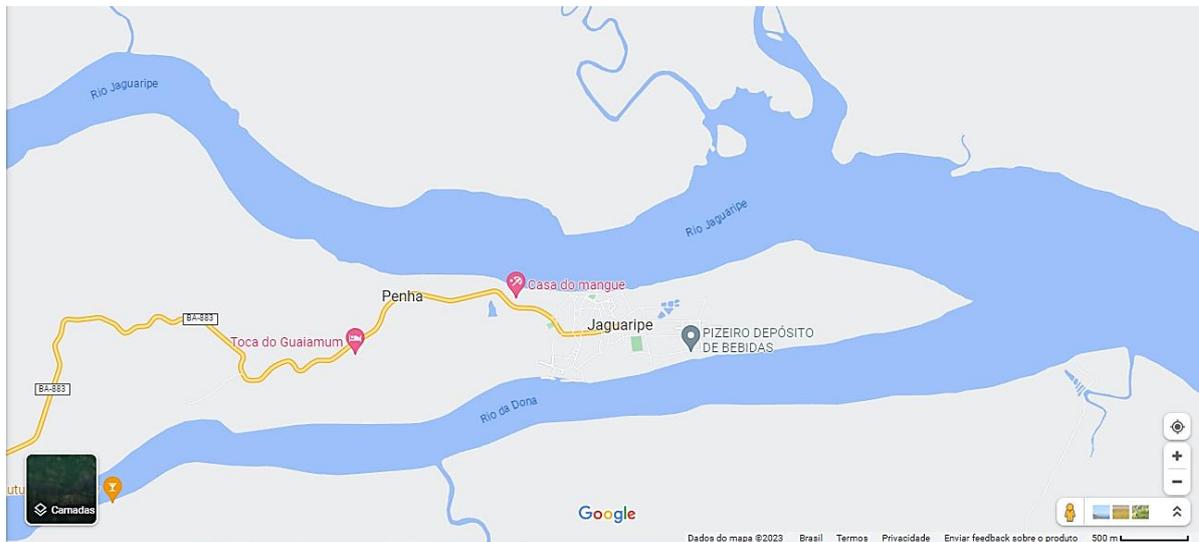
Acessado em 04 abril 2023.

Em divisão territorial de 1960, o município é constituído por 5 distritos: Jaguaripe, Camassandi (ex-Novo Horizonte), Cunhangí (ex-Palma), Jacuruna e Pirajuía. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007¹⁸. Daí percebe-se que se tratam de núcleos populacionais separados, cada um com suas peculiaridades, sendo que os moradores ao falarem de Jaguaripe se referem a “sede” ou ao nome de cada distrito.

Segundo os entrevistados, o acesso por terra sempre foi difícil, durante muito tempo utilizou-se as embarcações como meio principal de locomoção, até o início do século XX grandes embarcações atracavam em seu porto, o Rio Jaguaripe e o Rio da Dona são extensos, chegando até perto do estreito do Funil (afunilamento do mar na Baía de Todos-os-Santos). Atualmente apenas pequenas embarcações ou escunas de passeio são vistos no local. A melhoria do acesso por terra só foi modificada após a pavimentação da BA-883.

¹⁸ Fonte: Portal IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jaguaripe/historico> Acessado em 04 abril 2023.

Figura 22. Jaguaripe (BA) sede localizada entre o Rio Jaguaripe e Rio das Donas com acesso por terra pela BA-883.



Fonte: Recorte do Google Maps. Acesso: Maio/2023.

Segundo estudo etnográfico realizado por Muricy (2021), a subsistência por meio da pesca e mariscagem reflete as poucas oportunidades de emprego do lugar e pode ser confirmado nos dizeres dos moradores: “quem não trabalha na prefeitura, vive da pesca” (p. 5). Frase muito ouvida em Jaguaripe durante o desenvolvimento desta pesquisa também.

Segundo o mesmo autor, o modo de sobrevivência associado à pesca revela uma herança dos escravizados fugidos e pós-abolição, já que não podemos esquecer que o modo de produção colonial era escravocrata, culminando na escravização de milhares de indígenas e africanos. A vasta extensão de terras com abundância de matas, manguezais e disponibilidade de alimentos possibilitou a manutenção de esconderijos de escravos fugidos¹⁹, estabelecendo o modo de vida característico do local com a produção de cerâmica e a sobrevivência por meio da pesca.

Em relação ao combate a territórios quilombolas na região, Gomes (1995), pontua:

(...) em 1667, da freguesia de Maragogipe e Paraguaçu, falava-se da necessidade de se combater ‘dois mocambos na Batatã’. Também da região de Jaguaripe, área baiana de forte tradição quilombola, já em meados de 1667, chegavam notícias de ações de quilombolas e da necessidade de reprimi-los (GOMES, 1995, p. 28).

¹⁹ A Bahia possui a maior população autodeclarada remanescente de quilombolas segundo dados do IBGE (Censo Demográfico 2022) com destaque para a população do Recôncavo Baiano devido ao seu período histórico colonial, no qual recebeu grandes levas de populações africanas escravizadas. Segundo dados atualizados do INCRA, Jaguaripe não possui uma comunidade quilombola homologada (chrome-extension://efaidnbmninnbpcjajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/acompanhamento_processos_regularizao_quilombola_03.10.2023.pdf)

Sobre a presença da população negra em Jaguaripe e Maragogipe, Castellucci Junior e Barreto (2019), relatam:

(...) de acordo com algumas informações de dois recenseamentos feitos em datas anteriores, em 1779 e 1816-17, trabalhavam sob o regime de cativo, em Nazaré, Jaguaripe e Maragogipe, aproximadamente 11.521 escravos. Somava-se a esses números algo entre 1.200 a 2.300 escravos labutando na ilha de Itaparica para o mesmo período. Ou seja, com pouca segurança, podemos aferir que, na parte litorânea e ribeirinha da comarca, deveriam viver e trabalhar pouco mais de 14 mil escravos africanos e crioulos nas primeiras décadas do século XIX. Esse número pode ter aumentado com a intensificação do tráfico de escravizados nas últimas décadas antes da sua proibição, mas, infelizmente, não temos como mensurá-lo nesse momento. (CASTELLUCCI JUNIOR; BARRETO, 2019, p. 7)²⁰

Silva (2015) em sua tese de doutorado desenvolve um estudo no âmbito da Geografia Histórica Urbana no qual analisa a morfologia urbana da paisagem cultural dos centros históricos de seis cidades portuárias do Recôncavo Baiano: Jaguaripe, Cachoeira, São Francisco do Conde, Maragogipe, Santo Amaro, Nazaré e São Felix, delimitado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPACii, no final da década de 1970.

Neste estudo ele destaca que estas seis cidades passaram por processos semelhantes de urbanização e compartilhando uma história colonial em comum podem ser entendidas enquanto uma paisagem cultural.

(...) o conjunto de eventos socioeconômicos, culturais e políticos produzidos ao longo da história resultou em paisagens semelhantes nos territórios das referidas cidades, especialmente nos centros históricos de cada uma delas, onde o patrimônio edificado é a expressão cultural mais visível, reflexo do conteúdo socioespacial que a constituiu em épocas pretéritas. (SILVA, 2016, p. 3).

Outro estudo realizado a partir da análise de farta documentação cartográfica e eclesiástica do século XVIII encontrada no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, (Portugal), percebeu a formação de uma nascente rede urbana regional articulando as vilas do Recôncavo a Salvador, tendo Cachoeira como centro urbano e comercial “a partir de uma malha flúvio-marítima e terrestre (caminhos internos)”. (ANDRADE, 2013, p. 242).

²⁰ Nota dos autores: “Sobre a população escrava em Salvador e Recôncavo baiano no século XIX, ver: MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. Bahia, século XIX: uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992; ANDRADE, Maria José de Souza. A mão de obra escrava em Salvador (1811 – 1860). São Paulo: Corrupio/CNPq, 1988”.

O autor formula um mapa no qual podemos visualizar essa rede de vilas, pousos e a cidade de Salvador, assim como os itinerários mais utilizados na época.

Figura 23. Caminhos hierárquicos da Rede urbana do Recôncavo Baiano ao final do século XVIII.



Fonte: ANDRADE, 2013, p. 249.

Os núcleos urbanos destacados no mapa são as vilas portuárias: Cachoeira, Maragogipe, Jaguaripe, São Francisco do Conde, Maragogipe e Santo Amaro. No século XIX, outras duas vilas também irão se destacar nesse cenário, Nazaré e São Félix.

O estudo demonstra que essas vilas mantinham uma articulação desde o final de setecentos. Já no final do século XVII, os núcleos de Jaguaripe, Cachoeira e São Francisco do Conde haviam sido elevados à vila. Esse fluxo comercial e social vai se ampliando com destaque a partir da segunda metade do século XIX.

Jaguaripe tinha uma forte articulação com diversas freguesias, povoados da região e Salvador, distribuindo farinha de mandioca produzida no local para os demais produtores de açúcar, devido à extensão da sua malha hídrica que facilitava os contatos (ANDRADE, 2013).

A manutenção da cadeia produtiva da manufatura do açúcar era complexa, criando a dependência da capital e de outras localidades de víveres alimentícios e diversos produtos. Nesse contexto, a madeira era um importante insumo comercial, era utilizada para diversos fabricos (nas casas, senzalas, armazéns, currais, móveis), na produção naval, para fabricação da roda d'água dos engenhos, nas moendas, nos telhados, nas caixas de transporte de mercadorias e como carvão nos fornos de todas as casas, para a produção do melaço, etc. A criação de gado, mesmo que em menor escala como foi inserido no sertão, também era fundamental para a sobrevivência das vilas e dos engenhos do Recôncavo, fornecendo alimento e couro (SILVA, 2015).

Levando em consideração o levantamento arquitetônico do IPAC, Silva explica que Jaguaripe não acompanhou o desenvolvimento urbano seguido por Cachoeira e Nazaré, por exemplo. O acervo arquitetônico de Jaguaripe era constituído por 112 imóveis “dos quais apenas cinco foram considerados com “relevante interesse arquitetônico”, originários do século XVII e XVIII”, os demais eram casas térreas (BAHIA, 1982 *Apud* SILVA, 2016, p. 9-10).

Apesar de Jaguaripe possuir um dos maiores territórios do Recôncavo, a cidade não acompanhou o desenvolvimento das outras devido a uma mudança nas estruturas do meio de transporte que acontece a partir da segunda metade do século XIX, após a implantação de uma malha ferroviária que vai acabar beneficiando outras localidades, como a cidade de Nazaré que ficou posicionada em local estratégico no último trecho navegável do Rio Jaguaripe e em conexão com a malha ferroviária da época, fazendo com que Jaguaripe perdesse a sua posição geográfica privilegiada até então (SILVA, 2016).

Essas mudanças estruturais fizeram com que Jaguaripe entrasse em recesso econômico refletido na estagnação do seu tecido urbano que se mostrou com um desenvolvimento mais lento e em menor proporções.

A partir de 1852, navios a vapor começaram a fazer o transporte hidroviário do local para a capital, Salvador. Em 1888, ao receber a visita de D. Pedro II, a vila foi descrita como “em perfeita decadência, quase deserta”, quando a população foi estimada em 2 mil habitantes (BAHIA, 1982, p. 161).

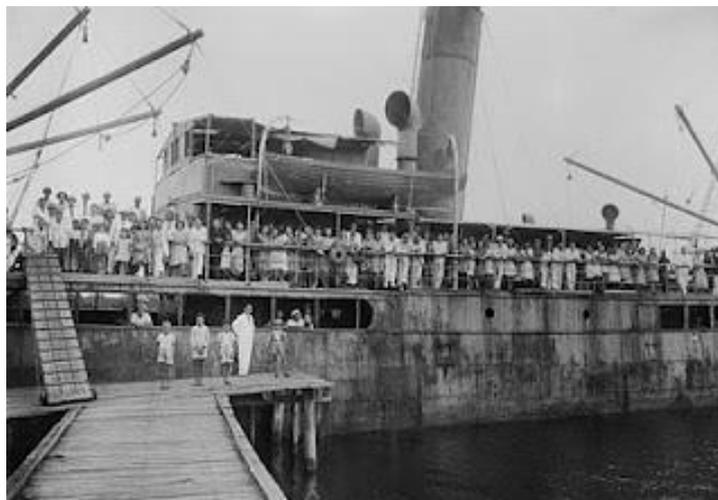
Figura 24. Navio Del Rei em Jaguaripe (sem informação do ano).



Figura 25. Navio Paraguassú em Jaguaripe (sem informação do ano).



Figura 26. Navio Canaveiras em Jaguaripe (sem informação do ano).



Fonte: <http://www.jaguaripe.tur.br/cia-baiana-de-navegacao-a-baiana/> Acessado em 15 Junho 2023.

A vila foi elevada a condição de cidade em 1899. No entanto, Jaguaripe foi perdendo espaço em sua função portuária para Nazaré, e devido a sua pouca expressividade econômica, a cidade acabou por ser extinta e anexada a Aratuípe em julho de 1931, sendo restaurada após protesto de populares em agosto do mesmo ano (SILVA, 2015, IBGE²¹).

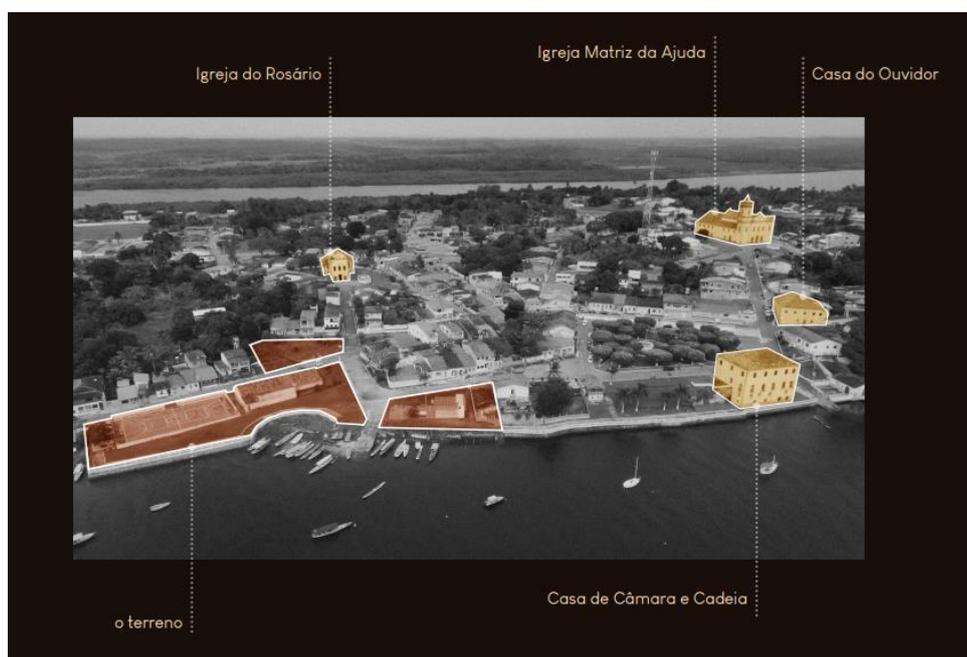
Dessa forma, Jaguaripe e Maragogipe (interconectada pelos rios Paraguaçu, São Francisco do Conde, e rio Subaé) acabaram por se tornar cidades portuárias secundárias tomando como comparação cidades portuárias como Nazaré, Cachoeira e Santo Amaro que estavam localizadas no limite da navegação dos rios e foram beneficiadas por ferrovias a partir do século XIX. (BAHIA, 1982).

2.2 Patrimônio Histórico Edificado

O patrimônio histórico edificado aqui apresentado não reflete todo o patrimônio do município, apenas os edifícios de maior visibilidade localizados em Jaguaripe (sede) do ponto de vista da visitante/pesquisadora, observados durante o campo realizado em maio/2023. Estes pontos se encontram relativamente próximos, fazem parte do centro histórico, podendo ser alcançados por meio de uma caminhada leve de poucos minutos, são edificações sinalizadas com placas informativas e estão próximos do píer de atracação de embarcações que fica ao lado do Paço Municipal (Casa de Câmara e Cadeia), o que demonstra do ponto de vista dos discursos patrimonialistas, potencial para exploração turística no município.

²¹ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jaguaripe/historico> Acessado em 20 Abril 2023.

Figura 27. Localização do Patrimônio Histórico Edificado mencionado neste capítulo.



Fonte: ALVES (2021). Apresentação do Projeto Estaleiro Escola de Jaguaripe (BA)²².

1. Edifício do Paço Municipal²³:

Edificação tombada pelo IPHAN, inscrito no Livro do Tombo Histórico (Inscr. nº 166, de 02/09/1941) e no Livro do Tombo das Belas Artes (Inscr. nº 236-A, de 02/09/1941) por meio do Processo nº 265-T-1941.

O Paço Municipal fica em frente à Praça da Bandeira e foi construída em 1697 as margens do Rio Jaguaripe, trata-se de uma das mais antigas casas de Câmara e Cadeia do

²² No caso desta imagem, o espaço descrito como “o terreno” indica o local destinado aos prédios do Projeto Estaleiro Escola de Jaguaripe (BA).

²³ Descrição: Uma das mais antigas casas de Câmara e Cadeia do estado, foi construída no final do século XVII, às margens do rio Jaguaripe, voltado para a Praça da Bandeira. Sua volumetria e planta se assemelham àquelas da arquitetura residencial do período. Construída segundo planta retangular com cômodos intercomunicantes, desenvolve-se em dois pisos na frente e quatro no fundo, devido à declividade do terreno. O segundo subsolo apresenta, ainda que embrionariamente, um elemento que se difundiria no século seguinte, a arcada. No primeiro subsolo, abaixo do nível da praça, se realizava a feira sendo superposta por um mezanino, de pé-direito reduzido. A cadeia instalava-se neste subsolo e no térreo, também ocupado por serviços administrativos. Ao pavimento nobre destinavam-se a Sala da Câmara e serviços afins. Edificação robusta, onde predominam os cheios em relação aos vazios, é delimitada por cunhais, cobertura em quatro águas com beira-saveira no frontispício e cornija nas demais fachadas. As envazaduras são simples, em arco abatido na sua maioria, tendo no último andar, balcão com gradil de ferro forjado. Sua implantação e volumetria tornam-no um elemento de referência na paisagem, avistado a grande distância. Fonte: ipatrimônio - <https://www.ipatrimonio.org/jaguaripe-paco-municipal/#!/map=38329&loc=-13.112544999999999,-38.895084000000004,17> Acesso em Abril/2023.

Estado. No subsolo funcionava a chamada ‘Cadeia do Sal’, presente no imaginário dos moradores, sempre mencionada nas conversas. Segundo a historiografia, na cadeia ficava um buraco onde os presos eram colocados para morrer afogados na maré alta (Figura 38). Deste ato surgiu o temido e ainda proferido ditado *"Justiça de Jaguaripe que te persiga"*. No pavimento superior e mais nobre, ficava a Sala de Câmara e serviços administrativos.

O modelo da Casa de Câmara e Cadeia de Jaguaripe com um subsolo aberto para o mar ou rio, inundável nas marés mais cheias e com um mercado realizado ao seu lado com as mercadorias trazidas pelos barcos foi reproduzido também em outros pontos do Recôncavo e em Salvador. “Este modelo foi adotado em São Francisco do Conde, elevada a vila em 1697, em Nazaré (1878) e em algumas casas de câmara e cadeias do interior, como as de Porto Seguro, Rio de Contas, Caitité e Condeubas” (AZEVEDO, 2011, p. 248).

Figura 28. Paço Municipal visto da frente da Casa do Ouvidor.



Figura 29. Paço Municipal, vista frontal da Praça da Bandeira.



Figura 30. Paço Municipal visto do Píer de atracação das embarcações.



Figura 31. Paço Municipal visto do Píer de atracação das embarcações.



Figura 32. Os arcos indicam o local onde ficava a Cadeia do Sal.



Figura 33. Placa informativa para os turistas e visitantes.

JAGUARIFE E SUA HISTÓRIA

<p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">PAÇO MUNICIPAL/ ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA</p>	<p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">TOWN HALL OLD GOVERNMENT HOUSE AND JAIL</p>
--	---

Uma das mais antigas casas de Câmara e Cadeia do estado foi construída no final do século XVII, finalizada em 1697, mesmo ano de instituição da vila de Jaguaripe. Sua volumetria e planta se assemelham àquelas da arquitetura residencial do período. No primeiro subsolo funcionou a feira e parte da cadeia. O térreo era ocupado pela outra parte da cadeia e por serviços administrativos. O pavimento nobre destinava-se a Sala da Câmara e serviços afins.

One of the oldest state government houses and jails, it was built in the late 17th century, and completed in 1697, the same year the village of Jaguaripe was established. The volume and layout are similar to those of residential architecture during the period. An open-air market and part of the jail were located in the first basement. The ground floor was occupied by another part of the jail and administrative services. The upstairs floor was allocated for government offices and related services.





PREFEITURA
JAGUARIFE

Secretaria do Turismo
Cultura, Esporte e Lazer



CTBTS
CÂMARA DE TURISMO
e BENS CULTURAIS

Figura 34. Porta da Cadeia do Sal.



Figura 35. Uma das janelas da Cadeia, vista de fora do edifício.



Figura 36. Uma das janelas vista de dentro da Cadeia.



Figura 37. Vista de uma das janelas da Cadeia.



Figura 38. Estruturas dentro da Cadeia, fogão a lenha e banheiros.



Figura 39. Buraco no qual os condenados eram colocados em pé algemados pelas mãos para morrer afogados.



Figura 40. Vista para o Rio Jaguaripe de uma das portas do Paço, pavimento superior.

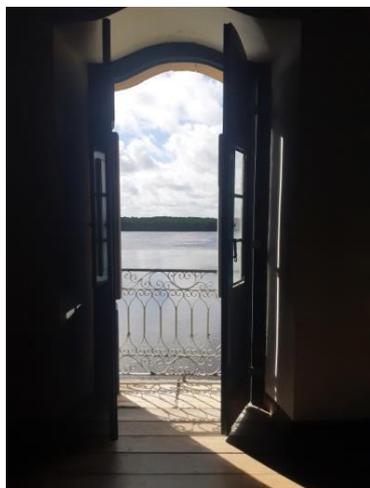


Figura 41. No pavimento superior estão localizadas várias gravuras e quadros de embarcações. Destaco esta na qual aparecem os saveiros no fundo do edifício.



Figura 42. Saveiro utilizado na Festa do Gaspi em exposição no Paço Municipal.



Figura 43. Imagem utilizada no Desfile da Cabocla em exposição no Paço Municipal.



2. Casa do Ouvidor²⁴

A casa do Ouvidor possui características construtivas do século XVII e fica localizado na Rua da Ajuda, nº 1, no pé da Ladeira da Ajuda onde no alto da ladeira fica a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Ajuda. Segundo a tradição oral era a morada dos jesuítas que fundaram a vila em torno de uma missão no século XVI. Mais tarde, foi sede do Poder Judiciário.

O edifício foi tombado pelo IPHAN, inscrito no Livro do Tombo Histórico (Inscr. nº 347, de 27/07/1962) por meio do Processo nº 642-T-1961.

Este prédio atualmente está sendo utilizado pela Prefeitura, onde está instalada a Secretaria de Cultura e Turismo do município.

Figura 44. Casa do Ouvidor, Rua da Ajuda, nº 1 – Jaguaripe - BA.



Foto: Autora, Maio/2023.

²⁴ Descrição: Da casa do Ouvidor não se tem a data precisa de sua construção, presumindo-se por suas características tipológicas, ter sido edificado no séc. XVII. A tradição oral informa ter sido o monumento, primitivamente, a residência dos jesuítas que fundaram a vila em meados do século anterior, só depois sediando o Poder Judiciário. Situada no sopé da Ladeira da Ajuda, sem edifícios contíguos, possui planta quase quadrada, dois pavimentos mais sótão e disposição típica do período colonial: salões para a rua, o centro ocupado por quartos e alcovas e uma varanda voltada para o quintal, para onde se abre a sala de jantar. Sua peculiaridade é dada pela implantação da cozinha, no nível do sobrado, construída sobre terrapleno. Edifício robusto, com cunhais em argamassa nas extremidades, possui envazaduras singelas, em verga reta com cercaduras de argamassa e, no pavimento nobre, janela do tipo francês. Um telhado de três águas com beira-saveira completa a composição. Fonte: <https://www.ipatrimonio.org/jaguaripe-casa-do-ouvidor#!/map=38329&loc=-13.112987000000004,-38.895497000000006,17> Acessado em 20 Abril 2023.

Figura 45. Placa informativa – Casa do Ouvidor, Jaguaripe (BA).



Foto: Autora, Maio/2023.

3. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Ajuda²⁵

Conforme a historiografia disponível, parece ter sido o marco zero da cidade, onde foi construída a primeira capela no final do século XVI. A igreja foi reconstruída no século XVII e suas construções e acréscimos teriam ido até o século XVIII.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Ajuda fica no alto de uma colina de inclinação leve, a ladeira que leva até a matriz é chamada de Ladeira da Ajuda, esta ladeira fica em frente ao Paço Municipal que por sua vez, fica ao lado da Casa do Ouvidor, tudo próximo e conectado por ruas.

²⁵ Descrição: No final do século XVI, Matheus de Barros de Aguiar Barriga doa um terreno, no ponto mais alto da zona urbana, onde os jesuítas constroem uma capela. No início dos setecentos, os moradores reconstruem-na, estendendo as obras até o início deste século, quando é erigido o frontispício e a torre. A Matriz da Ajuda apresenta planta típica das igrejas deste período, possuindo nave com coro, corredores laterais recobertos por tribunas e um falso transepto, herança do partido jesuíta. Não tem, contudo, a sacristia transversal, estando esta justaposta à capela-mor, sobreposta pelo consistório. Sua fachada, do início dos novecentos, é do tipo rococó com uma torre terminada em mansarda revestida de azulejos e a outra inconclusa. O acesso principal é encimado por nicho, tendo as portas molduradas de cantaria e folha almofadada. Coroa o corpo central um frontão de volutas. Fonte: <https://www.ipatrimonio.org/jaguaripe-igreja-matriz-de-nossa-senhora-da-ajuda/#!/map=38329&loc=-13.11398999999987,-38.89588400000002,17> Acesso em 20 Abril 2023.

A edificação apresenta estilo rococó com uma torre revestida de azulejos. Todo o seu acervo de bens móveis também foi tombado, abrigando imagens sacras do período colonial (Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN).

Edifício tombado pelo IPHAN inscrito no Livro do Tombo Histórico (Inscr. nº 174, de 25/09/1941) e Livro do Tombo Belas das Artes (Inscr. nº 240-A, de 25/09/1941) por meio do Processo nº 281-T-1941.

A igreja matriz ainda se encontra em funcionamento, sendo realizadas as missas no domingo pela manhã, conforme informado pelos moradores. No entanto, segundo o então secretário de Cultura e Turismo, o edifício necessita de restauro.

Figura 46. Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, vista do topo da Ladeira da Ajuda, na Rua do Bonfim.

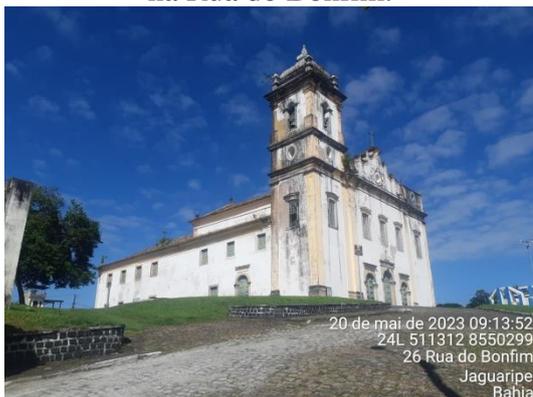


Figura 47. Parte de trás da Igreja.



Figura 48. Vista da Casa do Ouvidor para a Igreja Matriz com placa sinalizadora do Centro Histórico.



Figura 49. Vista do Rio Jaguaripe do topo do morro na Rua do Bonfim.



Figura 50. Vista da Igreja Matriz para a Ladeira da Ajuda, a Casa do Ouvidor e o Paço Municipal.



Fonte: Autora, Maio/2023.

4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário²⁶

Igreja data do final do século XVIII, localizada na Rua do Rosário, podendo ser vista e alcançada a partir da Avenida Martinho Albuquerque que fica as margens do Rio Jaguaripe. É mais modesta e apresenta menor tamanho comparada a Igreja Matriz, possuindo um frontão em estilo rococó. Pelo que pude observar esta igreja é mais utilizada na atualidade pela comunidade católica, na qual ocorre a maior parte das celebrações rotineiras da paróquia.

Ao lado da igreja foi construído um espaço recreativo imitando uma embarcação como pode ser visto nas imagens abaixo realizadas no momento de visitaçãõ a cidade.

²⁶ “Descrição: Datada do final do século XVIII, a Igreja tem uma arquitetura com planta em “T”, constituída por nave, capela mor e duas sacristias. Logo à entrada, uma portada em arco pleno, com frontão rococó em argamassa e ladeado por duas portas, também em arcos plenos, dão o tom da grandiosidade da construção. O frontispício é todo emoldurado por cunhais e cornija, sobre a qual assenta um frontão em volutas, ladeado por dois pináculos. As fachadas laterais são preenchidas por portas tribunas entaipadas. Os sinos, pendendo de dois pequenos vãos na sacristia direita, são uma curiosidade à parte nesta bela Igreja desprovida de torre; o que não diminui a sua beleza arquitetônica”. Fonte: <http://www.jaguaripe.tur.br/sede/> Acesso em Abril/2023.

Figura 51. Igreja vista da Avenida Martinho Albuquerque.



Figura 52. Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



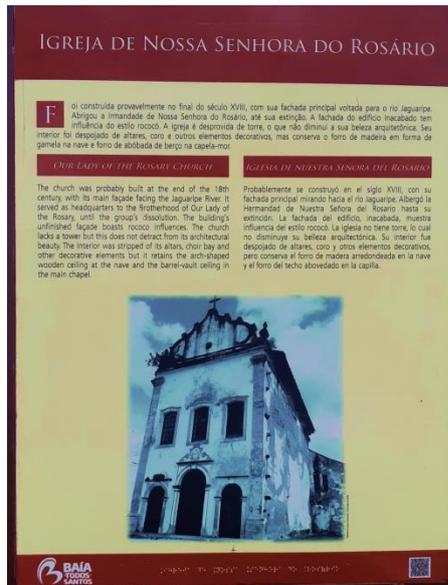
Figura 53. Construção de um espaço em formato de barco com o nome Maria da Glória utilizado em eventos religiosos e nos festejos do Gaspi.



Figura 54. Barco Maria da Glória utilizado em eventos religiosos e nos festejos do Gaspi.



Figura 55. Placa informativa instalada ao lado da Igreja.



Fonte: Autora, Maio/2023.

2.3 Manifestações Culturais

Ao analisar o calendário cultural do município percebemos que grande parte das festas são religiosas, tanto do âmbito cristão/católico quanto das religiões de matriz africana, além de alguns festejos cívicos e outras manifestações culturais. Os festejos que envolvem o rio e as regatas estão muito presentes e acontecem durante quase todo o ano, em janeiro, fevereiro, maio, agosto, outubro, novembro e dezembro, conforme pode ser visto na tabela abaixo.

CALENDÁRIO CULTURAL DE JAGUARIFE (BA)²⁷

CALENDÁRIO CULTURAL DE JAGUARIFE (BA) ²⁷			
	1	Festa de Bom Jesus dos Navegantes	<p>Figura 56. Festa de Bom Jesus dos Navegantes.</p> 
	2	Presente de Iemanjá	Sem imagem localizada.
JANEIRO	5	Boi Janeiro e Terno de Reis Localização: Terreiro de Ogum, Distrito de Camassandí.	<p>Figura 57. Boi Janeiro.</p> 
	6	Festa da Burrinha - Manifestação que consiste em um homem montado numa burrinha artesanalmente criada que sai às ruas cantando canções de reisado. Foi uma manifestação criada pelo um homem chamado Sr. Cupertino, que em uma pescaria encontrou um tronco parecido com a cabeça de um burro então levou este tronco para a cidade e enfeitou com bandeirolas e saiu nas ruas da cidade cantando e o povo acompanhou.	<p>Figura 58. Festa da Burrinha.</p> 

²⁷ Calendário Adaptado. Texto e imagens. Fonte: <http://www.jaguarife.tur.br/calendario-cultural/> Acesso em Maio/2023.

Figura 59. Terno de Reis em Jaguaripe.

7 Terno de Reis



8	Festa de Ogum Marinho Localização: Distrito de Pirajuia.	Sem imagem localizada.
---	---	------------------------

Figura 60. Slogan do Primeiro Evento.

18 Navega Jaguaripe



Último final de semana	Festa de São Gonçalo (Padroeiro de Camassandí).	Figura 61. Festa de São Gonçalo. 
------------------------	---	---

Último final de semana Festa de Santo Antônio (Padroeiro de Mutá). Sem imagem localizada.

25 a 31	Festa de Janeiro Romaria de Nossa Senhora dos Navegantes Procissão fluvial e marítima. Regata dos Navegantes	Figura 62. Regata dos Navegantes. 
---------	---	--

27 Festa de Oxossi
Localização: Distrito de Pirajuia. Sem imagem localizada.

	1	Festa do Gaspi	<p>Figura 63. Festa do Gaspi.</p> 
	12	Jornada de São Gonçalo – Pirajuía	<p>Figura 64. Jornada de São Gonçalo.</p> 
FEVEREIRO	14	Regata Jaguaripe x Cacha Pregos (data móvel) Romaria Marítima	<p>Figura 65. Romaria Marítima e Terrestre.</p> 
		Carnaval	<p>Figura 66. Carnaval.</p> 
	Último final de semana	Festa de São Benedito (Padroeiro de Camassandí).	Sem imagem localizada.
MARÇO	----	Procissão de Ramos - Simboliza a ida do Cristo ao Monte das Oliveiras à Cidade de Jerusalém.	Sem imagem localizada.
ABRIL	----	Quarta-feira Santa - Procissão do Encontro	Sem imagem localizada.
MAIO	11	Concurso de Poesias	Sem imagem localizada.

			<p>Figura 67. Regata de Canoas à Vela.</p> 
	12	<p>Emancipação Política Regata de Canoas à Vela / Regata 12 de Maio</p>	
	13	<p>Festa de Ogum Festa em Louvor a Santo Antônio</p>	<p>Sem imagem localizada.</p>
JUNHO	24	<p>Festa de São João</p>	<p>Figura 68. Festa de São João.</p> 
	29	<p>Festa de São Pedro</p>	<p>Figura 69. Festa de São Pedro.</p> 
JULHO	1	<p>Dia da Independência da Bahia Desfile da Cabocla.</p>	<p>Figura 70. Desfile da Cabocla.</p> 
	29	<p>Comemoração da Batalha do Funil - Batalha vencida pelo povo de Jaguaripe durante a luta pela Independência da Bahia. Festa de Sultão das Matas Festa de Nossa Senhora Santana</p>	<p>Figura 71. Comemoração da Batalha do Funil.</p> 

--	--	--	--

Figura 72. Procissão fluvial, Saveiro é da Vida.



16 Festa de São Roque
Procissão fluvial
Regata de Canoas à vela
Festa de Omolu, Obaluayê ou Xapanã
Festa de São Bernardo

AGOSTO

Figura 73. Festa de Omulu.



	7	Desfiles: Dia da Independência do Brasil	<p>Figura 74. Desfile Dia da Independência do Brasil.</p>
--	---	--	---

Figura 75. Festa de Nossa Senhora de Madre de Deus.

SETEMBRO

8 Festa de Nossa Senhora de Madre de Deus (Padroeira de Pirajuia).



	27	Caruru para Cosme e Damião Festa de Nossa Senhora da Conceição Festa do Sagrado Coração de Jesus	Sem imagem localizada.
--	----	--	------------------------

NOVEMBRO

20 Dia da Consciência Negra
Festa de Nossa Senhora da Palma

Sem imagem localizada.

OUTUBRO		Regata da Primavera (Data Móvel)	
	4	Caruru de Santa Bárbara	Sem imagem localizada.
	8 a 18	Festa de Nossa Senhora d'Ajuda e Festa de Xangô Localização: Distrito de Pirajuia.	Figura 76. Festa de Nossa Senhora d'Ajuda. 
DEZEMBRO	19	Terno de Reis	
	31	Festa do Senhor do Bonfim Romaria marítima	Sem imagem localizada.

“Em quase todas as manifestações culturais da cidade de Jaguaripe, o histórico emerge a partir dos elementos nelas constituídos e se ligam às águas que circulam na região” (MURICY, 2021, p. 10).

Ao realizar um estudo etnográfico sobre a relação do município com o Rio Jaguaripe (também denominado de Rio das Onças), Muricy (2021) revela que o rio é um dos grandes protagonistas, presentes nos festejos e nas memórias dos habitantes. Essa relação melhor se expõe nas festas de Nossa Senhora dos Navegantes e na Festa de São Gaspião (ou Gaspi).

Muito mencionada nas entrevistas realizadas com os saveiristas e em conversas informais com os moradores, a Romaria e Regata de Nossa Senhora dos Navegantes realizada no mês de janeiro reúne grande número de pessoas que vão exercer a sua fé e participar dos festejos em que saveiros e canoas que vão até Cacha Pregos (uma das praias da Ilha de

Itaparica), aguardam o momento certo da maré para zarpar e retornar, sendo que este evento une as duas localidades pelo percurso das águas e dos rituais nele efetivados com o encontro das imagens dos santos Nossa Senhora dos Navegantes de Jaguaripe e Santo Amaro de Itaparica.

Os moradores com quem conversei enfatizaram muito as ‘Festas de Janeiro’, ponto alto do verão e de comemorações no município. Nesse contexto, umas das festas que melhor exprime o lugar dos saveiros no imaginário popular está relacionada à Festa do Gaspião ou Gaspi que também está relacionada as reminiscências do povo negro da região. A festa é quase uma prévia para o carnaval e se assemelha muito a um bloco carnavalesco.

Segundo a lenda, na Romaria e travessia até Cacha Pregos, um homem negro chamado Gaspar pretendia embarcar nas canoas para acompanhar a festividade, entretanto perdeu o horário certo de partida.

Ficando em terra, Gaspar resolveu fazer uma grande alegria com os que também ficaram em Jaguaripe: colocou uma miniatura de saveiro em sua cabeça e saiu cantando e dançando com as outras pessoas que o acompanharam, dando início a tradição. Atualmente, todo ano uma pessoa sai com uma outra miniatura de saveiro, mas com um boneco em homenagem ao personagem, juntamente com a filarmônica jaguaripense e os “fiéis” ao santo não-canônico jogam talco e água entre eles. (MURICY, 2021, pp.12-13).

Uma versão mais pormenorizada sobre a origem da Festa do Gapi foi encontrada em página da web dedicada ao município de Jaguaripe (BA), trata-se do relato oral do morador Sr. Heraldo Freire:

“Convivi com uma descendente de escrava, Maria d’Hora, morei com ela, nascida em maio de 1889 e falecendo em março de 1985, ela contava muitas histórias e uma delas foi a criação do “gaspi”. Diz Dada como era conhecida, que a festa de Janeiro já existia quando ela era criança e na mocidade, iam com suas amigas para Cacha-Pregos, todas com roupas típicas da época até os joelhos com uma bermuda longa por baixo, cobrindo os joelhos para tomar banho, sem a presença dos homens... Jaguaripe, possuía média de 50 embarcações, e a maioria das famílias no mínimo, possuía 01 saveiro e tinha um que era o orgulho dos saveiristas chamado “som do samba” este criado por Mizael meu avô pai de minha Rosa e Manezinho Teixeira, ficando com a nossa família até a morte do avô, este possuía mais de 05 saveiros, (som do samba, 19 de dezembro, Santa Luzia etc...) Nas romarias, o rio Jaguaripe brilhava com o grande número de embarcações e muitas músicas típicas da região, samba de rosa etc. e no meado de 1930 ou 40, não recordava a data diz Dadá, numa terça feira após a ROMARIA 02 dia após as festas religiosas, os jovens e adolescentes iam brincar de miniaturas de saveiros, feito de cortiça na beira do Rio Jaguaripe e em uma desta brincadeiras, Sr. Linôr, Tio Deco e Cupertino (irmão de Juju), começaram a brincar, colocando o saveiro na cabeça, e o maior da embarcação em homenagem ao saveiro “som do samba” colocaram um boneco como se fosse o saveirista chamado GASPAS, que cuidava deste saveiro, alto, de cor muito negra e começaram a cantar e pular fazendo a festa com esta cantiga: EU VOU PARA O OUTRO PORTO, VOU BUCAR O GASPAS, É UMA ROMARIA E VERDADEIRA TRADIÇÃO, CHEGOU, CHEGOU, CHEGOU SEU GASPAS. E aí se deu a origem da festa do Gaspi, em homenagem ao saveirista do “som do samba”. Essa história já foi contada para mim

por Tio Deco, meu pai, Tio Bê, Raimundo “Visgo”, e confirmada por Sr. Linôr, ratificando o que “Dada” já me tinha contado.” (Heraldo Freire)²⁸

Figura 78. Festa do Gaspi descendo a Ladeira da Ajuda.



Figura 79. Festa do Gaspi.



Figura 80. Gaspi em frente a Filarmônica da cidade.



Figura 81. Brincadeira na qual atiram pó (talco) uns nos outros.



Fonte: <https://www.jaguaripe.tur.br/gaspi/> Acessado em 18 agosto 2023.

Imagens sem identificação de autores ou ano.

²⁸ Fonte: <https://www.jaguaripe.tur.br/gaspi/> Acessado em 18 Agosto 2023.

CAPÍTULO IV - ATIVIDADES DE CAMPO: OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS

4.1 Aproximação dos Saveiristas: Primeiras Entrevistas

Durante o ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’ que aconteceu entre os dias 27 e 29 de maio de 2022, na cidade de São Félix (no Recôncavo Baiano), realizamos a primeira aproximação com os saveiristas presentes e com os participantes do evento.

O evento aconteceu em grande parte nas imediações do cais de São Felix na Avenida Salvador Pinto, em frente a Tabacaria Dannemann, ocorrendo palestras também na Câmara de Vereadores e objetivou “*resgatar a memória e preservar este tipo de embarcação, valorizando a sua salvaguarda como patrimônio baiano*”. O festival teve a produção da Tabuleiro Produções e Um Som & Imagem e contou com o patrocínio do Governo do Estado, através das secretarias de Turismo (Setur) e de Comunicação (Secom)²⁹.

De maneira geral, o evento chamou a atenção dos moradores de São Felix e Cachoeira com a presença de muitas famílias e pessoas de todas as idades, desde idosos a crianças. E contou com a presença de pessoas de outras localidades, como Salvador, por exemplo, atraindo muitos fotógrafos profissionais e amadores, jornalistas e de pessoas envolvidas na causa preservacionista dos saveiros.

Foi possível ver o interesse dos visitantes sobre os saveiros, muitos tiraram fotos e demonstraram encantamento com as embarcações. Além disso, o evento contou com atrações culturais, tais como: feirinha de artesanato, agricultura familiar e atrações musicais.

No ano de 2023, o evento está programado para acontecer no mês de novembro, segundo página do evento no Instagram (festivaldesaveirosocial).

²⁹ Fonte: <https://www.bahia.ba.gov.br/2022/05/noticias/cultura/com-patrocinio-do-governo-do-estado-festival-celebra-os-saveiros-do-reconcavo-baiano/> Acessado em 20 Junho 2022.

Figura 82. Banner de divulgação do evento - Cais de São Felix.



Fonte: Autora, Maio/2022.

Figura 83. Patrocinadores no banner de divulgação do evento - Cais de São Felix.



Fonte: Autora, Maio/2022.

Particpei como ouvinte da abertura do evento realizado na Câmara de Vereadores da cidade de São Felix às 10h da manhã com uma Sessão Solene pelo Centenário de Dona Cadu, Ricardina Pereira da Silva, artesã (ceramista) que trabalhava na fabricação de painelas de barro, fundadora do *Samba Miudinho*. O evento começou com uma hora de atraso.

Figura 84. Sessão Solene pelo Centenário de Dona Cadu, Ricardina Pereira da Silva.



Fonte: Autora, Maio/2022.

Neste mesmo dia à tarde, ocorreu à mesa redonda intitulada "*A importância dos saveiros para o Recôncavo Baiano*" no horário das 14 horas. A mesa começou com a fala de Marília Barreto (arquiteta e representante da *Associação Viva Saveiro*), convidada para o evento.

Sua fala versou principalmente sobre a história da *Associação Viva Saveiro*, formada por sete dirigentes e sobre o processo de tombamento do saveiro Sombra da Lua, iniciativa esta que ganhou o Prêmio Rodrigo de Melo Franco do IPHAN como melhor projeto do Brasil de preservação do patrimônio material no ano de 2010.

Discorreu sobre a importância da preservação histórica dos saveiros baianos como patrimônio cultural do Recôncavo Baiano, sobre a dificuldade de obtenção de madeira para o reparo e construção de novas embarcações, sobre a falta de apoio público para a implementação de projetos turísticos que torne os saveiros utilitários e rentáveis. Comentou ainda sobre o caso dos saveiros *Sombra da Lua* e o *É da Vida* que já faziam esses passeios, mas que atualmente encontram grandes dificuldades para continuar esse projeto. Explicando ainda sobre o processo de perda da rota dos saveiros de Maragogipinho para a Feira de São Joaquim.

Marcelo Bastos (arquiteto) versou sobre o seu projeto de catalogação das técnicas produtivas dos saveiros. Explanando ainda sobre a situação dos carpinteiros navais que não possuem o reconhecimento legal da Marinha do Brasil para a construção dessas embarcações.

Walter Fraga (historiador) fez um panorama histórico dos saveiros na Bahia. Destacou a importância dos saveiros no setor de transportes e lembrou que os saveiros eram responsáveis pelo escoamento da produção de tabaco do Recôncavo, sendo que a *Charutaria Dannemann* utilizava as imagens dos saveiros em suas propagandas, como pode visualizado logo abaixo.

Figura 85. Caixa de charutos Dannemann mostrando saveiros atracados no cais de São Felix (ano desconhecido).



Fonte da imagem: Google/Mercado Livre³⁰.

Algo que me chamou a atenção neste evento foi à ausência da participação direta dos saveiristas enquanto palestrantes, por outro lado, pessoas ligadas à elite intelectual (um professor, um pesquisador acadêmico, um fotógrafo, um político e uma arquiteta representando uma associação) falaram da importância dos saveiros e acabaram também falando por eles, pelos saveiristas.

Ocorreu também um almoço no último dia do evento, quando se ofereceu uma maniçoba (denominado prato típico do Recôncavo), do qual participei, acompanhando uma convidada. Por lá também não vi a presença de nenhum saveirista, apenas políticos, intelectuais e organizadores.

A meu ver, a organização do evento precisa ser revista, de modo a evitar uma segregação, justamente dos saveiristas, que deveriam participar falando de si, sem hierarquizações.

As demais atrações culturais em grande parte estavam relacionadas à “cultura do Recôncavo e da Bahia” com a apresentação de grupos e atrações locais (artesanato, samba de

³⁰ Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-720304239-rara-caixa-de-charutos-dannemann-feito-em-so-felix-bahia- JM> Acessado em 02 Agosto 2022.

roda, reggae e axé), conforme pode ser observado na programação do evento mais adiante na Tabela 3. O evento culminou com a apresentação do cantor soteropolitano Jau (Jauperi Lázaro dos Santos), atraindo grande público.

Um dos pontos fortes do evento e também o momento de maior comoção dos participantes foi o ‘Bordejo dos Saveiros’, que ocorreu no Rio Paraguaçu (nas proximidades de São Felix e Cachoeira) no dia 29/05/2023 (domingo). Os que tiveram a oportunidade de fazer o passeio nas embarcações demonstraram enorme satisfação, foram convidados todos que estavam presentes no cais no momento do embarque.

Enquanto pesquisadora deste objeto de estudo, pude ter a minha primeira experiência ao velejar em um desses barcos e foi uma experiência única e encantadora. As pessoas que estavam comigo disseram compartilhar da mesma experiência e mesmo quase um ano após o passeio, todos nós guardamos com afetividade esta recordação na memória.

Segue abaixo algumas imagens do evento ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’.

Figura 86. Saveiros Baianos atracados no cais do porto de São Félix com vista para cidade de Cachoeira (BA).



Figura 87. Saveiros Baianos atracados no cais do porto de São Félix com vista para cidade de Cachoeira (BA) e Imperial Ponte Dom Pedro II.



Figura 88. Momento de saída dos saveiros para o bordejo no Rio Paraguaçu.



Figura 89. Bordejo dos saveiros no Rio Paraguaçu.



Figura 90. Saveiros no retorno ao cais de São Félix.



Figura 91. Exposição dos saveiros em miniatura para venda do Projeto Arte Naval no evento.



Figura 92. Integrante do Projeto Arte Naval confeccionando o saveiro no evento.



Figura 93. Barraquinha de comidas ditas típicas da Bahia.



Fonte: Autora, Maio/2022.

Segue abaixo resumo da programação do evento para melhor conhecimento:

Tabela 3. Programação do 'Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu'

Data	Atividades	Detalhes
Dia 27 de maio – sexta-feira	Limpeza das margens do Rio Paraguaçu	Horário: 17h Local: Rio Paraguaçu
	Sessão Solene pelo Centenário de Dona Cadu	Horário: 10h Local: Câmara de Vereadores de São Félix
	Mesa: "A importância dos saveiros para o Recôncavo Baiano"	Horário: 14h Local: Câmara de Vereadores de São Félix Convidados: historiador Walter Fraga, fotógrafo Nilton Souza, deputado Bira Coroa e a arquiteta Marília Barreto, uma das proprietárias do Saveiro <i>É da Vida</i> . Mediação: historiador Fábio Batista
	Encontro dos Sambas de Roda do Recôncavo	Horário: 20h Samba de Roda Filhos de Nagô – São Félix, Gêge Nagô – Cachoeira, Samba Filhos de Dona Cadu – Maragojipe

Dia 28 de maio – sábado	<p>Local: Avenida Salvador Pinto (Porto)</p> <p>Horário: dia inteiro</p>	<p>Eventos: Feira de Economia Criativa e Agricultura Familiar, Exposição de carros antigos, Exposição de miniaturas de saveiro do artesão Ubiracy Portugal, Exposição dos Trabalhos Escolares, Encontro de Jet Skis (13h), Orquestra Reggae de Cachoeira (16h), Nathan Gomess (18h), Nelma Marks (20h), Sine Calmon (22h).</p>
Dia 29 de maio – domingo	<p>Local: Avenida Salvador Pinto (Porto) -</p> <p>Horário: dia inteiro</p>	<p>Eventos: Feira de Economia Criativa e Agricultura Familiar, Exposição de carros antigos, Exposição de miniaturas de saveiro do artesão Ubiracy Portugal, Exposição dos Trabalhos Escolares, Bordejo de Saveiros (13h30), Show Corpos Negros (14h), Show Orquestra Jovem do Recôncavo (15h30), Premiação (16h), Saída do Presente para Oxum (16h30), Sarau de Jau (17h30), Juninho Cachoeira (19h30).</p>

Fonte: Portal de Notícias G1, 18/05/2022. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/05/18/festival-de-saveiros-sera-realizado-na-cidade-de-sao-felix-no-reconcavo-da-ba-confira-programacao.ghtml>

Tínhamos uma maior expectativa quanto à quantidade de contatos e entrevistas que poderíamos realizar neste evento. Todavia, nem todos os saveiristas abordados demonstraram interesse em nos conceder uma entrevista, acreditamos que isso tenha ocorrido devido em parte ao ambiente festivo do evento, no qual a maioria estava em um momento de lazer e descontração. Houve ainda a presença de um som sempre alto com música que atrapalhava um pouco a conversação. Outra explicação para que a tentativa de aproximação não tenha sido tão fecunda parece ter sido a falta de um elo de aproximação, alguém com trânsito entre os saveiristas que pudesse fazer uma ponte para a realização dos contatos.

Entretanto, nesta ocasião, tivemos a oportunidade de realizar cinco entrevistas que resultaram em importantes contribuições preliminares a esta pesquisa³¹. Os depoentes foram: dois saveiristas (pai e filho): o senhor Alício Sales Brasil, 48 anos, natural de Cruz das Almas,

³¹ Todos os entrevistados concordaram em nos conceder as entrevistas, assim como autorizaram a utilização do conteúdo das conversas e imagens realizadas neste trabalho acadêmico. As entrevistas foram filmadas e gravadas em áudio.

morador de Coqueiros e Joilson Guimarães Ribeiro, 32 anos, nascido em Salvador, atual morador de Coqueiros; o mestre carpinteiro e saveirista Bira Portugal (41 anos) de Jaguaripe e uma representante da *Associação Viva Saveiro*, a senhora Marília Barreto, arquiteta, residente de Salvador. Entrevistamos ainda a senhora Vilma Monteiro, residente de Salvador que nos contou que aprendeu a manejar os saveiros.

Foram realizadas perguntas muito semelhantes para todos os entrevistados (os roteiros de entrevistas utilizados podem ser acessados no subtópico “*Roteiros de Entrevistas*” no tópico destinado a Metodologia), sendo que alguns desenvolveram mais os temas, dando espaço para outros questionamentos e esclarecimentos.

Segue abaixo uma seleção dos temas tratados.

Entrevista 01: Alício Sales Brasil

O senhor Alício Sales Brasil (48 anos) morador de Coqueiros, nos contou que o seu contato com os saveiros começou anos atrás trabalhando com fretes, transportando bloco, areia e pedra de Coqueiros de Paraguaçu para Bom Jesus. Ainda hoje algumas pessoas realizam essa atividade, no entanto, atualmente ele tem se dedicado mais a atividade de pesca com canoa.

Figura 94. Entrevista com o senhor Alício Sales Brasil, saveiristas e pescador, em frente ao cais de São Félix (BA), 29/05/2022.



Foto: Ícaro Lopes Lourenço.

Quando questionado com quem aprendeu a manejar um saveiro, ele relata que com um senhor da comunidade chamado ‘Neto’, que já foi dono de vários saveiros. Sendo que ninguém de sua família tinha contato com os saveiros, a não ser o seu filho Joilson que também faz viagens para fretes de mercadorias.

Em determinado ponto da conversa o questiono se ele acredita que os saveiros devem ser preservados e por que, o qual me responde:

“Porque, poxa, é uma relíquia aí que já vem de muitos anos, ele vem de geração em geração aí [grifo nosso]. Esse pessoal mesmo que estava aí, esse coroa... Isso vem do avó dele! Esse negócio de embarcação aí, óh! Do avô dele... Aí ele pegou esse gostar de ficar com os saveiros... Tanto que ele tinha... Tem um bocado de saveiro aí que já foi dele e ele vendeu... E agora ele só se acha com duas lanchas... Uma de 15 metros e outra de 17 metros. Ele e o filho dele aí! Que agora gosta também! E já vem o neto dele também, já gosta também, já tá com amor pela embarcação”³². (Alício Sales Brasil, saveirista e pescador, 29/05/2022).

Entrevista 02: Joilson Guimarães Ribeiro

O senhor Joilson Guimarães Ribeiro (32 anos), morador de Coqueiros é filho do Sr. Alício e nos conta que é pescador como o pai: *“pesco de redinha, camarãozeira e vários tipos de arte de pesca”*. Quando questionado sobre a sua história com os saveiros, nos conta que quando surgem as viagens para frete ou para eventos, ele participa. Nos fretes levam qualquer tipo de carga encomendada, em geral tratando-se de areia, bloco e cimento principalmente para Jaguaripe, Paramana (Ilha dos Frades), Bom Jesus dos Passos, Ilha de Maré, Salvador e Cacha Pregó .

³² Optou-se por preservar ao máximo as expressões idiomáticas e coloquiais dos entrevistados, seguindo a metodologia adotada da plenitude da “oralidade escrita” (CALDAS, 2008).

Figura 95. Entrevista com o senhor Joilson Guimarães Ribeiro, saveiristas e pescador, em frente ao cais de São Félix (BA), 29/05/2022.



Foto: Icaro Lopes Lourenço.

Ao questioná-lo sobre se a rota de transporte das cerâmicas ainda existe, ele conta:

Só quem trabalha com cerâmica lá em Maragogipinho, que eles trabalham com cerâmica manual, no caso. Agora essa exportação aí, não temos mais essa exportação, acabou. Então, isso é triste pra gente, né? A gente sempre... **Isso não pode acabar que é um patrimônio cultural, entendeu? Em tudo... Os saveiros!** [grifo nosso]. Muitos saveiros já se acabaram hoje em dia... Porque no passado existia muito saveiro, não sei te dizer quantos tinha nesse tempo, mas muitos acabaram. Então, isso aí não pode deixar se acabar assim, não. Porque a história da gente foi sobre isso... Criamos os nossos filhos e de filho passamos já pra netos... Vai passando de geração em geração... Então, isso não pode acabar assim fácil, não [grifo nosso]. (Joilson Guimarães Ribeiro, saveirista e pescador, 29/05/2022).

Quando questionado sobre a sua função na embarcação, ele responde: *“A gente viaja embarcado com cargas para as ilhas... Aí no caso é içar vela, bordejar, ou seja, seguindo a viagem, ida e volta”*. Conta que aprendeu a manejar os saveiros com um mestre chamado ‘Tonho de Coqueiros’.

Pergunto se ele conhece pessoas que ainda sabem construir os saveiros e ele responde: *“Eu conheço, como o meu pai falou, esse tal de Dego [de Maragogipe], e tem um lá de Ilha de Maré que chama Nên”*.

Por fim questiono: *“Você acha que falta o que para a preservação dos saveiros? O que você esperava que acontecesse?”*

Rapaz, eu acho que... Uma pessoa que tivesse assim, **um apoio**, entendeu? Que ‘fundasse’ (Inaudível) uma associação... Porque hoje em dia como eu tô dizendo a senhora, muitos saveiros já se acabaram... Porque tinha muito saveiro. Aí deixaram se acabar... **E o saveiro não pode se acabar porque é um patrimônio cultural, né? Vem de geração em geração e a gente não pode deixar isso se acabar não [grifo nosso].** (Joilson Guimarães Ribeiro, saveirista e pescador, 29/05/2022).

Entrevista 03: Ubiracy Claudio Souza Portugal

O terceiro entrevistado foi o mestre Bira Portugal (como é conhecido – 43 anos no momento da primeira entrevista), morador de Jaguaripe (BA) que estava expondo miniaturas de saveiros no evento. Ele nos conta que é professor de nautimodelismo em Jaguaripe (BA) em um projeto em parceria com a prefeitura (Secretaria de Ação Social) desde 2016.

Figura 96. Entrevista com o mestre carpinteiro e saveiristas Bira Portugal, ao fundo exposição no ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’ (29/05/2022) das miniaturas de saveiros produzidas em sua Escola de nautimodelismo em Jaguaripe (BA).



Foto: Icaro Lopes Lourenço.

Ele nos conta que já construiu três saveiros em tamanho real: “o ‘Mestre Carlito’ porque eu fiz uma homenagem ao meu pai, ‘Amigo de Verdade’ e o ‘Marujo’”.

Pergunto se ele faz parte de alguma associação, a qual responde: “Eu fazia parte... Não, parte!... Eu convivia muito com o pessoal da Associação Viva Saveiro”. Informando que tem conhecimento de uma associação localizada em Coqueiros, “AVISBA, alguma coisa assim”.

Questiono “o que vocês esperavam que acontecesse para a preservação dos saveiros”?

A gente quer que... No caso, documentação dos saveiros, documentar os estaleiros, dar o documento ao construtor! Porque a gente faz os saveiros mas não pode assinar, tem que ter um engenheiro naval... Que no caso, tem a teoria, mas não tem a prática! Também uma política que os carpinteiros navais consiga fazer um projeto para... Tirou uma árvore, plantar 10, 20... Alguma coisa desse tipo (...) **Os saveiros deveriam ser utilizados no turismo** (Bira Portugal, carpinteiro naval, 29/05/2022).

Após os agradecimentos o mestre Bira nos convidou para ir conhecer a sua escola de nautimodelismo em Jaguaripe (BA).

Entrevista 04: Marília Barreto

A entrevista com a senhora Marília Barreto (idade não informada), arquiteta, moradora da cidade de Salvador (BA) e representante da *Associação Viva Saveiro* no evento foi a mais longa, sendo tratados vários assuntos, vou destacar alguns. Ela nos conta que a associação começou por volta de 2008, reunindo algumas pessoas apaixonadas pelos saveiros, em geral profissionais liberais, voltados a causa da preservação. Um dos primeiros projetos foi o restauro do saveiro ‘Sombra da Lua’, já que o seu mestre não tinha condições para fazê-la. Os recursos foram levantados por meio de rifas e cotas entre os integrantes e amigos da associação. Depois deste foram restaurados os saveiros ‘15 de Agosto’, o ‘Sempre Feliz’ e o ‘É da vida’.

Figura 97. Entrevista com a senhora Marília Barreto (de amarelo), arquiteta e representante da Associação Viva Saveiro em São Félix (29/05/2022).



Foto: Icaro Lopes Lourenço.

Outro projeto da associação foi a ‘Caravana da Saúde’ que utilizando saveiros subia o Rio Paraguaçu levando dentistas e médicos para o Recôncavo. “*Parávamos em uma comunidade e fazíamos os atendimentos*”. Eles também contribuíram com a capacitação do Mestre Bira por meio da viabilização de um curso no Museu Náutico do Rio Grande do Sul, contribuindo também com a idealização da escola de nautimodelismo para jovens em Jaguaripe.

Outro projeto da *Associação Viva Saveiro* foi à idealização e produção do livro “*Viva Saveiro: patrimônio naval da Bahia*” de Carlos Ribeiro, Pedro Bocca, e Nilton Souza (2013). Segundo a depoente, os recursos com a venda dos livros foram revertidos para os projetos da associação.

A senhora Marília nos conta que durante a reforma da Feira de São Joaquim, a associação se envolveu na defesa para que os saveiros pudessem atracar no cais da feira para trazer as cerâmicas de Maragogipinho. Entretanto, mesmo após muitas tentativas não encontraram apoio político a causa e por isso, perderam uma rota de comércio secular entre o Recôncavo e a capital, Salvador, segundo a depoente faltou entendimento e adesão à causa por parte dos órgãos responsáveis.

Reclamou também sobre a recente diminuição da quantidade de pessoas permitidas pela Marinha do Brasil/Capitania dos Portos nos passeios com os saveiros, antes eles levavam até 20 pessoas e agora só podem levar 08, contabilizando com os tripulantes. Contando que existe muita demanda por esse tipo de turismo, porém não existe sensibilidade à causa por parte dos órgãos públicos. Relata que os deslocamentos realizados com os saveiros são demorados e muitas vezes o trânsito de uma cidade do recôncavo ou das ilhas para Salvador demora um dia de ida e outro de volta, devido à disponibilidade de ventos propícios. Dessa forma, os passeios com 08 pessoas se tornam inviáveis para custear a manutenção das embarcações e diárias dos tripulantes que dessa forma, preferem se dedicar a outras atividades, como a pesca.

Outra problemática recorrente para os saveiristas é a exigência de documentos por parte da Marinha e Capitania dos Portos que eles não possuem. Tanto os documentos de construção e registro das embarcações como cursos que capacitam o indivíduo a velejar e conduzir as embarcações. Sobre essa problemática, explica:

Eles têm esse saber, um saber natural que adquiriu de pai pra filho, né? Muitos são analfabetos... Então, vamos dizer, eles não preenchem todos os pré-requisitos da Marinha pra quem vai navegar. Mas, eles são homens do mar, né? Então, eles têm um saber ancestral, eu diria... E que a gente precisa entender esse saber pra poder preservar, pra poder incentivar e dar a eles esse direito de transitar porque o tempo todo eles saem e são abordados pela Marinha (...) Então, hoje a dificuldade da Viva

Saveiro taí... **Pra mim, a maior forma de sustentabilidade da embarcação hoje é através do turismo. Mas, pra isso hoje a gente precisa que os órgãos competentes estejam sensíveis a essa causa** [grifo nosso]. (Marília Barreto, arquiteta e representante da Associação Viva Saveiro, 25/05/2022).

Em determinado ponto questiono: “*E sobre as políticas públicas de preservação, a senhora acredita que falta o quê para que elas sejam efetivas*”? E ela responde: “*Pra mim falta (...) Não é falta. Eu acho que eles podiam é... Não nos atrapalhar!*”.

Entrevista 05: Vilma Monteiro

Através do contato com a senhora Marília Barreto, fui apresentada a senhora Vilma Monteiro (idade não informada), natural de Salvador. Ela nos contou entre outros detalhes que aprendeu a velejar o saveiro há uns 8 a 9 anos, ela sabe içar as velas, manejar o leme, verificar os ventos, se vai chover, nos contando que aprendeu a fazer tudo, porém a sua especialidade a bordo é fazer acarajé para todos.

Pergunto a ela sobre os passeios turísticos, a qual responde:

Tamo fazendo turístico, não. Mas, de vez em quando que surge... Um passeio assim... Um pessoal loca o saveiro... Por causa que diminuiu muito o número de pessoas pra entrar, pra viajar no saveiro por causa da Marinha. A Marinha cortou muito... Aí um grupo com poucas pessoas não é viável, aí ultimamente... Ninguém... Não dá renda suficiente. Aí como o saveiro [se referindo ao ‘*É da vida*’] ele tem cinco donos, aí eles que assumem todas as despesas.

Fiquei muito surpresa com a informação de que uma mulher poderia velejar, já que toda a bibliografia consultada mencionava apenas homens nessa atividade. Então, pergunto se existem outras mulheres exercendo essa função, a qual me responde: “*Tem! Tem uma menina aí... Izana, ela é de Jaguaripe... Que está ficando boa, viu*”!

4.2 Entrevistas realizadas em Jaguaripe (BA)

O acesso à sede do município de Jaguaripe por terra, utilizando transporte coletivo apresentou dificuldades saindo do sudoeste da Bahia em direção ao Recôncavo Baiano, havendo poucas opções de rotas. O campo ocorreu entre os dias 18 de maio a 27 de maio de 2023.

Também ocorreu dificuldade para encontrar hospedagem, sendo que nesta ocasião não havia pousadas em Jaguaripe (sede), entretanto localizei a presença de pousadas nas praias mais próximas. Sendo assim, me hospedei em uma pensão no centro de Jaguaripe.

Os dias foram aproveitados para conhecer a cidade, conversar com os moradores, realizar as entrevistas, observações e experienciar algumas vivências no local. No entanto, precisou haver respeito a disponibilidade e abertura das pessoas contactadas.

Todas as entrevistas se deram como uma conversa informal, na qual a mestrandia foi realizando as perguntas de interesse da pesquisa e também retirando dúvidas ou ampliando o entendimento sobre as respostas.

As falas apresentadas foram consentidas e os depoentes assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido da pesquisa, depoimento oral e direito a imagem e fotografia.

Primeira entrevista: Bira Portugal (44 anos) Ubiracy Claudio Souza Portugal

A entrevista ocorreu no dia 19/05/2023 (sexta-feira) pela manhã na Avenida Martinho Albuquerque, ao lado da Quadra de Exportes, no prédio onde funciona a sede do 'Projeto Arte Naval', do qual Bira é o responsável, projeto ligado ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – CRAS, da Prefeitura de Jaguaripe.

Trata-se da segunda entrevista realizada com Bira Portugal, nesta ocasião foram realizadas em torno de 63 questões ao depoente. A primeira ocorreu durante o evento 'I Festival de saveiros de São Félix' em maio de 2022, além de contatos esporádicos ao longo da pesquisa por meio do aplicativo 'WhatsApp'.

Figura 98. Prédio sede do Projeto Arte Naval – Ponto de encontro dos saveiristas para as entrevistas.



Foto: Autora, Maio/2023.

Bira Portugal pode ser entendido como umas das referências em torno das causas dos saveiros em Jaguaripe e no Recôncavo, atuando de maneira informal como um líder, aglutina saveiristas, alunos, pesquisadores e o público em geral em torno da causa preservacionista e segundo as suas palavras tenta não deixar a tradição oral da construção dos saveiros se perder com as aulas nas quais transmite este conhecimento a jovens e crianças, criando assim possibilidade de renda por meio da comercialização das miniaturas. Ele relata que aprendeu a profissão de saveirista com o seu pai, Mestre Carlito (saveirista, cozedor de velas e calafate) e frequentando o estaleiro de Mestre Dego ao logo da sua vida. Aos 8 anos já estava imerso nesse contexto, reproduzindo réplicas de saveiros e canoas em miniatura.

Início a entrevista perguntando quantos saveiristas existem em Jaguaripe, inicialmente Bira afirma que existem seis pessoas, mas acaba citando nove, além de outros que não tem barco, mas que velejam quando podem.

Saveiristas de Jaguaripe citados por Bira: Bira Portugal (entrevistado), Luciano, Cleidinei, Antônio, Marivaldo, Elenilton, Nem (irmão de Bira), Detinho e Betinho

O questiono então sobre a quantidade de saveiros que existem em Jaguaripe e ele me responde que existem seis (06) e acaba citando sete (07), todos de vela de içar e motor pequeno. O motor é utilizado quando não tem vento, Bira relata que “(...) *Antigamente quando não tinha vento, a gente usava a vara para varejar, o remo. Hoje em dia a gente utiliza um motorzinho pequenininho. Mas, não influencia em muita coisa, não*”.

Saveiros que estão em Jaguaripe, conforme o depoente:

1. *Mestre Carlito* – Construído por Bira (finalizado em 2016) – Pertence à Bira.
2. *Amigo de Verdade* - Construído por Bira.
3. *Marujo* - Construído por Bira.
4. *Sombra e Água Fresca* – Pertence à Dona Dedé, uma das ex-dirigentes da ‘Associação Viva Saveiro’, atual moradora de Jaguaripe.
5. *É da vida* – 102 anos (atualmente pertence à ex-membros e amigos da ‘Associação Viva Saveir’).
6. *Mensageiro do Destino* – Construído em Valença há aproximadamente 15 anos (Rabo de Peixe e Vela de Içar).
7. *Teike Rize* – Construído em Cacha Pregó pelo Mestre Denico.

No momento de realização das entrevistas, os saveiros que se encontravam em boas condições de uso eram: ‘Marujo’ e ‘Amigo de Verdade’, os saveiros ‘Mestre Carlito’, ‘É da Vida’ e ‘Mensageiro’ precisavam de reparos.

Pergunto como começou a sua história com os saveiros, o qual responde: “*Meu pai, Mestre Carlito era saveirista, já falecido. Fazia as velas, era mestre calafate e manejava*”, não era carpinteiro.

Ele me conta que os saveiros de Jaguaripe estão sendo utilizados apenas para passeios, atualmente não fazem mais fretes. Pergunto sobre a utilização do píer de atracação da cidade, obra do Governo do Estado da Bahia, construída e inaugurado em 2021. “*É utilizado pelas embarcações para o turismo. Mas, o turismo atualmente está bem fraco. Se tivesse um incentivo para o turismo estaria sendo mais utilizado, principalmente pelos saveiros*”.

Figura 99. Píer de atracação dos barcos e receptivo turístico, obra do Governo do Estado da Bahia. Centro de Jaguaripe.



Figura 100. Píer de atracação dos barcos e receptivo turístico. Vista da Casa de Câmara e Cadeia.



Figura 101. Detalhe do espaço construído para funcionar como receptivo turístico.



Figura 102. Detalhe do espaço construído para funcionar como receptivo turístico.



Figura 103. Relação de atracadouros da Baía de Todos-os-Santos, apresentados na placa acima.

01 Base Náutica da Penha Penha Nautical Station Base Náutica de Peña	07 Base Náutica de Salinas da Margarida Salinas da Margarida Nautical Station Base Náutica de Salinas da Margarida	13 Atracadouro de Humaitá Humaitá Pier Muelle de Humaitá	19 Atracadouro de Loreto Loreto Pier Muelle de Loreto
02 Atracadouro Solar do Unhão Solar do Unhão Pier Muelle del Solar do Unhão	08 Terminal Hidroviário de Maragojipe Maragojipe Nautical Terminal Terminal Náutico de Maragojipe	14 Terminal Náutico da Bahia Bahia Nautical Terminal Terminal Náutico de Bahia	20 Terminal Turístico de Paramana Paramana Tourism Terminal Terminal Turístico de Paramana
03 Terminal de Botelho Botelho Terminal Terminal de Botelho	09 Terminal Hidroviário de Cachoeira Cachoeira Nautical Terminal Terminal Náutico de Cachoeira	15 Bahia Marina Bahia Marina Bahia Marina	21 Terminal Hidroviário de Ponta de Nossa Senhora de Guadalupe Nautical Terminal of Our Lady of Guadalupe Point Terminal Náutico de la Punta de Nuestra Señora de Guadalupe
04 Terminal de Bom Jesus dos Passos Bom Jesus dos Passos Terminal Terminal de Buen Jesús de los Pasos	10 Terminal Turístico de Cacha Pregos Cacha Pregos Tourism Terminal Terminal Turístico de Cacha Pregos	16 Atracadouro São Francisco do Paraguauçu São Francisco do Paraguauçu Pier Muelle São Francisco del Paraguazú	22 Terminal Marítimo de Madre de Deus Madre de Deus Maritime Terminal Terminal Marítimo de Madre de Deus
05 Atracadouro do Museu Wanderley Pinho Wanderley Pinho Museum Pier Muelle del Museo Wanderley Pinho	11 Terminal Turístico de Jaguaripe Jaguaripe Tourism Terminal Terminal Turístico de Jaguaripe	17 Atracadouro de Cajaiba Cajaiba Pier Muelle de Cajaiba	
06 Base Náutica de Itaparica Itaparica Nautical Station Base Náutica de Itaparica	12 Atracadouro de Mutá Mutá Pier Muelle de Mutá	18 Terminal Hidroviário de São Francisco do Conde São Francisco do Conde Nautical Terminal Terminal Náutico de São Francisco do Conde	

Figura 104. Vista da ponte do píer, lateral direita de quem olha do Rio Jaguaripe para a cidade.



Figura 105. Vista da ponte do píer, lateral esquerda de quem olha do Rio Jaguaripe para a cidade.



Figura 106. Vista da ponte do píer para a cidade.



Segundo Bira, eles se entendem enquanto um grupo de saveiristas, se reúnem, programam passeios e eventos ligados aos saveiros, mas não possuem uma associação formal. Bira anteriormente participava da ‘Associação Viva Saveiro’, mas relata que esta atualmente encontra-se fechada.

Pergunto sobre os projetos do grupo e ele afirma que não possuem nenhum. Mas, se reúnem, conversam sobre os saveiros e combinam as regatas. “*Os encontros que a gente tem é para fazer as regatas. Algum passeio que a gente faz... Ou a gente se encontra para ir em alguma regata em Salvador, Maragogipe... Esses lugares dos encontros*”.

Bira cita algumas das regatas das quais participam:

- Regata João das Botas – (Salvador). Não ocorreu mais este evento após a pandemia de coronavírus (2020).
- Regata da Primavera – Regata de veleiros, mas os saveiros acompanham. Acontece em outubro (aconteceu em 2022).
- Regata Aratau-Maragogipe – Em agosto de cada ano.

Peço que ele me explique um pouco mais sobre o Projeto Arte Naval, no qual ele atua como professor de carpintaria náutica, sendo pago pela prefeitura de Jaguaripe.

Atualmente atende a aproximadamente 15 alunos ligados ao Serviço de Convivência – faz parte do CRAS, Secretaria de Ação Social. O projeto começou em 2017, as aulas acontecem com 2 a 3 horas. Os alunos podem permanecer o tempo que eles quiserem. Após aprender a confecção dos barcos em miniatura, podem permanecer trabalhando, fazendo os barcos para venda e lucro próprio. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Figura 107. Bira Portugal e sua aluna Izana, produzindo miniaturas de barcos na sede do Projeto Arte Naval.



Figura 108. Miniaturas de barcos produzidos em exposição para venda.



Figura 109. Miniatura de canoa pranchão e etapas do processo de confecção dos barcos.

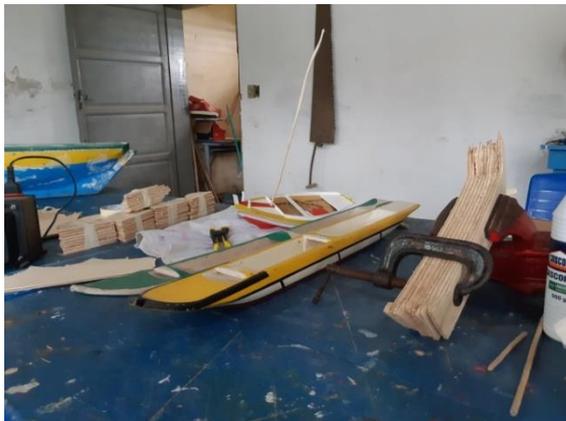


Figura 110. Base de um saveiro sendo reformado.



Figura 111. Réplica do saveiro Sombra da Lua.



Fotos: Autora: Maio/2023.

Questiono Bira sobre as maiores dificuldades para a preservação dos saveiros.

A principal dificuldade da gente é na obtenção de madeira, devido à proteção das madeiras da Mata Atlântica, então todas são ilegais. Atualmente se utiliza a jaqueira, mas também tem sido difícil conseguir. No entorno de Jaguaripe existe a proteção dos manguezais e áreas de florestas. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Pergunto por que tem sido difícil encontrar jaqueiras e ele diz que as pessoas constroem e ficam sem terrenos para plantar, cortam as árvores e não replantam.

Procuro saber o que ele acredita que falta para os projetos turísticos darem certo, o qual responde: *“Rapaz, incentivo do poder público, né? O fluxo de turistas no município é muito baixo”*.

Ele conta que existe a ideia de colocar um restaurante privado no píer de atracação. De sua inauguração até o momento de realização das entrevistas, o espaço de recepção se encontrava fechado e sem funcionários para atendimento aos turistas.

Bira conta que para que os passeios de saveiros aconteçam, os interessados precisam procurar os donos dos barcos e marcar. Questiono quais são as rotas que existem para os passeios turísticos, e ele responde: *“Praia – Barra dos Garcez, Cacha Pregos, Maragogipinho, Salvador [média de 8 horas, a depender do vento], Ilha de Itaparica e vice-versa”*.

Indago se existem ruínas antigas ou engenhos antigos nesses percursos.

Não, somente de Jaguaripe para Cachoeira/São Félix. Tem uma ruína se eu não me engano na Ilha de Itaparica, numa localidade chamada Baiacu. O Rio Jaguaripe dá na Baía de Todos os Santos... Não sei se existem ruínas de engenhos antigos de Jaguaripe para Salvador (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Figura 112. Rotas de acesso marítimo-fluviais da capital Salvador para Jaguaripe (BA).



Fonte: <https://a1construtora.com.br/jaguaripedet.html> Acessado em 20 Agosto 2023.

Procuro saber da relação deles com os saveiristas de outras localidades. Bira diz que a relação entre eles é boa, mas geralmente só se encontram nas regatas.

Indago se existem outras pessoas que sabem construir barcos em Jaguaripe. “*Aqui tem um carpinteiro que chama Jorge Surdo [ele usa aparelho auditivo], só que hoje ele não constrói mais devido a idade. Mas, é difícil encontrar ele aqui*”.

Segundo Bira não é possível sobreviver apenas do turismo com os saveiros, atualmente os saveiristas vivem da pesca ou se empregam na construção civil.

O questiono sobre as rotas para os fretes com os saveiros, ele explica: “*A última rota que tinha era de Maragogipinho para Salvador.... Que era a louça! Mas, depois que fechou a feira para reformar, quando voltou, não conseguiu mais... Uma rota perdida*”! [Se referindo a rota para a Feira de São Joaquim em Salvador].

Conta que muitos saveiristas antigos de Jaguaripe foram morar em Salvador, trabalhar com outra coisa e antes de ir, a maioria vendeu os seus barcos.

Pergunto sobre os aprendizes da carpintaria naval no município e Bira explica que os únicos aprendizes são os alunos do curso de barcos em miniaturas do Projeto Arte Naval.

Ele informa que possui um galpão para construir e reformar os barcos no Rio das Dunas (um pequeno estaleiro). Pergunto se no momento existe algum barco em construção:

Não, o último que eu fiz foi o Marujo. Tem um lá para eu reformar que é o ‘Sombra e Água Fresca’, mas ainda não comecei, não. Ele só tá lá. Mas, ainda não reformou por falta de madeira. A gente vai ver se consegue a jaqueira. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Figura 113. Vista geral do estaleiro.



Figura 114. Fachada da casa de ferramentas.



Figura 115. Detalhe da casa de ferramentas.



Figura 116. Detalhe da casa de ferramentas.



Figura 117. Rio das Dunas e embarcações atracadas.



Figura 118. Mestre Luciano no estaleiro.



Figura 119. Saveiro ‘Amigo de Verdade’.



Figura 120. Saveiro ‘Sombra e Água Fresca’ à espera de reforma.



Figura 121. Barco de fibra de vidro, também utilizado na região.



Figura 122. Mestre Bira em seu estaleiro. Canoa para ser reformada.



Fotos: Autora, Maio/2023.

Pergunto a Bira o que ele pensa sobre o tombamento do saveiro ‘Sombra da Lua’.

Rapaz é mesmo que... **Tombaram para acabar com ele!** Ele já tem cinco anos no estaleiro em Salvador, sem reforma. Eu acho que a partir da hora que tomba fica tudo mais difícil porque o poder público não faz nada. Aí os donos ficam sem poder tirar a madeira que é ilegal. Aí já fica difícil para eles, né? (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Bira cita algumas das madeiras da Mata Atlântica tradicionalmente utilizadas na construção dos saveiros: “*sucupira, jitaieba, landi, landirana, camaçari, oiti e para o mastro, siupiruçu*”.

Peço para ele relatar os problemas que os saveiristas enfrentam com a Marinha do Brasil, Capitania dos Portos.

A dificuldade da gente é habilitação porque muitos mestres não tem estudo, não consegue tirar a carteira de marinheiro. Precisa fazer um curso na Capitania dos Portos. Aí tem que fazer uma prova e a maioria dos mestres não tem escolaridade. Aí não consegue fazer essa prova para passar para fazer o curso. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Ele segue me contando que devido à dificuldade de ter uma documentação regulamentada, algumas embarcações estão em situação irregular com a Capitania dos Portos. Para ficar regulares, precisam de um engenheiro naval para assinar a documentação.

Porque no caso a gente constrói o saveiro, nem projeto não faz, o projeto tá na mente! [grifo nosso]. Aí é necessário que tenha o engenheiro naval para assinar para poder navegar. Aí como às vezes a gente não consegue, aí fica navegando irregular mesmo. (PORTUGAL, Bira. Saveiristas e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Questiono: E essa vontade de preservação de vocês manterem os saveiros, o senhor acha que vem da onde? O que motiva essa preservação? *“Rapaz da minha parte mesmo é para manter a cultura, né? A minha história”*.

Continuo: Quando o ‘Sombra da Lua’ foi tombado, ele foi tombado como um representante do patrimônio naval do Brasil. E o que vocês pensam sobre essa ligação dos saveiros com o patrimônio cultural? Vocês concordam? **“Eu concordo. Mas, no caso tinha que ter mais um incentivo deles, né? Porque só falar que é tombado e que é do patrimônio não adianta! Porque quando vem precisar de uma reforma, alguma coisa assim, eles não colaboram”**.

Neste momento da entrevista Pedro de 6 anos, sobrinho de Bira, entra no galpão. Ele tem consigo um saveiro de madeira em miniatura, porém em maiores proporções que os habitualmente produzidos. Bira conta que esse barco era dele quando criança, que o barco tem mais de 30 anos. E agora o seu sobrinho que o chama de pai, brinca com o mesmo barco. Bira demonstra afeto e fala de boas recordações com o brinquedo.

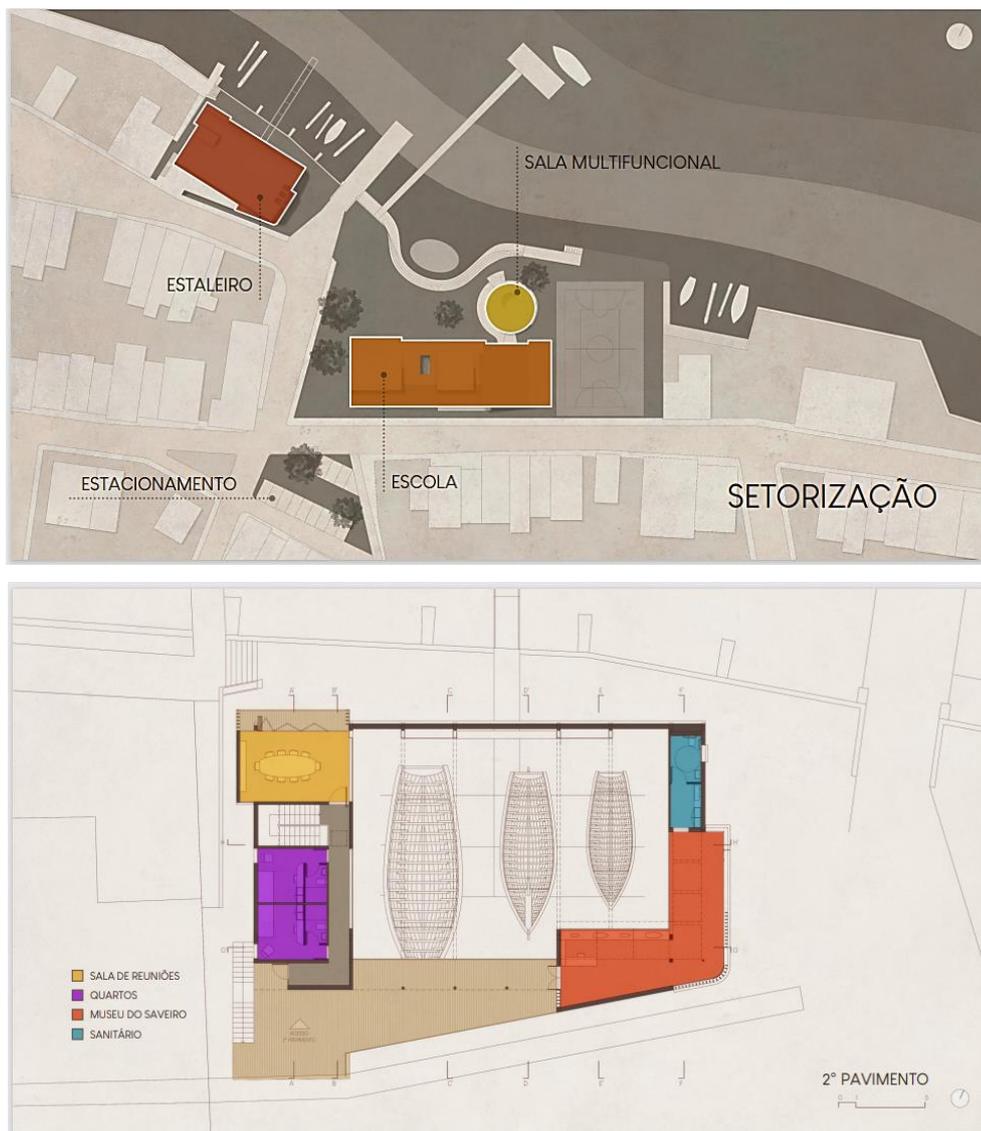
Pergunto: Qual o seu sonho em relação aos saveiros? O que você queria que acontecesse? *“Meu sonho aqui era que tivesse um estaleiro escola”!*

Bira conta que não existem estaleiros escolas na Bahia, tem conhecimento de um apenas no Estado do Maranhão. E fala do trabalho de arquitetura formulado por Rafaella de Azevedo Alves que desenvolveu um projeto de estaleiro escola para Jaguaripe, enquanto aluna de

graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Depois de pronto, o projeto foi apresentado a Prefeitura de Jaguaripe em 2021 que até o momento alegou não ter recursos para executá-lo, mas que está buscando esse financiamento.

Segue abaixo um resumo do projeto de estaleiro produzido por Alves (2021).

Figura 123. Resumo do Projeto Estaleiro Escola de Jaguaripe (BA), Rafaella de Azevedo Alves (2021).³³



³³ O Projeto intitulado ‘Vivá – Estaleiro Escola de Jaguaripe’ de autoria de Rafaella de Azevedo Alves recebeu o prêmio de primeiro colocado em julho de 2023 na categoria Prêmio Jovem Profissional da UFBA do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU/BA) com a orientação do professor Maurício Felzemburgh Vidal. Fonte: <https://cauba.gov.br/2023/07/cau-ba-divulga-resultado-final-do-1o-concurso-de-trabalho-final-de-graduacao/> Acessado em 20 Setembro 2023.



Fonte: ALVES, 2021. Projeto apresentado a Prefeitura de Jaguaripe (BA).

A principal finalidade do projeto é a preservação dos conhecimentos tradicionais de construção naval da Bahia. Dessa maneira, a proposta está idealizada em duas principais zonas: a educativa, onde a escola funciona como um espaço de resgate teórico; e a zona de trabalho, tendo o estaleiro como infraestrutura para a realização do ofício naval e o ensinamento na prática desses conhecimentos. (ALVES, 2021).

Os trabalhos acadêmicos de Bastos, “*Projeto IÇAR: documentação técnica dos Saveiros da Baía de Todos os Santos Azevedo*” (UFBA, 2019)³⁴ e Azevedo (UFBA, 2021) estão alinhados direta ou indiretamente com os ideais e propósitos da ‘Associação Viva Saveiro’ e podem ser melhor compreendidos dentro desse contexto.

Retomando a entrevista, procuro saber quais são os barcos tradicionais de Jaguaripe e Bira afirma: “*são os saveiros e canoas a vela de pena, feitas de uma madeira só, são construídas em Valença, Ituberá, Nilo Peçanha*”.

³⁴ Fonte: <http://rumoaomar.org.br/noticias/projeto-icar-documentacao-tecnica-dos-saveiros-da-baia-de-todos-os-santos.html> Acessado em 16 Julho 2023.

Figura 124. Regata de São Roque e campeonato de canoas à vela, Jaguaripe, 2015.



Fonte: <http://www.jaguaripe.tur.br/campeonato-de-canoas-a-vela/> Acessado em 23 Junho 2023.

Neste momento conversamos sobre os estaleiros de Valença, Cajaíba e sobre o comércio das escunas que me parecia bem sucedido. Mas, Bira não concordou tanto comigo e acrescentou:

Mas, pela dificuldade em se obter a madeira tá acabando também. Cajaíba mesmo era o lugar que no caso era o pólo naval, podia se dizer que era em Cajaíba, é o lugar que mais constrói as escunas... De 25, 15 metros... Escuna grande. Mas, também tá tudo parado decorrente da pandemia e por falta de madeira também. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Segunda entrevista: Antônio Pureza (72 anos)

O começo da entrevista não foi gravada, encontramos com o Sr. Antônio Pureza sem combinar. Ele estava sentado próximo à colônia de pescadores quando Bira me levou ao caís para mostrar os saveiros que estavam aportados, próximo do meio dia de 19/05/2023.

Figura 125. Saveiros ‘Mestre Carlito’ e ‘É da Vida’ no cais em frente à colônia de pescadores, Jaguaripe (BA).



Foto: Autora, Maio/2023.

Bira me apresentou a ele que de forma muito simpática se mostrou falante e aberto, aceitando nos conceder uma entrevista.

Figura 126. Antônio Pureza, marinheiro aposentado em frente à Colônia de Pescadores exibindo a sua rede de pesca.



Foto: Autora, Maio/2023.

Este senhor trabalhou a vida inteira com embarcações, quando tinha 8 a 10 anos já começou a participar das viagens com saveiros como ajudante. Foi inserido nesse contexto pelo seu pai, Vivaldo Gonçalves da Pureza, conhecido como Mestre Ioiô.

O senhor Antônio da Pureza atualmente é aposentado como comandante trabalhou 35 anos com embarcações. Começou a trabalhar no *Ferry Boat* em Salvador logo quando abriu em 1970, trabalhava na jornada de 24 horas por 48 horas de folga. Trabalhando também no Iate Clube da Bahia.

Ele nos contou que foi buscar um dos primeiros *Ferry Boat's* de Salvador em Porto Alegre. Foi de avião para Porto Alegre e na volta trouxe o barco em oito (08) dias de viagem até Salvador.

Começou como auxiliar de marinheiro, depois fez um curso da Marinha por três (03) anos, foi mestre e depois comandante, trabalhou muito no percurso de Salvador para Ilha de Maré e Ilha das Fontes (Município de São Francisco do Conde).

Quando criança se recorda que os saveiros eram utilizados para pesca, transporte de pessoas e mercadorias para Salvador. A louça pegava em Maragogipinho, banana, farinha, rapadura, carne salgada, madeira (lenha para padaria), querosene e açúcar pegavam em Nazaré e levavam para Água de Meninos, Ribeira, Jardim Cruzeiro e Mercado Modelo em Salvador.

Viajou com os saveiros 'Vou vivendo', 'É da vida', 'Indústria Brasileira', 'Novo Cruzeiro' fazendo o percurso para Nagé e Feira do Caxixe, se recorda dessas viagens quando devia ter uns 12 para 13 anos.

Pergunto se em Jaguaripe existem mais pessoas que faziam o transporte de mercadorias com saveiros, a qual responde: "*Não, era o pai dele [se referindo a Bira]. Muita gente tinha aqui, mas já faleceu muita gente... O pai dele faleceu, ele sempre viajou transportando essas mercadorias*".

Aprendeu a navegar com o seu pai e o pai de Bira e com orgulho da sua trajetória narrou que trabalhava saindo de Bom Despacho para Salvador e levava muitos caminhões para fazer essa travessia, sendo bem querido e considerado um excelente comandante.

Pergunto se os filhos dele quiseram seguir a mesma profissão do pai e ele responde que sim, os dois filhos já trabalham na Marinha Mercante e até os netos já estão interessados no curso.

Sr. Antônio demonstra que possui muito orgulho em ser “*filho de Jaguaripe*”, comenta sobre a solidariedade que existe na comunidade, sobre o privilégio de viver em um lugar sem violência e narra alguns episódios para ilustrar a diferença de viver em uma cidade pequena como Jaguaripe em comparação com viver na capital, Salvador, onde já foi assaltado várias vezes, inclusive na porta de casa, no largo de Roma (bairro).

Sobre Jaguaripe, comentou: “*Uma terra pacata, eu sempre depois do almoço eu venho e deito aqui, coloco o meu celular aqui*”. Contando que dorme toda tarde depois do almoço no banco em frente à colônia de pescadores. Já esqueceu o seu celular no banco no qual estávamos conversando e pouco tempo depois alguém foi entregar o celular na sua casa; recordou também de um dia no qual esqueceu a carteira em um bar e novamente alguém foi entregar o pertence em sua casa com todo o dinheiro que tinha intacto; e me mostrou que deixa o carro estacionado fora da garagem noite e dia e ninguém rouba por lá.

Pergunto ao Sr. Antônio se ele sente saudades dos saveiros.

Sinto! Isso aí é coisa boa! Eu sempre quando tenho tempo vou na Barra dar um passeio. Venho de Salvador para cá num saveiro! Está entendendo? E fazendo umas viagens de lá para cá no verão... Fazendo aquela feijoada. Aí trago a minha família toda no barco. Aí vem aquela folia. Aí tem uma turma que gosta de beber, tomar cerveja... E a gente vem chupando cana, chupando laranja... E lá vai, daqui a pouco o feijão sai do fogo! É uma viagem maravilhosa! Sai de lá 10, 11 horas... Quando dá 2h, 3h a gente tá aqui amarrando. (PUREZA, Antônio. Marinheiro aposentado, 19/05/2023).

Então, o questiono o que ele pensa sobre os projetos de preservação e o que ele desejava que acontecesse.

Mais atenção! Com certeza!... Eles fizeram aí... Viva Saveiro, né, Bira? Eles fizeram aí... Tem aí uma Associação que... Mas, não tá! Que o ‘Sombra da Lua’ parou para consertar... E não vingou, não sei por que... Porque tem os sócios, né? Tem aquele grupo... Tem às vezes 3, 4 que pega os saveiros, né? Meu irmão tá na frente do ‘É da vida’. Aí tem outras pessoas que ajuda quando precisa de uma reforma, então, cada um entra com uma parte. O grupo arrecada aquele trocado, tem aquele interesse! **Quem tem amor! Tem que ter amor! Se não tiver amor, não faz!** [grifo nosso]. Esse daqui constrói, conserta... Quem conserta esses barcos aqui é ele! [se referindo a Bira]. É quem dá o apoio. (PUREZA, Antônio. Marinheiro aposentado, 19/05/2023).

Ainda falando sobre a Associação Viva Saveiro, comenta:

Já fechou, não é? É por isso! Tem que ter! Se não tiver incentivo do governo, acaba... Vai acabar! [grifo nosso] Só quem tem amor mesmo! **Quem tem amor que vai continuado à embarcação, se não tiver... Mas, devia ter um incentivo do governo para não deixar acabar** [grifo nosso]. (PUREZA, Antônio. Marinheiro aposentado, 19/05/2023).

Terceira entrevista: Cláudio Luciano Ramos Pereira (44 anos)

Bira Portugal havia marcado um encontro coletivo no dia 19/05/2023 no final da tarde na sede do Projeto Arte Naval com os saveiristas de Jaguaripe (com os quais eu já havia feito contato previamente por WhatsApp). Eu conversei com Bira que queira entrevistar um de cada vez. Mas, ocorreu falha na comunicação e estando todos presentes no mesmo local, não houve outra opção, a não ser aproveitar a ocasião e ir conversando com os interessados na medida do possível.

Luciano, como é conhecido pelos colegas de profissão, foi um dos primeiros a chegar no local. Ele é o atual mestre do saveiro 'É da Vida', esta embarcação pertence a cinco pessoas, sendo que no primeiro campo, conheci D. Marília que é uma das donas desse barco e na ocasião participou do evento 'I Festival de Saveiros de São Félix', como representante da 'Associação Viva Saveiro'.

Natural de Maragogipe e morador de Jaguaripe há aproximadamente 22 anos, ainda frequenta Maragogipe, pois seu pai e uma irmã ainda residem em Maragogipe. Ele começa a entrevista me contando que a sua primeira viagem de saveiro ocorreu em Maragogipe quando criança como ajudante em um saveiro carregado de farinha que estava indo para Salvador. A partir daí se apaixonou pela embarcação e continuou viajando como ajudante do mestre.

Pergunto quando ele começou a manejar os saveiros, *“Rapaz com uns 12 anos já estava viajando em um barquinho pequeno, aí depois passei para o saveiro. Mas, só viajava como ajudante, depois que eu fui manejar o saveiro, já na fase adulta com uns 19 a 20 anos”*.

Contou que fazia fretes com os saveiros, transportando víveres alimentícios, cerâmica e material de construção: *“Depois de Maragogipe, passei para Maragogipinho para Salvador carregando cerâmica, e aí fiquei. Depois acabou e ficou nessa aí fazendo só passeio, viajando, carregando só gente agora”*.

Então, o questiono como está à situação dos passeios e se dá par se manter economicamente com essa atividade.

No verão foi bom desse ano! Só no verão que fica bom, no inverno fica mais parado (...) No verão dá, agora no inverno, a gente vive de pescaria. O saveiro é só mais para ajudar no verão, agora no inverno mesmo, a gente tem que viver da pescaria. (PEREIRA, Cláudio Luciano Ramos, mestre saveirista, 2023).

Perguntei quantos passeios fizeram no verão de 2023, Luciano disse não lembrar, mas acreditava que tivessem feito mais de cinco (05) passeios turísticos. No inverno ficam de 3 a 4 meses parados, sem fazer passeios.

Ele me contou que pescam mais robalo e camarão com rede calão, rede grossa ou rede de afundiar, sendo que preferem pescar com canoa, já que muitos indicaram que seus saveiros não são de pesca.

Esses passeios turísticos geralmente saem de Salvador e vão em direção a outros destinos como Maragogipe, Cachoeira e Jaguaripe. De acordo com Luciano, D. Marília (umas das proprietárias do saveiro ‘É da Vida’ e ligada a Associação Viva Saveiro) é quem geralmente organiza os passeios, avisa a ele a data para levar o barco e buscar os passageiros. Ele contou que o último passeio que fizeram de Salvador para Cachoeira foi cobrado o valor de 1.500 reais para ser dividido por 15 ou 16 pessoas, sendo os condutores ele e seu filho de criação, Antônio (26 anos). Entretanto, esse número de passageiros excede o permitido pela Marinha nesse tipo de embarcação que é de oito (08) pessoas. Outro problema indicado pelos saveiristas, seis passageiros mais o mestre e o ajudante torna o valor do passeio inviável para os turistas.

Ele conta que antigamente quem organizava esses passeios era a ‘Associação Viva Saveiro’ com a embarcação ‘Sombra da Lua’, mas com o saveiro parado para reforma e o fechamento da ‘Viva Saveiro’, as coisas mudaram um pouco.

Pergunto como ele vê a situação atual dos saveiros:

Tá diminuindo cada vez mais, né? Lá mesmo em Maragogipe o que eles vivem é de material de construção, tá acabando... E o saveiro tá acabando também, né? Aqui ainda tem esses daqui porque Bira tem um, eu tenho um, tomo conta do ‘É da vida’, e o rapaz agora que Bira terminou de fazer, que Bira que fez esses saveiros todos aqui, Bira que fez. (PEREIRA, Cláudio Luciano Ramos, mestre saveirista, 2023).

Luciano indica que as dificuldades de preservação da embarcação são os problemas para obtenção de madeira para construção e reforma e a mão de obra do carpinteiro que demandam custos muito altos para eles, além da falta de incentivo para a preservação. *“Mas, tá difícil manter mesmo o saveiro, tá! Esse aí mesmo [se referindo ao ‘É da Vida’] tá mantido porque é cinco donos também... Porque se não, acho que já tinha ido já”!*

Para manutenção indica que precisam passar uma tinta venenosa [tinta para fundo de barco, anti-incrustante venenosa] a cada seis (06) meses na embarcação e em caso de ataque de “busanos”³⁵, precisam trocar as tábuas.

Indago Luciano sobre qual a importância do saveiro para ele: “*Ah, para mim é tudo!* [risos]. *Tudo, tudo, tudo... Para mim ele é tudo, né?* [fala com um sorriso no rosto, demonstrando contentamento].

Quarta entrevista: Antônio Conceição de Paula – 57 anos

Entrevista também ocorrida no final da tarde do dia 19/05/2023 na sede do Projeto Arte Naval.

Nascido e criado em Jaguaripe, Sr. Antônio conta que a sua história com os saveiros começou por intermédio de Bira Portugal, eles ficavam procurando madeira para a construção do barco ‘Mestre Carlito’. Quando a embarcação ficou pronta, Sr. Antônio fez a sua primeira viagem para Salvador em um saveiro, ele acredita que tinha por volta de uns 28 anos.

Depois de fazer algumas viagens com Bira, Sr. Antônio conseguiu o saveiro denominado ‘Amigo de verdade’. Não precisou comprar, o antigo dono lhe deu em troca de que reformasse e cuidasse do barco.

Pergunto a ele se ele mesmo que escolheu o nome da embarcação e ao que remete:

Na verdade eu ia botar outro nome, mas quando cheguei lá na Capitania para fazer os documentos, aí já tinha outros saveiros com outros nomes que tinha botado... Aí o cara só fez mudar... Tirar um ‘a’ lá e botou ‘e’... Aí ligou para mim que tinha botado esse nome e tal... O que era que eu achava. Aí para eu não tá refazendo... (PAULA, Antônio Conceição de. Saveirista, 19/05/2023).

Procurei saber qual era o nome inicialmente pensado para o saveiro, mas ele me disse que não lembrava. Pergunto então, como ele utiliza o saveiro:

Só para passear! No verão sempre sai... A gente sai para Salvador quando tem evento, a gente vai para Corrida João das Botas. Lá em Maragogipe quando tem coisa de saveiro, a gente participa. Aí só é isso aí mesmo. Dia de domingo às vezes a gente programa, vai para Barra, um lugar que tem aqui embaixo que chama Barra que é praia, defronte a Cacha Pregó, sempre a gente vai. (PAULA, Antônio Conceição de. Saveirista, 19/05/2023).

³⁵ O teredo ou taredo (*Teredo navalis*), popularmente conhecido como gusano, busano, turu ou cupim-do-mar, é um molusco xilofágico, pertencente à família Teredinidae. Como os demais membros da família, ataca as madeiras submersas.

Dessa forma, pontua que não usa o saveiro para trabalhar e pergunto por que ele não o utiliza para a pesca.

Mas, ele não é apropriado para pesca. Eu não pesco muito assim com ele. A minha área de pesca vou mais de canoa porque eu pesco de rede, aí com ele não dá para pescar e eu mergulho para pegar ostra, então com ele também não dá, eu vou com a canoa. (PAULA, Antônio Conceição de. Saveirista, 19/05/2023).

Contando que sua renda advém da pesca. *“O peixe geralmente eu passo aqui, agora a ostra eu vendo para Salvador. Tem um cara daqui que compra e leva para Salvador e vende lá em Salvador”*.

Neste momento chegou mais um saveirista – Elenilton Souza Portugal (53 anos), irmão de Bira. Aos poucos vão chegando mais saveiristas. Bira havia marcado esse encontro.

Quinta entrevista: Coletiva com os saveiristas de Jaguaripe

A entrevista coletiva ocorreu na tarde do dia 19/05/2023 com a presença de sete (07) pessoas, seis (06) saveiristas e Izana, a aluna de Bira no Projeto Arte Naval que além de fazer os saveiros em miniatura, também está aprendendo a manejar os saveiros.

Figura 127. Da direita para a esquerda: Bira Portugal, Izana, Luciano, Alberto, Cleidinei, Antônio e Elenilton.



Foto: Autora, Maio de 2023.

Estes homens me informaram que vivem basicamente da pesca e utilizam as suas canoas para pescar. O saveiro se converteu em uma paixão e é utilizado mais para passeios em família e com os amigos, assim como para participar das regatas e festas tradicionais do Recôncavo (geralmente romarias fluviais).

Alegaram ser muito difícil conseguir passeios turísticos no município para ganhar dinheiro com os saveiros, visto que o turismo no município de Jaguaripe é muito fraco. Segundo eles, falta incentivo do governo e infraestrutura para atender os turistas na cidade.

A gente tá todo mundo aqui conversando aí fala: “amanhã vamos dar uma volta de saveiro”! Aí cada um pega o seu, fica bordejando por aqui, depois para ali, toma umas cervejas depois vai pra casa, acabou. Porque aqui não tem! **Pra gente ganhar dinheiro de saveiro por aqui não tem!** [grifo nosso]. (PEREIRA, Cláudio Luciano Ramos, Saveirista, 19/05/2023).

Conversamos sobre o atracadouro e receptivo recém-inaugurado para turistas. O atracadouro fica aberto, qualquer embarcação pode utilizar. No entanto, existe uma construção, um espaço de recepção para turistas que está fechado e sem funcionários. Informam-me que este espaço foi construído entre 2020 e 2021, mas a ponte já existia naquele local. “*Antigamente tinha uma ponte ali que atracava os navios, navio que fazia transporte daqui para Salvador na época que não tinha estrada... Aí foi construído pra esse fim de encostar os navios*”. (PEREIRA, Cláudio Luciano Ramos, Saveirista, 19/05/2023).

Cleidinei: *O único transporte que tinha aqui era o navio chamava João das Botas e Jaguaripe, né? Jaguaripe que virou João das Botas ou o contrário. Era um navio que fazia, tipo daquele do Ferry Boat... Não, era mais bonito, né?*

Pesquisadora: *E o porto era o mesmo? O porto era no mesmo lugar?*

Bira e Claudinei: *Era aquela ponte ali mesmo, só que era de madeira, aquele píer ali era de madeira.*

Atualmente estes deslocamentos se fazem geralmente de carro ou ônibus pelas estradas locais.

Sobre a pouca utilização do atracadouro da cidade, dizem:

Cláudio Pereira: “*É... Quando vem, no verão assim, aparece uma escuna, um veleiro assim de vez em quando... Mas, é uma vez ou outra na vida*”!

Antônio de Paula: “*Época de romaria, todo ano de janeiro tem romaria, aí vem muita embarcação pra aqui, aí vai daqui pra Cacha Pregó, vem de Cacha Pregó pra aqui, aí os barcos encosta tudo ali*”.

Conversando sobre as dificuldades para reformar os saveiros, Sr. Antônio nos explica melhor a situação:

A jaqueira aqui pra nossa região aqui é um pouquinho difícil. Agora já pra região do Palma tem muita jaqueira [distrito rural de Jaguaripe]. Mas, o negócio é condições de vim de lá para cá, é muito longe, tem que conseguir caminhão pra trazer. Muitas vezes lá a gente acha até a madeira para serrar, mas tem que ter trator para puxar do lugar pra botar em cima, até o lugar de o caminhão pegar, então as despesas fica muito alta. (PAULA, Antônio Conceição de. Saveirista, 19/05/2023).

Procuo saber se os filhos deles também são saveiristas e todos respondem que não, foram estudar ou trabalhar com outras coisas. Apenas o filho adotivo de Claudio Luciano trabalha como ajudante no “É da vida”.

Questiono sobre a presença de mulheres como saveiristas e eles mencionam apenas Izana e a esposa de Claudio Luciano, Jucinara³⁶ (44 anos) que às vezes viaja com ele e sabe fazer tudo, inclusive velejar e Vilma³⁷, a esposa de Jair que às vezes também viaja com ele. Então, os interrogo se o ambiente dos saveiristas é bem masculino e eles concordam, apenas as esposas de alguns participam.

Pergunto se seus pais eram envolvidos com os saveiros e dois dos seis saveiristas responde que não. Sendo assim, o saveiro se mostra como uma herança familiar para os seguintes casos: o pai de Bira e Elenilton que era o mestre Carlito, o pai de Cleidinei, Sr. Alberto e o avô de Luciano (que não mencionou o nome do avô).

Sobre o tema associação, eles contam que já pensaram em fazer uma associação de saveiristas no passado, mas depois chegou à ‘Associação Viva Saveiro’ e alguns se tornaram membros. Depois esta associação fechou e atualmente voltaram a conversar e se articular em torno desse projeto. Cleidinei Santos se mostrou como um dos idealizadores e entusiastas dessa ideia.

Eu tô fazendo um... Tô elaborando um projeto, estou criando um projeto. O nome do é ‘Projeto Vela de Içar’! Tô criando... Ontem, esses dias, até procurei... Fico procurado um bocado de edital, né? Dessas empresas multinacionais, empresas maiores que patrocina. Achei até um edital da Vale e aí mandei para um colega que a gente tá com um projeto de fazer um saveiro maior que a gente tem aqui... Aqui no rio a gente tem seis (06) agora, seis saveiros. Aí, mas só que aí, entre a gente aqui no caso, Eu, Bira, Antônio, Luciano... (SANTOS, Cleidinei. Saveirista, 19/05/2023).

Na sequência, todos os presentes o corrigem: “*Seis não, sete saveiros*”! E concordam.

Desta forma, Cleidinei deixa claro que eles possuem a vontade de criar uma associação em Jaguaripe e busca financiamentos para colocar em prática alguns projetos.

³⁶ Tentei conversar com Jucinara, mas segundo o seu esposo Luciano e o mestre Bira ela não quis conceder entrevista, mesmo após várias tentativas.

³⁷ Entrevistada no I Festival de Saveiros de São Félix, maio/2022.

Cleidinei: *“A gente está querendo construir um [saveiro] grande agora... Grande! Que pra gente bater nos maiores, nos fortes”*.

Bira: *O maior que tem aqui tem 16 metros, ‘Mensageiro’. E o maior que conhecemos com 18 metros é o ‘Saudade’, está na Barra dos Garcês.*

Cleidinei é proprietário do saveiro Marujo, seu pai (Alberto dos Santos) é quem cuida da embarcação e o governa. Perguntei a Cleidinei como começa a sua história com os saveiros. *“Porque o meu pai andava embarcado, meu pai andava junto com pai de Bira. Fazendo viagens para Salvador, pra Nilo Peçanha, Cachoeira... Por aí tudo viajava... Valença... Carregando, fazendo frete”*.

Conta que começou a viajar com o seu pai quando ainda tinha 5, 6 anos. *“Às vezes fazia a viagem com ele para ir para Salvador, Nazaré, carregar banana”*.

Alberto Luiz dos Santos nos contou que começou a trabalhar com os saveiros com uns 18 anos, antes disso era morador da zona rural de Jaguaripe. Em suas viagens transportava principalmente banana, azeite, farinha para a Feira de São Joaquim.

Pesquisadora: *Não pode mais atracar lá, né?*

Alberto: *Não, de atracar pode!*

Cleidinei: *Não tem mais o fluxo de mercadoria para levar! Depois que criou as estradas no caso que criou a 001, a BA, aí o frete ficou melhor de caminhão! Até a feira de banana que tinha em Nazaré não existe mais.*

Alberto: *Hoje tá indo assim de caminhão [faz gesto com as mãos se referindo a muitos].*

Bira: *A mercadoria hoje em dia já sai da roça direto para Salvador. Antes saia da roça, ia pra feira de banana de Nazaré e o saveiro carregava.*

Pergunto o que eles queriam que acontecesse em relação à preservação dos saveiros:

Alberto: *Se tivesse um órgão pra poder ajudar as coisas que às vezes precisa, entendeu? Fica essa dificuldade de madeira mesmo, o Ibama que não quer que tire esse negócio todo. Essa complicação.*

Bira e Cleidinei: *Hoje a principal dificuldade é madeira!*

Bira: *E profissional né? Carpinteiro naval.*

Cleidinei: *Escasso, né? Aqui só tem Bira mesmo que faz. Ele que faz tudo.*

Pesquisadora: *E aprendizes? Vocês pensam nos aprendizes?*

Bira: *A gente pensa naquele jeito que eu falei do projeto que a gente tinha com o estaleiro escola. E para ter aprendizes aqui, só tendo o estaleiro escola mesmo. Não tem quantidade de embarcações aqui para colocar os meninos pra aprender não.*

Pesquisadora: *E sobre as rotas que foram perdidas? Projetos ligados ao turismo? O que vocês acham que está faltando para dar certo?*

Cleidinei: *Incentivo! Mais incentivo porque a gente não tem essa visão de colocar os saveiros para fazer passeios, né? Mas, se tiver um incentivo de outro órgão, alguma coisa, a gente pode até pensar nesse roteiro. Agora mesmo estava conversando com ele ali que tem uma possibilidade de a gente tentar escoar a mercadoria da zona rural para Salvador. Mas, como assim? Aí o pessoal tem que trazer do Palma que é a região rural da gente aqui, e trazer e deixar no porto (...) Tem essa possibilidade! Esse colega que mora até em Salvador, Marcelo, ele tentou fazer uma... Acho que o governo do Estado tem alguma ligação desse tipo, né? Dá um aporte financeiro pra gente poder pensar, pra gente fazer esse traslado, no caso. Levar esse produto pra lá pra Feira de São Joaquim.*

Pesquisadora: *Recuperar essa rota de transporte, né?*

Cleidinei: *Isso. Mas, ele [se referindo ao pesquisador Marcelo Bastos] não pensou essa rota pra Jaguaripe, no caso ele pensou pra o pessoal lá de Maragogipe, né? E aí como a gente tem os saveiros aqui, a gente também quer tentar fazer a mesma coisa.*

Cleidinei me conta com entusiasmo que o dia 15 de dezembro foi instituído no município de Jaguaripe como o Dia do Saveiro. Segundo ele, essa lei foi aprovada em 2021 e em 2022 eles realizaram “o primeiro movimento”.

Para poder a gente marcar também e mostrar a população. A prefeitura como hoje faz parte de uma data do município, o dia 15 de dezembro porque foi quando Jaguaripe se tornou a primeira vila do Recôncavo da Bahia. Então, ela teve ascensão de povoado para vila, alguma coisa assim. Então, a gente pensou nessa data para poder ser a data do Saveiro porque era uma coisa que... Quem escoava a mercadoria e as pessoas daqui era esses barcos, eram os saveiros. Então, foi pensada essa data, aí ficou instituída como dia do saveiro em Jaguaripe. Só tem aqui e em Salvador que é 19 de janeiro. (SANTOS, Cleidinei. Saveirista, 19/05/2023).

Procuo saber se existem antigos moradores que possuem fotos que mostram os saveiros no município, mas eles me respondem que essas imagens não existem.

Bira: *Acho que não tem não. Tem muitas fotos de Nazaré! Tem fotos, tem vídeos. Que eram os saveiros daqui que participava lá também.*

Cleidinei: *É tem vídeo de Nazaré... Da feira, tem vários vídeos.*

Pesquisadora: *Nazaré das Farinhas?*

Bira: *Isso. Porque no caso, as mercadorias não saiam daqui, saiam de Nazaré das Farinhas e de Maragogipinho. Pouca coisa saia daqui.*

Alberto: *Camaçandi também, São Bernardo... Pegava muita mercadoria de saveiro.*

Apesar da inexistência de fotos dos saveiros no município, todos dizem se recordar que tinham muitos saveiros no município, no passado quando ainda eram crianças.

Pesquisadora: *Era comum ir daqui para Salvador de Saveiro?*

Bira e outros: *Era o transporte! O principal era esse aí.*

Conversamos um pouco ainda sobre a atuação e desarticulação da ‘Associação Viva Saveiro’. Esta associação em formato de Organização Não Governamental – ONG, formada por profissionais liberais, manteve uma forte atuação entre os anos de 2008 a aproximadamente 2019, alcançando grande visibilidade na mídia, pelos órgãos públicos e privados e pela comunidade baiana em geral.

Começam a se articular enquanto grupo por volta de 2006 quando foram responsáveis pela arrecadação de dinheiro e reforma de algumas embarcações (saveiro ‘Sombra da Lua’, ‘Sonho Meu’, ‘15 de Agosto’, ‘Novo Cruzeiro’ e ‘Sempre Feliz’), projeto esse que ganhou o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2010 e que acabou por impulsionar o tombamento do saveiro ‘Sombra da Lua’ pelo IPHAN. Também neste ano o Governo do Estado da Bahia concedeu a associação o troféu Axé Turismo. No ano de 2013, publicaram o livro “Viva Saveiro”³⁸, sendo que a renda deveria ser destinada a reforma das embarcações. Em agosto de 2023 não localizei mais o website da associação no Google. Mas, a sua página do Facebook ainda estava ativa com 2,1 mil seguidores.

³⁸ RIBEIRO, Carlos, BOCCA, Pedro & SOUZA, Nilton. Viva Saveiro Patrimônio Naval da Bahia. Salvador: Solisluna, 2013.

Figura 128. Página inicial do Facebook ativa da Associação Viva Saveiro.



Fonte: <https://www.facebook.com/VivaSaveiro/> Acessado em 02 Agosto 2023.

Conforme o II artigo do Estatuto da ‘Associação Viva Saveiro’ os principais objetivos da ONG eram: promover a valorização dos saveiros de vela de içar da Bahia enquanto patrimônio cultural, recuperação e preservação dos saveiros existentes, implementar projetos de inclusão social e renda para os saveiristas, valorização da cultura tradicional e disseminação de novas tecnologias para a fabricação dos saveiros, atendendo as exigências ambientais e econômicas, incluindo a promoção e fortalecimento do Turismo Cultural e Náutico (PASSOS, 2014).

Indago os presentes se o que levou a desarticulação da ‘Viva Saveiro’ foi à pandemia, e eles dizem que não, apresentando as suas opiniões:

Bira: *Não, foi antes.*

E depois eles disseram que ia encerrar, pelo menos a empresa Viva Saveiro eles iam encerrar, só iam continuar com o nome, o nome continua, Viva Saveiro existe somente o nome. Mas, a empresa Viva Saveiro, não! Assim D. Dedé e Sr. Agildo que é o presidente, né, o atual presidente disse que não ia mais trabalhar em cima do nome Viva Saveiro como empresa, aí encerrou o CNPJ, fizeram uma ATA de extrato e deram baixa na Viva Saveiro, só na empresa no caso. Mas, o nome eles ainda mantém, né, a patente, ainda o nome lá na Viva Saveiro em algumas participações em projetos que eles fazem. Eles fazem aí e eles colocam o nome da Viva Saveiro. (SANTOS, Cleidinei. Saveirista, 19/05/2023).

Ao que parece, em grande parte o que levou ao fim desta associação foram alguns desentendimentos ocorridos entre os dirigentes com os saveiristas de Coqueiros (Maragogipe). Toda essa problemática é apresentada e discutida na dissertação de mestrado de Passos (2014).

Dona Dedé (como é conhecida) e seu esposo, o senhor Agildo (atual presidente da Associação Viva Saveiro), me receberam de forma cordial em Jaguaripe e tivemos uma conversa informal, todavia eles não quiseram conceder entrevistas e nem participar de forma direta da pesquisa. Antes mesmo da minha chegada, eu já tinha me comunicado com D. Dedé via mensagens de texto, sendo que ela me disponibilizou a listagem de saveiros e saveiristas da Associação Viva Saveiro, facilitando muito os meus contatos iniciais.

Sexta Entrevista: Rosiel Conceição Freire – 61 anos

Esta entrevista aconteceu no dia 22/05/2023, neste momento o senhor Rosiel Freire estava ocupando o cargo de secretário de Cultura, Turismo e Esportes do município de Jaguaripe (BA). Nascido e criado em Jaguaripe, fez o segundo grau em Nazaré, estudou em Salvador e retornou a sua cidade natal.

Figura 129. Rosiel Conceição Freire, atual secretário de Cultura, Turismo e Esportes de Jaguaripe (BA).



Foto: Autora, Maio, 2023.

O depoente começa a entrevista falando sobre a sua história de vida e da sua família. Pergunto então, o que ele sabe sobre a história dos saveiros na região, quando ele começa a contar que a sua família tinha saveiros e que ele guarda algumas recordações de infância com as embarcações no município.

Meu avô, o pai de minha mãe, Mizael Libânio da Conceição trabalhava como carpinteiro, ele fazia embarcações, era proprietário de saveiros. Ele construía, a família tinha... Eu me lembro de 'Santa Luzia', minha mãe falava, '19 de Dezembro' e naquele tempo se colocava o nome das embarcações de acordo as imagens que tinha em casa, Santa Luzia, Santa Rita... Outros falavam... A minha família de tio Cicinho tinha um saveiro chamado 'Idílio', 'Meu sonho' (...). (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Sobre as recordações de infância, relembra:

Eu me lembro sim, quando era garoto, eu estudei aqui onde era aqui a Farsa, no Colégio Aristides Maltez, dia de quarta-feira à tarde os saveiros passavam cheios de mercadorias. Eles vinham bordejando na saída aqui do rio, perto de Jacaracica (...) Que a hora que eles faziam a vista de Jaguaripe, você via mais de 10, 15, 20 embarcações. Eles vinham bordejando, é como se fosse, sabe o que? Uma competição. Como você vê hoje tem a competição João das Botas em Salvador. A Competição João das Botas não tem fotografia melhor. Quantas embarcações de Jaguaripe têm ali? Como 'Sonho Dourado', 'Indústria Brasileira', 'É da vida'... São embarcações que eles frequentaram essa competição e tiraram em primeiro lugar. E eles donos dessas embarcações tinham outras embarcações que pegavam tudo no porto de Nazaré das Farinhas e trazia, passava por Jaguaripe. Tínhamos o privilégio de sentar aqui porque a ponte (...) Naquela época era toda de madeira. Aí sentávamos né? Você via a competição: "Quem vai chegar primeiro em Salvador"? "Ali em São Joaquim é tal saveiro"! (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Ele conta que os saveiros saiam carregados de farinha, banana e outros produtos da agricultura da região, não só de Jaguaripe, mas também de Nazaré das Farinhas, Luiz Ferreira, Santo Antônio de Jesus.

Sobre a história de Jaguaripe frisou a importância da localidade na Batalha do Funil.

Mas, por exemplo, a Batalha do Funil... A independência da Bahia que começou a se dar em Jaguaripe... Por que Jaguaripe foi à cidade que deu assim mais ênfase a essa independência? Porque eles que brigavam lá em Salvador para o desabastecimento tinha que bloquear aqui, fazer um bloqueio aqui em Jaguaripe porque sem comida eles não seriam abastecidos. E um dos fatores foi esse. Teve a Guerra do Funil também por isso porque eles queriam invadir Jaguaripe por causa de alimento e nós não deixamos isso acontecer. (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

De forma espontânea ele expõe a sua visão sobre o processo de desaparecimento dos saveiros na região:

Eu não sou contra o progresso, o progresso, a tecnologia tem que vir! Mas, a gente precisa preservar a nossa cultura! A nossa história! Hoje você vê, aqui na Bahia, no nosso Recôncavo Baiano tivesse, sei lá, 150 embarcações, hoje se resume em 10 em 12. Então, não foi pensado nisso (...) Era bom, né? Se a gente tivesse no Recôncavo, aqui em Jaguaripe, na Ilha de Itaparica, Cachoeira, São Felix, esses lugares aí todos tinham embarcações. E hoje você vê esqueletos! (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Aponta os fatores econômicos (individuais e da comunidade) e de lazer, citando as competições também como um dos motivos que contribuíam para que as pessoas tivessem saveiros.

Naquele tempo as pessoas tinham o saveiro, eu acho que por três fatores: primeiro um patrimônio, segundo você teria que manter aquilo... Manter um saveiro, uma embarcação, uma manutenção para se sustentar, seria a sustentabilidade da família, da localidade, né? E terceiro quando tinha uma competição. (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Pergunto se o município tem algum projeto para a preservação dos saveiros, a qual ele responde: *“Não, não tenho ainda um projeto”*.

O questiono sobre os eventos anuais que envolvem os saveiros no município. E ele responde: *“Agosto e Janeiro, tem a Festa dos Navegantes, Romaria”* (pausa para atender funcionária).

Procuro saber sobre a estrutura que foi construída atrelada ao píer, se foi pensada para atender ao turista ou qual seria o objetivo.

Sim, olhe bem, a Baía de Todos os Santos quando ela foi criada, ela teve esse propósito de fazer os portos aqui como, por exemplo, Cacha Pregos, Jaguaripe, Itaparica agora foi entregue... **Locais assim como se fosse para atração turística, um receptivo turístico que o Estado mesmo entregou, tem um mês mais ou menos** [grifo nosso]. E nós vamos agora fazer um processo licitatório de convites para uma empresa que ela seja realmente credenciada, tenha todo o suporte técnico de explorar um restaurante, um receptivo assim com uma vitrine de conveniência, que isso seja o quê? Se você faz uma barquinha aqui, aí nós temos que ter uma vitrine com essa barquinha, construída como, de que maneira, fazer um histórico, né? Então isso tudo não deixa de o turista vim. **Mas, não se faz turismo sem estrutura! O que é uma estrutura? Eu acho assim... Jaguaripe ainda precisa... Uma pousada, né?** [grifo nosso]. (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Rosiel conta que uma das metas da Secretaria de Cultura e Turismo é depois de organizar o píer, fazer acontecer rodas de capoeira nos arcos da ‘Cadeia de Sal’.

Rodas de Capoeira com oficinairos para que se faça um barco, ensinar isso, a prefeitura precisa fazer um investimento para que coloque em prática porque são tudo metas! Aqui em Jaguaripe (sede) a criminalidade aqui é zero, no município, não. Então quando você coloca um jovem desse para fazer uma canoa, fazer um saveiro, como trata a madeira, tudo direitinho, a gente começa a dar atividade no psicológico dele, então, ele vai saber que aquilo ali, uma canoa... Ontem lá no Palma mesmo, as canoinhas tudo deste tamanho, você sabe que aquilo ali precisa de métodos, de educação, você aprende a ser calmo, você vai aprender com formão, isso tudo tira muito jovem da rua e a gente tem que começar a cultura, o turismo, pegar esses meninos para ser cicerone, estudar a história de Jaguaripe. O que eu estou dizendo, às vezes você pega um garoto de 17, 18 anos e te passa porque ele tem que estudar, é a história. (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Pesquisadora: *O senhor recebeu o projeto do estaleiro escola da comunidade saveiristas?*

Rosiel: *Não.*

Pesquisadora: *O senhor teve contato com o projeto?*

Rosiel: *Não. Quando isso?*

Pesquisadora: *Em dezembro do ano passado, parece que foi apresentado.*

Rosiel: *Não, eu assumi no dia 04 de janeiro. Tudo que eu tenho nós fizemos uma conferência importantíssima aí.*

Pesquisadora: *Tem uma arquiteta da UFBA que fez o projeto de um estaleiro escola para Jaguaripe que era uma reivindicação dos saveiristas daqui, para que eles tivessem um espaço para ensinar a construção naval, tanto de miniaturas quanto em tamanhos reais.*

Então, ele se recorda do projeto e responde:

Nós teríamos que fazer uma requalificação da face (?) (inaudível) junto com a quadra... Passou um projeto aqui! A gente encaminhou para a Secretaria de Cultura do Município tudo e eu não sei se deu andamento ou não. Porque o projeto veio, ficou de dar andamento, se continua ou não. Se voltar, eu acho que nós temos interesse. Eu sei que era um salão bonito, assim... Veio até em um projeto muito bem feito. (FREIRE, Rosiel Conceição, funcionário público, 22/05/2023).

Rosiel ainda me conta sobre uma importante figura histórica do município, Tiburcinho, que foi mestre de capoeira junto com o Mestre Bimba (o seu tio Lilito, era sobrinho de Tiburcinho). E fala sobre a importância histórica da filarmônica da cidade que tem mais de cem anos de existência.

Figura 130. Sede da Sociedade Filarmônica Lira Jaguaripense – 1912.



Foto: Autora, Maio/2023.

Sétima Entrevista: Osailson Rocha Muricy (60 anos)

O senhor Osailson é funcionário público de Jaguaripe e trabalha na Junta Militar há mais de 10 anos. Foi indicado pelo senhor Rosiel como conhecedor da história da cidade, sendo muito convidado para palestrar em eventos cívicos, mas não é historiador formado. Esta entrevista aconteceu no dia 24/05/2023.

Figura 131. Osailson Muricy assinando os termos de Autorização de imagem e áudio cedidos à pesquisa no seu gabinete de trabalho, Jaguaripe.



Fonte: Autora, Maio/2023.

O questiono sobre a presença dos saveiros e saveiristas na região, e ele informa que a maioria dos saveiristas que existiam em Jaguaripe já são falecidos e que os saveiros tinham grande importância na economia do município e região, pelo rio transportavam de Nazaré das Farinhas alimentos, como farinha, dendê, pescado, caranguejo, cerâmica e madeira.

Contou que na região havia vários estaleiros e carpinteiros navais. Segundo ele: “*Tudo era à base do saveiro*”.

Menciona alguns saveiristas da cidade: Nestor Lima, Mestre Cecílio, José Luiz (Só não conheceu José Luiz), Mestre Carlito (morte mais recente). Dentre outros que trabalhavam com vários marinheiros também.

Pergunto sobre as suas recordações dos saveiros na cidade.

A gente nunca vai esquecer, [grifo nosso] principalmente na nossa época, na nossa geração, o fluxo maior que ela embarcava para ser conduzido para Salvador era geralmente o caranguejo. Nós tínhamos aqui muita gente que vivia do cultivo do caranguejo e que eram levados pelas canoas até o meio do rio e lá eles embarcavam nos saveiros (...) Era uma quantidade imensa de saveiros que passava por aqui seguindo para Salvador. [grifo nosso] (MURICY, Osailson, funcionário público, 24/05/2023).

Pesquisadora: “*E vocês (os moradores) chegavam a usar essas embarcações para passeio, se deslocar, viajar*”?

Osailton: *“Justamente, eles saiam daqui para Salvador. Às vezes realmente, o pessoal utilizava. Mas, naquela época se utilizava muito pouco para passeio, eles utilizavam mais para a condução de mercadorias”.*

Pesquisadora: *“E o senhor se recorda também de ter frequentado algum estaleiro, ver essas construções ainda criança”?*

Não, quando eu vi já não funcionava mais, a gente via, chegou a ver alguns formatos, mas sem o funcionamento porque foi numa era anterior, aí funcionando mesmo, eu não me recordo. Mas, a história afirma e as pessoas mais antigas que várias embarcações foram construídas aqui. Aí na época da construção já não foi na minha época. (MURICY, Osailson, funcionário público, 24/05/2023).

Sobre a história da cidade, ele contou sobre o período de Freguesia, Vila e sobre a Batalha do Funil, mencionando datas e nomes de políticos importantes.

Oitava Entrevista: Aloízio Lima (75 anos)

Entrevista realizada em 25/05/2023 na cidade de Aratuípe (BA), vizinha de Jaguaripe. Na ocasião da entrevista estavam presentes: eu, a pesquisadora, Mestre Bira e Mestre Luciano.

Senhor Aloízio é amigo de Bira Portugal, nascido em Aratuípe, começou a trabalhar com os saveiros carregando frente já aos 35 para 40 anos de idade, antes disso, trabalhava como pescador. *“Desde os 8 anos que estou pescando... Panhar caranguejo, tapar camboa”.* Nesse ponto Bira e Aloízio explicam o que é “tapar camboa”, fazem um cercado no mangue com a maré alta, quando a maré seca suspende a rede e vão catar o marisco.

Figura 132. Senhor Aloízio Lima em seu bar em Aratuípe (BA), exibindo as notas fiscais dos seus fretes (trabalho com os saveiros).



Foto: Autora, Maio/2023.

Conheceu os saveiros quando ainda morava em Camaçandi, citando as embarcações ‘Itapira’ e ‘Verdade’.

Sobre a sua trajetória de trabalho com os saveiros, faz o seu relato mencionando o nome de vários saveiros.

Primeiro saveiro que eu viajei ‘É da vida’, seu pai foi quem me ensinou as coroas [se referindo ao mestre Carlito], correr com as estrelas. Depois passei para ‘Não é Rei’ de Aratuípe. O ‘Vênus’ de Nazaré das Farinhas, aqui mais perto da minha casa. O ‘Auge’, Nazaré das Farinhas, ‘Monte Orebe’, ‘Indústria Brasileira’ pegou o meu frete, de Jaguaripe [Bira: “*esse saveiro era do pai de Jorjão que você falou lá, ainda existe, hoje é ‘Novo Cruzeiro’*”]. Teve outro que pegou a minha carga também, ‘Silencioso’ de Nazaré, viajei pegando frete que o meu estava consertando. ‘Flor da Ilha’ é o do Guarda, Aratuípe. Agora o meu, ‘Bahia’. [Falamos de ‘Sertanejo’, tentando se lembrar o nome de outro saveiro]. Aquele saveiro de Bispo que esteve na mão do seu pai também, ‘Nova Vida’ de Aratuípe. ‘Curioso’ de Bispo, Aratuípe, foi pra mão de Ailton Viana, que vivia na mão de seu pai, aberto que apanhava carga de Nazaré. (LIMA, Aloízio. Saveirista aposentado, 25/05/2023).

Pergunto qual mercadoria ele transportava e ele aproveita para contar um pouco da sua rotina nessas viagens. Além de viajar com saveiros, relata que também dirigia caminhões.

Carvão, primeiro imposto pagava aqui em Aratuípe para tirar do carro e colocar no saveiro. Quando o saveiro estava consertando eu dei três viagens pela BR, para Pedra do Cavalão [trecho inaudível], lá em Cachoeira, passava por lá, tomei café no restaurante da base naval do Aratu no caminhão carregado de carvão. Agora quando ia por fora, ia tirava a nota por fora, tirava no Bom Despacho para poder atravessar no Ferry, quando não era Bom Despacho, tirava em São Joaquim, do lado de lá, tirava

no Lobato quando os saveiros ficava enterrado na Suburbana, Paripe. Levava carvão para Paripe, pra Plataforma, arriava a carga em Jardim Cruzeiro, por esses cantos tudo. (LIMA, Aloízio. Saveirista aposentado, 25/05/2023).

Senhor Aloízio me conta que fazia frete de carvão, farinha, azeite e entregava nas feiras de Salvador, na “Suburbana” e a outra metade entregava em Jardim Cruzeiro.

Relata que o seu pai não trabalhava com saveiros, apenas o seu irmão. Sobre os seus ajudantes cita: Adelson e Adeildo (seu irmão).

De forma espontânea ele relembra alguns perigos da lida do trabalho:

Indo para Salvador, para mim o inferno que existe é a Ponte do Funil (Bira: “todo mundo fala”). Nem a ‘Montela de Barra’ não é ruim que tem a boia, quando não tem a boia, tem o clarão de Valença. Aí tem que botar o que? No lugar do comando, a popa em cima do clarão de Valença e a visão no Catu, que se botar em Cacha Pregó se encalha, tem um banco de areia. Vendi carvão em Ilha de Maré, vendi carvão em Salinas. Fiz estrada na Capitania dos Portos, tenho a minha caderneta de marítimo. (LIMA, Aloízio. Saveirista aposentado, 25/05/2023).

Critica a Regata João das Botas e a Capitania dos Portos:

Acabou os estaleiros, né... Rapaz, isso é uma pouca vergonha. Mas, também a Capitania queria uma coisa muito difícil para gente. Contratar, tudo ela fazia vistoria. Hoje tem a regata de João das Botas faz vergonha. (LIMA, Aloízio. Saveirista aposentado, 25/05/2023).

Ele me conta que muitos saveiristas não conseguiam participar da Regata João das Botas porque eles levavam cargas e elas tinham que estar nas feiras de Salvador nas segundas-feiras, principalmente os saveiristas de Aratuípe, São Bernardo e Camaçandi não tinham condições de participar da Regata.

Eles ainda encontravam com os participantes na baía: “*A gente se encontrava com eles lá fora, eles iam subindo, a gente ia descendo*”.

Pergunto se ele ainda pesca e ele diz que não, mas diz que tem “*as artes*”, contando que possui uma canoa a vela e que 03 (três) pessoas trabalham para ele com esta canoa, confecciona ainda as ‘redes de tapasteiro’, algumas ele vende, outras ele dá para “*pescar a meia*”, se referindo à divisão do pescado.

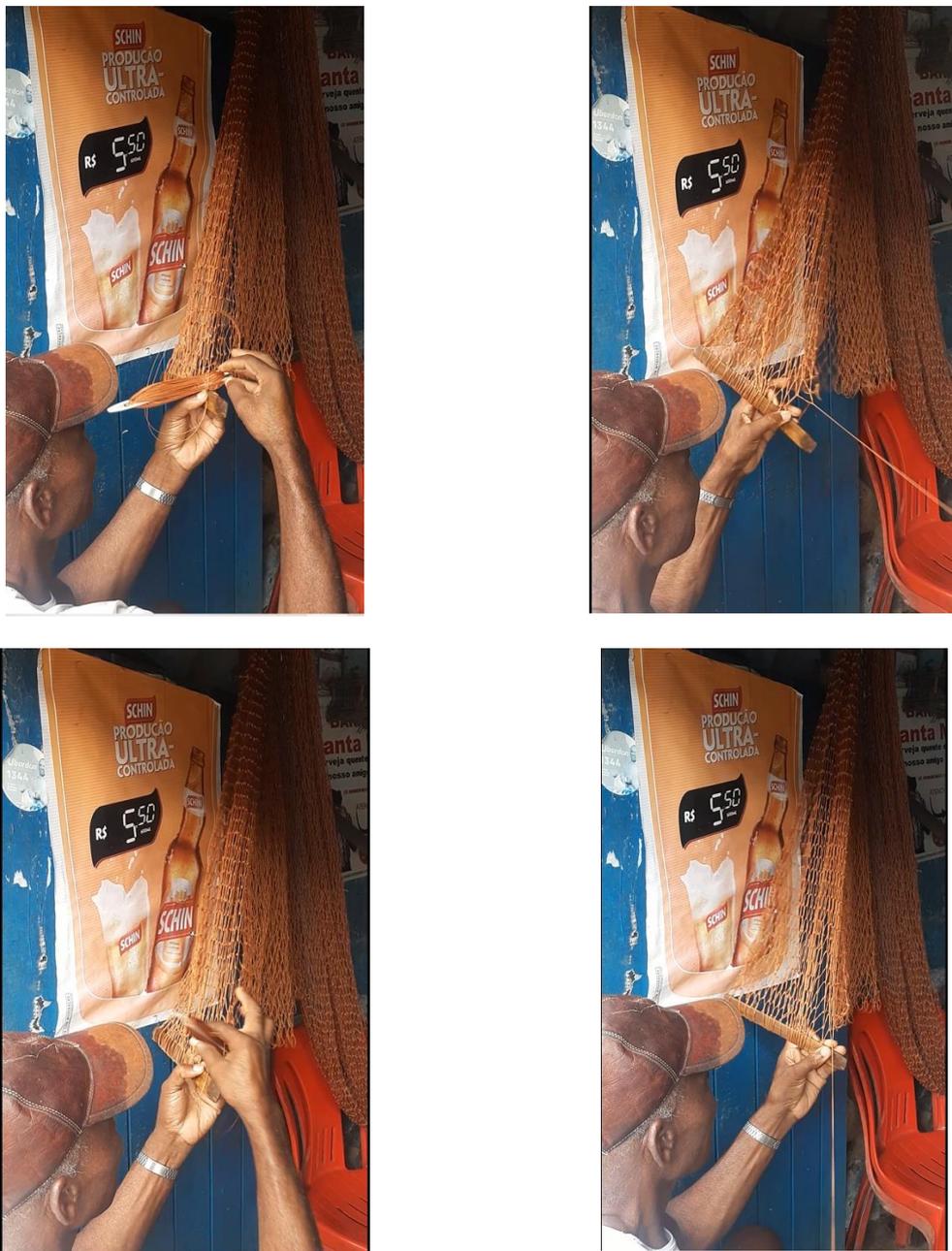
Pesquisadora: *Sustentava a família com pesca também?*

Aloízio: *Sim, sempre o meu patrão foi às águas. Gostava de pescar robalo, carapeba, tainha... Os meus peixes era esse. Vendia em Aratuípe, vendia a Maneca.*

Pesquisadora: *Por que gosta de pescar?*

Aloízio: *É o meu sonho da minha vida, as águas.*

Figura 133. Passo a passo do Sr. Aloízio tecendo a “Rede de camboa” ou “tapasteiro” em Aratuípe (BA).



Pesquisadora: *E o senhor sente saudade daquela época?*

Aloízio: *Oh, dona, eu já sonho com as águas! Não vê esse tempo que está tendo aí, óh! Eu digo: Óh, meu Deus, essa hora eu já estava imaginando atravessar do Bom Despacho para o outro lado... Esse tempo aí, a gente já tinha pegado tudo domingo. Aí domingo de manhã passava lá em Jaguaripe umas 8h do dia e ía embora... Saveiro aí, dessa banda aqui de Cacha Pregro até em Salvador eu digo tudo assim.*

Pesquisadora: *O senhor lembra de outros saveiristas daqui? Da cidade...*

Aloízio: *Lembro... Aqui, Bigo Bigo, Mané Risada³⁹, Rosalvo, Façú, Guarda, o dono de 'Não é rei', Juvenal, Bonfim que era o dono de 'É da vida', Bonfim tinha 'Sonho Dourado' carregava feira, pegou 'Sonho Dourado' ferrou com o Ioiô por 'É da vida' porque tinha dois 'É da Vida', tinha o de Aratuípe e tinha o de Maragogipe, grande!*

Pesquisadora: *E esse Ioiô é da onde?*

Aloízio: *De Jaguaripe, é o pai de Jorjão.*

Luciano: *Tinha dois 'É da Vida'?*

Aloízio: *Era, era... Tinha 'Sombra da Lua', 'É da vida', tinha 'Tupi' de Valença.*

Luciano: *Tupi ainda existe tá lá em Madre de Deus, tirou motor, tirou tudo e botou pano para carregar pedra, está todo fibrado [contando com pesar].*

Neste ponto, percebemos que eles se informam sobre as condições e a localidade de todos os saveiros que restam.

Pesquisadora: *E o que o senhor acha que faltou para preservar os saveiros?*

Aloízio: *Ajuda da Capitania dos Portos! Procurasse esses mestres tudo antigo para ensinar os novos onde é o canal, a pilastra nº 15. Não é Bira?*

Bira: *É!*

Aloízio: *Tá tudo na minha mente. A ponte do Funil tem dois canal, um pro lado da banca e tem outro por Jeribatuba.*

Neste momento fica evidente que o senhor Aloízio possui a ideia de que o conhecimento oral pertencente aos mestres saveiristas está se perdendo e que poderia estar sendo transmitido a aprendizes.

Senhor Aloízio toma parte da entrevista recordando sobre os perigos inerentes a navegação sem a tecnologia da atualidade. Conta-nos sobre um acidente ocorrido durante a madrugada na Baía de Todos-os-Santos. A base do seu mastro quebrou e a vela caiu na água, ficando à deriva por algumas horas. Nessa ocasião, recebeu ajuda de um dos tripulantes do *Ferry Boat*, depois outros saveiros o rebocaram até conseguir chegar ao seu destino. Concluindo

³⁹ Tentamos encontrar com 'Mané Risada', mas não o localizamos nesse dia.

a história do acidente e a sua relação com o mar, acrescenta: “*Oxen, eu não sei o que é medo, sei o que é respeito, medo eu não sei o que é*”!

Nona Entrevista: Izana do Sacramento de Jesus (20 anos)

Essa entrevista foi realizada na sede do Projeto Arte Naval no dia 26.05.2023. Essa entrevista foi mais tranquila e sem muitos entrecortes porque estávamos sozinhas no local.

Começo a entrevista perguntando quais são os eventos anuais que ela participa com os saveiros em Jaguaripe. E ela me explica que são dois eventos principais de romarias: A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes que acontece em janeiro e a Festa de São Roque que acontece em agosto.

Ela informa que iniciou no Projeto Arte Naval entre 2016-2017. E ao vê-la sozinha no recinto, pergunto sobre os outros alunos. Então, ela me conta que atualmente só frequentam dois alunos, ele e seu primo, Rogério que tem 19 anos e também já sabe velejar os saveiros, eles saem juntos para bordejar e sonham em ter saveiros no futuro.

Procuro saber se eles também ajudam no estaleiro de Bira e ela responde que não, que às vezes vai lá para olhar ele fazendo.

Rogério começou no projeto uns dois anos antes que ela. Nesta ocasião, Bira tinha montado o projeto por conta própria e dava aulas na laje da sua casa no bairro Areal, na sede de Jaguaripe. Porém, conta que o projeto só foi a frente depois do incentivo da prefeitura.

Conforme a depoente, o projeto teve mais alunos entre os anos de 2017, 2018 e 2019. Como ela frequentava à tarde, se recorda que neste período tinham entre 12 a 15 alunos. Sobre o período vespertino não soube informar porque neste horário estava na escola.

Pergunto o que levou a diminuição da presença dos alunos e ela responde que falta de interesse deles. “*Muitos aprenderam, fizeram mais acabaram desistindo do curso*”. E acrescenta que alguns iniciantes desistem também por falta de habilidade, já que na sua opinião, não depende só da vontade de aprender.

Izana com 20 anos está estudando para o Enem e também para concursos públicos, militar e jurídicos (TRE, Tribunal de Justiça), em busca de uma carreira e melhores condições de vida. Se ela passar no Enem vai escolher entre os cursos de Direito ou Arte e Urbanismo ou até mesmo Arquitetura. Indago se ele tem interesse em estudar a arquitetura naval e ela diz que sim.

Começou a aprender a velejar os saveiros entre 2018 e 2019. “A gente sempre naquela curiosidade como é, começa a perguntar... *Aí Bira também já não gosta*” E completa sobre o ato de velejar: “*É uma sensação muito boa, assim muito boa! Você ia adorar! Da próxima vez tem que ir! Mas, é bom no saveiro de Bira que é menor, é mais leve. Aí é mais tranquilo*”. Fazendo a comparação com o barco ‘É da Vida’ que é bem maior e mais pesado para manejar.

Procuo saber sobre a venda dos barcos e ela explica que eles vendem muito no verão, na alta estação, então produzem estoque para essa época do ano e mesmo assim, é um momento que falta produto. “*Tipo a gente demora em média uns 15 dias para fazer um desse. Fazendo três de vez, então, demora um pouquinho mais*”.

Eles fazem os barcos por encomenda e também vão produzindo para expor em feiras e exposições. Ela informa que às vezes acontece das vendas serem fracas em alguns meses, mas que quando as vendas são boas compensam os meses ruins. Expõem e vendem também por meio da página do projeto no Instagram, artenaual_jaguaripe. Além da confecção das miniaturas também reformam as produções antigas a pedido dos clientes.

Zaina me conta que as madeiras utilizadas nas miniaturas são pau paraíba e compensado (uma madeirite). A madeira mais pesada é utilizada para fazer o suporte (pedestal) para as embarcações.

No Projeto Arte Naval a prefeitura fornece o espaço, a energia elétrica e o professor (Bira). Mas, o material (madeira, cola, tintas, etc.) eles precisam comprar com parte do que é arrecadado com as vendas. Já o maquinário e as ferramentas pertencem ao professor a algumas são dos alunos.

Pergunto como é o processo de produção, se eles utilizam moldes e ela explica:

Isso, a gente marca no madeirite, no caso do saveiro, no caso montado... Porque a gente também faz de caverna, aquele ali é todo de caverna, se você olhar por dentro é igualzinho ao ‘É da vida’ hoje... A gente, marca, corta, aí começa o taboado. O processo é idêntico ao grande, a gente vai taboando peça por peça, começa na cinta e aí vai descendo até a terceira, aí a gente vai e sobe, pode fazer direto também, mas é o processo que a gente normalmente faz. Aí vai fazendo as outras coisas, aí normalmente a gente passa pra cima, aí coloca o tamborete, o taboado de proa, de popa. Na verdade, primeiro a gente coloca o porre (?) [inaudível] esqueci, que é aquela peça que a gente anda⁴⁰. (DE JESUS, Izana do Sacramento. Artesã, 26.05.2023).

⁴⁰ No momento da transcrição desta entrevista, entrei em contato com Izana para tentar compreender as palavras inaudíveis da gravação. Mas, ela também não se recordou ao que se referia. Mas, certamente não se trata da palavra “porre”. Complementando a informação de que depois do Taboado, começam a fazer o Tipujá.

Figura 134. Izana mostrando a produção do Taboado.



Figura 135. Artesã indicando as peças que vão na parte de cima da embarcação.



Fonte: Autora, Maio/2022.

Como demonstro muito interesse pelo processo de produção, Izana me mostra em seu celular imagens que fez do passo a passo da produção de algumas embarcações.

Abaixo segue parte da entrevista deste momento e depois as fotos cedidas por ela:

Izana: Aqui óh! Desde quando eu comecei a fazer ele, ele era muito pequenininho. Aqui o justificado? [inaudível], depois o taboado. Aí aqui já estava com a cinta e o verduga que é aquela pecinha que é tipo uma cinta mesmo. Aí aqui eu comecei a colocar essas peças que chamam de lada que é para dar o suporte nele que é para colocar o taboado e tal. Aqui já está com o bordo e cá já tá com as curvas, uma pecinha terrível que eu odeio fazer, essa aqui, ela dá uma certa segurança no barco. E aqui eu já tinha envelhecido por dentro e por fora pra ficar idêntico mesmo.

Pesquisadora: Passa um verniz?

Izana: Não, aqui a gente envelhece com extrato de noqueira, acho que é tipo uma semente, uma seiva de árvore. Aí a gente dilui e coloca. Aqui já estava começando a colocar o açoalho, aí já estava quase pronto.

Pesquisadora: Ficou muito bom esse passo a passo aí.

Izana: Esse acho que foi o primeiro barco que eu fiz passo a passo mesmo. Aqui já estava pronto com frade, com tudo, tal.

Pesquisadora: O que é esse frade?

Izana: *Esse frade é para amarração.*

Pesquisadora: *Ah, é o trequinho da frente...*

Izana: *Para mim só é saveiro mesmo se tiver com frade. Se não tiver é barco a motor! (risos) Aí aqui eu pintei, pintei nas mesmas cores que tem um saveiro lá em Maragogipe, se eu não me engano, Maragogipe ou é Coqueiros. Aqui é o 'Cruzeiro da Vitória'. Ele é muito pequeno, por isso que deu muito trabalho. Eu demorei um mês, um mês e pouco para fazer. Aí aqui eu fiz o processo de envelhecimento mesmo nele. Eu lixei e tal, pintei por fora com ocre, aí ele fica no tom da madeira mesmo aí quando lixa, ele dá esse aspecto de barco velho, tá vendo?*

Pesquisadora: *Nossa, ficou lindo com aspecto de usado!*

Izana: *Aqui eu já estava colocando a vela, já tinha feito o leme, já tinha feito tudo.*

Pesquisadora: *Nossa, que carinho para fazer um barco.*

Izana: *Aqui ele já estava pronto.*

Pesquisadora: *Aí bota a cordinha, é tão fofinho, tão lindo!*

Izana: ***É um processo árduo!*** *Esse daqui foi o maior que eu já fiz até hoje.*

Pesquisadora: *E me diga uma coisa, você já tem os moldes prontos? Ou você precisa fazer os cálculos antes de fazer cada um?*

Izana: *Esses pequenos a gente já tem os cálculos tudo na cabeça, a gente vai desenhando, tirando da cabeça. Às vezes a gente faz a réplica exata de um barco, a gente mede ele todo. Por exemplo o 'É da vida', a gente tá querendo fazer isso, pedir peça por peça pra gente colocar ele na escala. Mas, quando é esses saveirinhos aqui pequeno, a gente tem o molde dele, aí a gente só marca e corta, o grande que eu te mostrei também.*

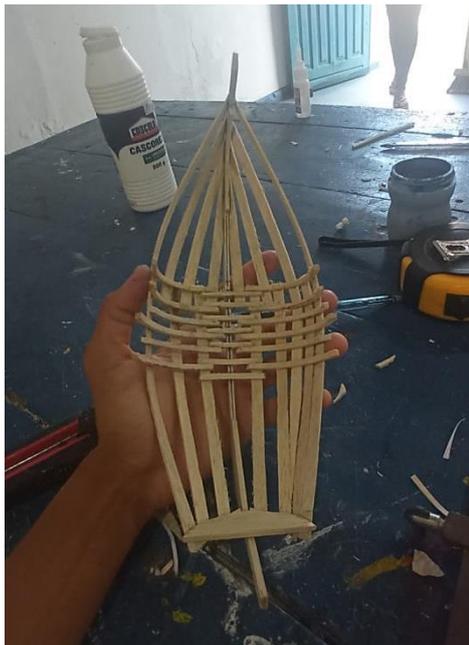
Pesquisadora: *Esse pequenininho que você fez aí, você fez o cálculo todo?*

Izana: *Todo na cabeça...*

Pesquisadora: *E deu tudo certinho? Ou tinha umas peças que tinha que descartar?*

Izana: *Deu tudo certinho! Porque quando a gente faz a caverna do meio, que a gente põe tipo uma cinta, aí já dá o formato do barco que a gente já vai tá com e a roda de proa e com o espelho de popa, aí você já vai descobrir o tamanho de um barco as vezes que já existe, às vezes é um da sua cabeça. Aí dá tudo certinho. Aí você vai medindo ele todo, tirando os formatos, os moldes. Aí faz caverna por caverna.*

Figura 136. Passo a passo feito por Izana durante 34 dias para a confecção de uma miniatura de saveiro.







Fonte: Izana do Sacramento de Jesus. A primeira foto foi tirada em 31/05/2022 e a última em 04/07/2022.

Procuro então saber sobre a presença das mulheres no ambiente saveirista, e ela confirma apenas a existência dela e da esposa de Luciano nesse meio em Jaguaripe. Todavia, elas não são próximas, sendo que Jucinara viaja apenas com o seu esposo.

Sobre o tema, transcrevo parte da entrevista a seguir:

Izana: *É um ambiente muito masculino mesmo, tanto que normalmente onde eu estou, geralmente só tem homem, tipo toda vez que a gente vai sair de saveiro é muito raro ter outra mulher, sempre está eu. A minha mãe mesmo no início não gostava de maneira nenhuma... “Ah, porque só tem homem e tal”. Mas, normal, a gente tem que encarar.*

Pesquisadora: *Sim, e eles são muito respeitadores também... Pelo menos os daqui, né?*

Izana: *Isso. Bira mesmo eu tenho como se fosse um pai, desde criança eu sempre tive muito contato.*

Pesquisadora: *Que bom! Obrigada mais uma vez!*

E finalizamos assim esta entrevista.

4.3 Vivência com os saveiristas e passeio de saveiro em Jaguaripe (BA)

No sábado, dia 20/05/2023 eu recebi o convite de Bira e de outros saveiristas para fazer um passeio de saveiro junto com eles, um bordejo nas proximidades de Jaguaripe e aceitei no mesmo instante. Saímos do cais em frente à Colônia de pescadores no barco ‘É da vida’ por volta das 15h:30m e retornamos uma hora depois.

Foi à segunda vez que eu passei de saveiro, a primeira vez tinha sido durante o evento ‘I Festival de saveiros de São Félix’ um ano antes. A primeira vez foi encantadora e a segunda vez não foi diferente. Realmente para mim foi um passeio agradável que me trouxe muito prazer e tranquilidade. Segundo os presentes, eles amam passear de saveiro e é sempre muito prazeroso para eles também.

Segue as imagens desse momento de vivência e descontração.

Figura 137. Vista do centro histórico de Jaguaripe do saveiro.



Figura 138. Saveiro no Rio Jaguaripe.



Figura 139. Detalhe da vela do saveiro.



Figura 140. Izana manejando a embarcação.



Figura 141. Vista da Cidade.



Figura 142. Pesquisadora e saveiristas no passeio.



Fotos: Autora, Maio/2023.

Entrevistas Complementares: Contexto Local

Décima Entrevista: Hamilton de Oliveira (57 anos)

Esta entrevista foi realizada na manhã do dia 26/05/2023 na sede da Colônia de Pescadores de Jaguaripe (Rua Martinho de Albuquerque, 56, Centro) com o presidente da Colônia Z 36, Hamilton de Oliveira, e objetivou compreender um pouco melhor o contexto do

local e dos seus moradores, já que segundo todos os entrevistados a maior parte da população de Jaguaripe sede é composta por pescadores(as) e marisqueiros(as), além de funcionários públicos.

Figura 143. Sede da Colônia de Pescadores Z-36 de Jaguaripe (BA).



Fonte: Autora, Maio/2022.

O atual presidente relatou que existem 420 associados entre pescadores, aquicultores e marisqueiros, segundo os seus dados 320 são pescadores, destes 116 são mulheres.

Pescam principalmente com canoas, as mais tradicionais da região são as de uma tora só a remo, algumas possuem vela a traquete, mas já existe muitas canoas de fibra também. Pescam com rede de tapasteiro, rede de fundo (rede de espera), rede de abalo (segundo informa é quando fazem uma cerca e vão com uma vara batendo para atrair os peixes), tainheira e cerco.

Informa que a colônia atende a 09 localidades/distritos e cita 08: Jaguaripe sede, Cações, Barreira, Mutá, Pirajá, Ilha da Ajuda, São Bernardo e Camaçandi.

Segundo relata, os peixes mais comuns da região são: robalo, tainha, carapeba, pescada amarela, salgo e o mero que está em extinção. O pescado é vendido principalmente no mercado interno, em Nazaré e alguns mariscos são levados para Salvador.

No momento da entrevista estava ocorrendo um período de Defeso e os pescadores estavam proibidos de pescar robalo, camarão e caranguejo. Neste período os pescadores procuram a Colônia para se inscreverem e receberem o auxílio do governo de um salário mínimo por pescador. Todavia, o presidente informa que esse recurso é insuficiente para o sustento das famílias e que a prefeitura deveria ajudar mais com a distribuição de cestas básicas, já que segundo ele, grande parte da população vive da pesca e coleta de mariscos.

Figura 144. Cartaz informativo sobre os períodos de Defeso presentes na Colônia Z-36.

E CRIME PESCAR NESTES PERÍODOS Lei 9.605/98 **IBAMA**
COOPERE COM O DEFESO NA BAHIA

ROBALO	CAMARÃO	LAGOSTA	CARANGUEJO-UÇÁ FÊMEA E ANDADA
Portaria 49/92 (13.05.92)	INSTRUÇÃO NORMATIVA nº 14 / 2004 (14.01.2004)	INSTRUÇÃO NORMATIVA nº 206 / 2008 (14.11.2008)	FÊMEAS PORT. 34 / 03 - (24 / 03 / 03)
15 de Maio a 31 de Julho	De Mata de S. João / BA até dia 01 de AL e PE 01/04 a 15/05 e 01/12 a 15/01 De Mata de S. João / BA até dia 01 de BA e ES 01/04 a 15/05 e 15/09 a 31/10	01/12/2008 a 31/05/2009	ANDADA PORT. 43 / 08 (05 / 10 / 08)
			12 x 17 / 01 e 27/01 a 01/02 18 x 16/02 e 28/02 a 31/03 12 x 17/03 e 27/03 a 01/04

SALVADOR (71) 3172-1650
 SANTO ANTÔNIO DE JESUS (75) 3632-5239
 ILHEUS (75) 634.2850 / 634.2398
 EUNÁPOLIS (73) 281.1652 / 281.1526
 TEIXEIRA DE FREITAS (73) 292.6115 / 292.5676 / 292.5454
 LINHA VERDE 0800 61 8080 71 - 3172 - 1693

Av. Juracy Magalhães Júnior, nº 605, Rio Vermelho - Salvador/BA - CEP 41.940-050
 www.ibama.gov.br

Fonte: Autora, Maio/2020.

Sobre os saveiros informa que restam poucos e que a maioria dos proprietários tem dificuldades para mantê-los. E acrescenta que eles viviam de fretes e foram substituídos pelo transporte rodoviário.

Sobre as festas marítimas cita: Nossa Senhora da Ajuda (Padroeira) em dezembro, Nossa Senhora dos Navegantes em janeiro, São Roque em agosto. E na Festa de São Pedro estão fazendo uma procissão marítima, mas que isso não é tradicional no local, trata-se de uma inovação.

4.4 Entrevistas e vivência com as Marisqueiras

No dia 21/05/2023 (domingo) realizei o primeiro contato com algumas marisqueiras de Jaguaripe no bairro da Gamela na Rua Beira Rio. O local foi indicado a partir de conversas informais com moradores. O objetivo era apreender uma visão mais ampla do local de estudo,

observar como ocorre as redes de sociabilidade, vivenciar a experiência de ir ao mangue, observar como são realizadas as coletas, os objetos e rituais utilizados e compreender um pouco melhor essa atividade e o modo de vida associado a ele. Além de contextualizar a posição feminina nessa sociedade.

Sobre a relação das marisqueiras entrevistadas com os saveiros, elas dizem que eles fazem parte do cenário local, são vistos passando. Quando elas moravam em uma fazenda próxima as margens do Rio das Donas, os saveiros e as canoas eram o meio de transporte utilizado para ir ao comércio comprar comida e roupas.

No percurso para o mangue, me mostraram uma embarcação que está atracada em grau avançado de deterioração. Não foi possível fotografar esta embarcação porque no momento caía uma forte chuva.

Figura 145. Início da Rua Beira Rio no bairro da Gamela, Jaguaripe (BA).



Fonte: Autora, Maio/2022.

Chegando ao local, havia acabado uma partida de futebol e muitas pessoas estavam na rua em um momento de lazer, ouvindo música, bebendo e confraternizando, me aproximei de algumas pessoas, consegui localizar algumas marisqueiras e como na segunda-feira elas não iriam para o mangue, combinamos o próximo encontro para a terça-feira (23/05/2023).

O final da Rua Beira Rio dá no Rio das Dunas e é deste ponto que elas saem de canoa pelo rio para o mangue. Neste local existem algumas mesas que são utilizadas para coleta dos mariscos, como pode ser visto nas imagens a seguir.

Figura 146. Final da Rua Beira Rio.



Figura 147. Final da Rua Beira Rio.



Figura 148. Mesinhas para coleta de mariscos.



Figura 149. Final da Rua Beira Rio.



No dia 23/05/2023 voltei ao bairro às 8 horas da manhã conforme o combinado, estava chovendo e depois de uma conversa se iríamos mesmo para o mangue naquele dia, elas decidiram que sim. A atividade de mariscagem é geralmente executada por mulheres, mas conforme visto no local, homens também participam desta atividade. Saímos em 3 marisqueiras, um barqueiro (Daniel que é irmão de uma delas) que também exerceu a atividade de coleta no mangue e eu. Utilizamos uma canoa de fibra com um motor, mas ao longo do percurso também avistamos canoas de madeira com vela na pescaria.

Durante as minhas visitas conversei e conheci as seguintes marisqueiras: Marli Conceição dos Santos, Roseane Nascimento dos Santos, Maria Zilda da Conceição, Marilene Nascimento dos Santos e Maria da Conceição.

Este foi o grupo que se mostrou aberto e receptivo a pesquisa. Daniel dos Santos foi o menos falante do grupo.

Durante as conversas elas me contaram que quase todos os moradores desta rua são parentes, filhos, netos e bisnetos de um senhor conhecido como “Guaiamum”, pertencentes a

família Nascimento e dos Santos. O senhor Bartolomeu Nascimento dos Santos se casou com a senhora Maria Zilda Conceição (67 anos) e tiveram 16 filhos, o senhor Bartolomeu ainda teve 2 filhos fora do casamento e toda essa família mora na Rua Beira Rio. A esse grupo foram se juntando outras pessoas com as quais se casaram e tiveram filhos, aumentando assim os moradores.

Eles chegaram nesta localidade por volta de 2012, antes disso moravam em uma fazenda na outra margem do Rio das Dunas e trabalhavam na extração da piaçava. Contam que foi uma época sofrida, viviam em estado de miséria, muitas vezes passaram fome e trabalhavam em um regime de trabalho análogo a escravidão. Devido a esse passado de sofrimento, atualmente elas contam estarem satisfeitas e sentirem orgulho do trabalho de mariscagem, pois assim conseguiram melhores condições de vida e independência financeira.

No dia 23/05/2023 saímos pelo Rio das Dunas por volta das 8h:30min e chegamos no primeiro ponto de coleta por volta das 9h:20min. Duas mulheres ficaram em um ponto para catar Aratu e outro grupo formado por uma mulher e o barqueiro se deslocaram até outro ponto para catar ostra. Na ocasião não podiam fazer coleta de caranguejo devido ao período de Defeso.

Antes de entrar na canoa elas passam um repelente natural que pode ser: óleo de amêndoa, óleo de abacate ou querosene. Todos levaram consigo um facão cada, uma sacola com lanche/comida, água e um balde de plástico para trazerem a coleta do dia.

Antes de caminhar no mangue, elas vestem uma camisa de manga e calça de tecido porque é leve e fica colada ao corpo e colocam um sapatinho feito de pano que elas mesmas costuram amarrado aos pés com uma corda. Na cabeça usam uma touca para que os cabelos não fiquem presos aos galhos, atrapalhando a movimentação.

Elas me aconselharam a não andar no mangue porque eu não tinha experiência e corria o risco de me cortar com as ostras, além de não ter o sapato de pano (o tênis que eu estava usando provavelmente ficaria preso no fundo da lama) e corria o risco também de torcer o pé, tornozelo ou joelho devido à falta de experiência. Então, ouvindo as profissionais experientes, enquanto eles realizaram as coletas do dia eu fiquei na canoa esperando.

Indicaram-me que retornasse no verão, assim poderíamos caminhar em um trecho do mangue da Praia dos Garcês, segundo elas um perímetro mais seguro para iniciantes.

Figura 150. Marisqueiras no ponto de saída – Margem do Rio das Dunas.



Figura 151. Local de saída para pesca e mariscagem no final da Rua Beira Rio.



Figura 152. Canos no Rio das Dunas.



Figura 153. Armadilha para coleta de siri.



Figura 154. Estrutura de apoio com redes de pesca.



Figura 155. Canoa de fibra com motor em primeiro plano e canoa de madeira a vela ao fundo.



Figura 156. Sapato de pano utilizado para caminhar no mangue.



Fotos: Autora, Maio/2023.

Figura 157. Saída com o barqueiro e marisqueiro Daniel.



Figura 158. Descida da primeira dupla no ponto de coleta.



Figura 159. Logo no início encontram um sururu e pegam para me mostrar.



Figura 160. Sururu encontrado na imagem anterior.



Figura 161. Entrada no mangue da segunda dupla.



Figura 162. Pesquisadora esperando na canoa, conforme a recomendação dos marisqueiros.



Figura 163. Utensílios trazidos e ficados na canoa.



Figura 164. Utensílios trazidos e ficados na canoa.



Figura 165. Aratu da segunda dupla, a coleta não foi muito boa nesse ponto neste dia.



Figura 166. Ostra da segunda dupla, a coleta não foi muito boa nesse ponto neste dia.



Figura 167. No retorno a maré” estava baixa, necessitando remar para não encalhar.



Figura 168. Necessidade de cortar galhos devido à cota baixa de inundação do rio no retorno.



Figura 169. Marisqueira ajudando com o remo indo buscar a outra dupla que ficou no outro ponto de coleta.



Figura 170. Marisqueira ajudando com o remo indo buscar a outra dupla.



Figura 171. Marisqueira saindo do mangue com a sua coleta.



Figura 172. Elas sempre lavam a coleta antes de entrar no barco para tirar a lama.



Figura 173. Marisqueira saindo do mangue com a sua coleta.



Figura 174. Lavagem da coleta antes de entrar no barco.



Figura 175. Parte da coleta da segunda dupla.
Este ponto de coleta se mostrou mais proveitoso.



Figura 176. Outros trabalhadores que encontramos no caminho.



Figura 177. Coleta final do dia de marsicagem no retorno para casa.



Fotos: Autora, Maio/2023.

Chegamos do mangue por volta das 13h:30min, como todos nós estávamos muito molhados da chuva, fomos para casa. O catado do marisco foi realizado no outro dia, 24/05 à tarde, depois do almoço, por volta das 13h. Elas me contam que assim que chegam do mangue é necessário lavar e colocar o marisco para aferventar, depois disso deixam na geladeira até poderem catar.

O catado é geralmente realizado de forma coletiva, quando sentam no campinho de futebol da rua e se reúnem para produzir o catado. Depois de pronto, o catado é pesado, embalado, congelado e vendido em maior parte em Jaguaripe mesmo, no entanto também existe um “atravessador” que vai até essa rua e compra o catado na mão delas e leva para ser vendido em Salvador.

É comum encontrar comidas preparadas a base de aratau, caranguejo, ostra e sururu nos restaurantes e lares do município.

Segue abaixo algumas imagens que registrei da produção do catado de mariscos, neste dia cataram Aratu⁴¹ e Siri Siringa.

Figura 178. Produção do catado em família, marisqueiras e suas filhas.



Figura 179. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.



⁴¹ “O aratu, também conhecido como aratu-vermelho, é um crustáceo pertencente à família Grapsidae de ocorrência natural em manguezais em toda a região litorânea do Atlântico Ocidental, da Flórida até o litoral sul do Brasil, com em especial na Bahia e Pernambuco, mas atualmente em extinção. Por ser um caranguejo semiterrestre, vive em toda extensão do mangue e tem importante papel nesse bioma, por compor a cadeia trófica desse sistema bastante frágil”. Fonte: https://slowfoodbrasil.org.br/arca_do_gosto/aratu/ Acesso em: 20 agosto 2023.

Figura 180. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.



Figura 181. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.



Figura 182. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio, “Siri Siringa”, tem uma coloração diferente do Aratu que é vermelho mais forte.



Figura 183. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.



Figura 184. Produção do catado no campinho da Rua Beira Rio.



Figura 185. Refugo, cascas da produção do catado.



Fotos: Autora, Maio/2023.

CAPÍTULO V – RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os problemas e objetivos que nortearam a pesquisa nos propusemos a perceber como ocorre/ocorreu a construção do discurso de patrimonialização dos saveiros baianos, apreender o que estes artefatos representam para o grupo estudado e investigar as visões do grupo sobre as práticas de preservação. Para jogar luz sobre essas questões, um dos caminhos pensados foi acessar as narrativas de memória desses grupos por meio da realização de entrevistas, dando voz aos atores sociais.

Como caminho de construção para as bases interpretativas, optamos por refletir sobre o patrimônio cultural e suas políticas públicas, a retórica da perda, etnicidade, pertencimento e memória social.

Conforme visto, o tombamento do saveiro ‘Sombra da Lua’ foi alicerçado em torno da ameaça do desaparecimento dos últimos saveiros baianos, da sua recente valorização enquanto patrimônio cultural do Recôncavo Baiano, sendo apresentado nos discursos patrimonialistas enquanto pertencente à cultura/identidade e paisagem da Baía de Todos-os-Santos. O artefato também foi revestido de certo valor mítico nas obras de artistas, músicos e romancistas.

No entanto, é importante salientar que essa tal “baianidade”, essa identidade e esse território como construção imagética vai sendo formulado ao longo do tempo, principalmente pelos intelectuais e artistas (escritores, compositores, pintores, jornalistas, instituições), geralmente protagonizados pelo olhar masculino, branco ou estrangeiro, forjando uma visão específica do que é autêntico, popular ou nacional (PINHO, 2009; MARIANO, 2012).

A baianidade, como é conhecida a identidade cultural dos baianos, é um conjunto de regras, práticas, rituais, associados aos moradores da cidade do Salvador e do território circunvizinho, porém generalizados para todos os habitantes do estado da Bahia. Ela é disseminada, em forma de discurso, na fala de diversos agentes sociais. O discurso da baianidade é a síntese da ligação entre povo, tradição e cultura, sendo estes elementos ideologicamente construídos. (JUNIOR, 2013, p. 4).

Nesta mesma linha de raciocínio e levando em consideração o arcabouço teórico metodológico adotado na pesquisa, os discursos e atos de patrimonialização dos saveiros baianos foram formulados a partir da ‘retórica da perda’ que em muitos casos tem servido a criação e sustentação da definição do patrimônio cultural no Brasil.

Dessa forma, os atos das políticas públicas relacionadas aos patrimônios culturais se utilizam de diferentes narrativas para uma “invenção cultural” por meio das categorias de objetificação, apropriação, alegoria e autenticidade. Neste sentido, é importante perceber que,

(...) a preservação do patrimônio cultural implica sempre em noções de ‘valor’ e ‘perigo’. “Valorizar o bem e desejar evitar o perigo de destruição constituem os gestos básicos da coreografia preservacionista que, a rigor, traduz um esforço e um anelo de prolongamento da vida social do bem cultural” (Chagas, 2009: 108), que, no limite, deve servir aos interesses nacionais. (PENTEADO JÚNIOR, 2010, p. 337).

O tombamento do barco ‘Sombra da Lua’ de forma imediata agregou um valor imensurável ao artefato, sendo apresentado agora enquanto um representante do patrimônio cultural do Recôncavo e do Brasil, os saveiros baianos. No entanto, também abriu caminho para uma série de questionamentos relacionadas às políticas públicas de preservação patrimonial.

Este tombamento aconteceu por meio da atuação direta da Associação Viva Saveiro que alcançou grande visibilidade midiática e poder na sociedade baiana entre os anos 2008 a 2019 (aproximadamente) e entre os órgãos de chancela do governo em torno da causa preservacionista dos saveiros. No entanto, problemas internos da associação com os seus associados parecem ter levado a desarticulação desta ONG.

As ações da Associação Viva Saveiro revelam um projeto de cunho elitista (de uma elite ilustrada), liderados por profissionais liberais que exercendo domínio sobre este objeto-tema, desenvolveram ações que visavam à preservação dos saveiros e a sustentabilidade dos saveiristas, no entanto, muitas vezes não conseguiram os representar, levando a críticas e afastamento de uma parcela dos saveiristas (PASSOS, 2014).

Mesmo após o fechamento formal desta associação⁴² esta continua atuante nas causas preservacionistas, sendo uma referência nesta história, conforme pode ser comprovado por meio da sua participação recente no evento ‘Festival de Saveiros – I Festa Náutica do Vale do Paraguaçu’ na cidade de São Félix em maio de 2022 e em outros eventos dos quais continua a participar por meio da sua atuação revelada nas falas dos entrevistados.

Analisando as entrevistas, fica evidente que o grupo saveirista investigado não se sente representado por tal política de tombamento. Segundo as suas reivindicações as políticas deveriam ser direcionadas a preservação de um maior número de embarcações e principalmente a formas de promover a sua sustentabilidade e continuidade no tempo.

⁴² Segundo os relatos orais, o CNPJ da ONG e a Associação Viva Saveiro foi fechada.

Em conversa sobre o tombamento do ‘Sombra da Lua’, Bira Portugal revela a sua opinião que também é compartilhada pelo grupo que estava presente na posterior entrevista coletiva.

Eu concordo. Mas, no caso tinha que ter mais um incentivo deles, né? **Porque só falar que é tombado e que é do patrimônio não adianta!** Porque quando vem precisar de uma reforma, alguma coisa assim, eles não colaboram. (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

De acordo com as falas, o tombamento é visto até mesmo como um empecilho para a preservação dos saveiros:

Rapaz é mesmo que... **Tombaram para acabar com ele! Ele já tem cinco anos no estaleiro em Salvador, sem reforma. Eu acho que a partir da hora que tomba fica tudo mais difícil porque o poder público não faz nada.** Aí os donos ficam sem poder tirar a madeira que é ilegal. Aí já fica difícil para eles, né? (PORTUGAL, Bira. Saveirista e carpinteiro naval, 19/05/2023).

Ao serem questionados, todos demonstram ter uma noção do que seja patrimônio cultural, concordando com a nomenclatura para designação dos saveiros, os relacionando a uma herança cultural e a suas histórias de vida individuais e coletivas. Os que não utilizaram a expressão patrimônio cultural, demonstraram uma relação de afetividade para com as embarcações (ligadas a paixão, amor, lazer, história de vida). Inicialmente essa relação foi estabelecida por meio do trabalho (fatores financeiros e de subsistência). Mas, atualmente a maioria alega não conseguir recursos financeiros com a utilização dos saveiros.

Quando pergunto a Bira Portugal de onde vem essa vontade de preservação, ele responde: *“Rapaz, da minha parte mesmo é para manter a cultura, né? A minha história”*.

Alício Sales Brasil, saveirista e pescador de Coqueiros (Maragogipe – BA), também apresentou a sua ideia de patrimônio e por que a embarcação precisa ser preservada: *“Porque, poxa, é uma relíquia aí que já vem de muitos anos, ele vem de geração em geração aí”* (...).

Joilson Guimarães Ribeiro, também saveirista e pescador de Coqueiros (Maragogipe – BA), apresenta o mesmo discurso: *“Isso não pode acabar que é um patrimônio cultural, entendeu? Em tudo... Os saveiros! (...) Porque a história da gente foi sobre isso... Criamos os nossos filhos e de filho passamos já pra netos... Vai passando de geração em geração... Então, isso não pode acabar assim fácil, não”*.

Entretanto, conforme visto, nem todos os entrevistados e atuais envolvidos com a causa preservacionista possuem esta ligação direta com a herança familiar, muitos estão ali por questões trabalhistas, mas enxergam a causa como pertencente a todos e tomam de empréstimo tais discursos legitimadores.

Todos possuem uma visão clara sobre o número reduzido de saveiros e a ideia de que os saveiros estão “acabando” é recorrente em todas as falas. Durante as conversas, os saveiristas demonstram conhecer todos os saveiros ainda existentes, até mesmo de outras localidades, conhecendo em parte a história de cada embarcação, e a todo o tempo percebe-se que estão se informando sobre a situação (localidade/grau de degradação/utilização) em que se encontra cada embarcação.

Quando pergunto ao saveirista Cláudio Pereira como ele vê a situação atual dos saveiros, responde: *“Tá diminuindo cada vez mais, né? Lá mesmo em Maragogipe o que eles vivem é de material de construção, tá acabando... E o saveiro tá acabando também, né?”*

Por meio das entrevistas e observações, percebemos que a rede de sociabilidade é reforçada na vida cotidiana (no caso dos moradores de Jaguaripe e das localidades próximas) e nos encontros presenciais com os saveiristas de outras localidades, nas regatas e romarias marítimo-fluviais. Eles se mostram unidos por laços de amizade, solidariedade e fé (no caso daqueles que participam dos ritos religiosos marítimo-fluviais), por suas relações afetivas com os saveiros, além dos interesses econômicos. Todavia, também pode existir disputas de interesses internas e entre os saveiristas desta localidade com os de outras, o que não pôde ser observado nesta pesquisa já que estamos tratando aqui de um grupo pequeno (um fragmento dessa realidade) e não houve uma pesquisa mais abrangente na qual as outras localidades também fossem estudadas para compreender melhor como essas interações se dão.

Sobre a temática da afetividade, sonhos, anseios e projetos dos entrevistados relacionados aos saveiros, destaco:

Sr. Antônio Pureza (ex saveirista e marinheiro aposentado) afirma sentir saudades dos saveiros. *“Sinto! Isso aí é coisa boa!...”* Quando questionado sobre o que ele pensa sobre os projetos de preservação e o que ele desejava que acontecesse, ele responde: *“Mais atenção! Com certeza!”* Ainda sobre as ações preservacionistas, ele menciona: *“Quem tem amor! Tem que ter amor! Se não tiver amor, não faz!”*

O saveirista Cleidinei Santos deixa claro que eles possuem a vontade de criar uma associação em Jaguaripe e busca financiamentos privados para colocar em prática alguns projetos, mencionando a criação de novas rotas de fretes e a construção de novos saveiros.

Sobre os seus sonhos e anseios, Bira Portgal afirma: *“Meu sonho aqui era que tivesse um estaleiro escola”!*

O saveirista aposentado Aloízio Lima possui a ideia de que o conhecimento oral pertencente aos mestres saveiristas está se perdendo e que poderia estar sendo transmitido a aprendizes.

Estes homens me informaram que vivem basicamente da pesca e utilizam as suas canoas para pescar, outros trabalham na construção civil, são funcionários públicos ou aposentados. O saveiro se converteu em uma paixão e é utilizado mais para o lazer, passeios em família e com os amigos, assim como para participar das regatas, eventos e festas religiosas tradicionais do Recôncavo.

Sobre os projetos ligados a passeios turísticos com os saveiros, informaram que o turismo no município de Jaguaripe é fraco, mas conseguem realizar alguns poucos passeios na época do verão. Segundo os entrevistados, falta incentivo do governo e infraestrutura para atender os turistas na cidade. O saveirista Cláudio Pereira, afirma: *“Pra gente ganhar dinheiro de saveiro por aqui não tem”!*

Sobre a utilização do atracadouro inaugurado há pouco tempo em Jaguaripe, onde deveria estar funcionando um receptivo turístico, Bira Portugal afirma: *“É utilizado pelas embarcações para o turismo. Mas, o turismo atualmente está bem fraco. Se tivesse um incentivo para o turismo estaria sendo mais utilizado, principalmente pelos saveiros”.*

Quando questionado sobre o que falta para os projetos turísticos darem certo, Bira responde: *“Rapaz, incentivo do poder público, né? O fluxo de turistas no município é muito baixo”.*

Sobre as rotas de passeio mencionam: Salvador, Ilha de Itaparica, Praia – Barra dos Garcez, Praia de Cacha Preggo, Maragogipe e Cachoeira/São Félix. Para que esses passeios aconteçam os turistas precisam procurar os saveiristas para combinação prévia. Alguns passeios no barco ‘É da Vida’ acontecem também por meio da intermediação de Marília Barreto (ligada a Associação Viva Saveiro).

Segundo Rosiel Conceição Freire (que ocupava o cargo de Secretário de Cultura, Turismo e Esportes no momento da entrevista) falta infraestrutura em Jaguaripe para que o turismo possa acontecer, falta até mesmo pousadas de acordo com a sua fala. Em sua entrevista, ele afirmou que atualmente o município não tem nenhum projeto para a preservação dos saveiros. Sobre o Projeto do Estaleiro Escola (formulado por ALVES, 2021) e apresentado à prefeitura, inicialmente ele parece não se recordar, depois informa que não sabe se vai ser aprovado, ainda será analisado.

De acordo com as entrevistas, os saveiros estão presentes no imaginário e na memória dos entrevistados, porém durante o desenvolvimento desta pesquisa não conseguimos localizar fotos antigas dos saveiros no município. No entanto, a festa do Gaspi ou São Gaspião e as romarias anuais deixa claro que os saveiros fazem parte das memórias e manifestações culturais do município.

A ideia predominante é de que existiam muitos saveiristas no passado em Jaguaripe, no entanto, a maioria dos saveiristas já faleceu. “*Muita gente tinha aqui, mas já faleceu muita gente*” (Antônio Pureza, marinheiro aposentado, 72 anos).

Os entrevistados afirmam que os saveiros tinham grande importância na economia do município e região, pelo rio transportavam de Nazaré das Farinhas alimentos, como farinha, dendê, pescado, caranguejo, cerâmica, madeira e carvão para as feiras-livres de Salvador. Segundo Osailson Muricy (funcionário público): “*Tudo era à base do saveiro*”. Em suas palavras, na região havia vários estaleiros e carpinteiros navais.

Dentre as dificuldades em torno da preservação das embarcações, os saveiristas citam: dificuldade de obtenção de madeira para construção e reparo das embarcações, custos elevados de manutenção, ausência de rotas comerciais para fretes, ausência de projetos e infraestrutura para utilização dos saveiros no turismo, dificuldades formais com a Capitania dos Portos que não os reconhecem enquanto marinheiros (habilitação) e construtores navais, já que constroem as embarcações a partir de um conhecimento oral que até então não é reconhecido pela Marinha do Brasil.

Sobre esta problemática da validação dos saberes formais e não formais, Perez (2022) traz importantes contribuições, comparando o programa português de educação e certificação profissional denominado Programa Qualifica/RVCC com um programa brasileiro similar, a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada (Rede Certific), discutindo sobre as políticas públicas de certificação profissional voltadas para trabalhadores com pouca ou nenhuma escolaridade formal, apontando que uma das saídas para a validação do conhecimento tradicional dos saveiristas poderia vir por meio destas instituições.

Constata-se que, no rico momento histórico vivido nas duas últimas décadas, parte-se da compreensão de que os saberes da experiência, ou saberes adquiridos ao longo da vida e do trabalho, podem e devem ser certificados, porque tal tarefa constitui um dever do Estado, que deve validar todos os saberes, tenham sido eles adquiridos ou não no percurso escolar formal. Acima de tudo, porém, constitui um direito dos trabalhadores ter seus saberes reconhecidos e validados, como parte do processo de construção de sua cidadania (PEREZ, 2022, p. 263).

Outros caminhos pensados e discutidos no âmbito da validação dos saberes tradicionais nos eventos em torno da preservação dos saveiros, seria o de conceder títulos *honoris causa* para os detentores deste conhecimento (saber-fazer e manejar as embarcações). A titulação é concedida por universidades, feita através de um conselho formado por professores de cada

área, que analisa as ações do candidato. Todavia, trata-se de uma matéria que precisa ainda ser melhor discutida e avaliada.

Sobre as dificuldades em torno da preservação dos saveiros foi recorrente a afirmação de falta de incentivo e/ou apoio público do governo, assim como descontentamento com as políticas públicas adotadas e falta de entendimento (expertise) de como esses projetos poderiam ser desenvolvidos.

Procedendo com o exercício de pensar soluções viáveis para algumas das problemáticas postas, o tão mencionado turismo como uma possível via econômica para sustentação dos saveiros e saveiristas, entende-se que um projeto maior envolvendo os saveiristas e as cidades portuárias do Recôncavo Baiano e a capital deveria ser pensado, discutido e planejado pelo Estado da Bahia com parcerias como o SEBRAE, IPHAN e Governo Federal, criando logística e infraestrutura voltada a passeios ecológicos, viabilizando rotas que também valorizassem o patrimônio edificado do Recôncavo e da Baía de Todos-os-Santos, dinamizando assim o turismo náutico e histórico nessa região, alavancando o desenvolvimento regional.

Este projeto demandaria um estudo prévio investigando a demanda por esses tipos de passeios, e histórico e etnográfico em busca de investigar melhor a vontade, abertura e receptividade dessas comunidades ao turismo, assim como os impactos advindos de tal atividade.

Temos inúmeros exemplos de projetos bem sucedidos ao redor do mundo como os concorridos passeios de Gôndolas em Veneza e os tradicionais barcos coloridos de Moliceiro realizados no canal de Aveiro em Portugal, apenas citando dois exemplos mais conhecidos.

Importante perceber que foi instituído o Dia do Saveiro em Jaguaripe no ano 2021, sendo escolhido o dia 15 de dezembro. Após estabelecida a data, já realizaram um primeiro movimento comemorativo. Segundo o saveirista Cleidinei Santos: *“Para poder a gente marcar também e mostrar à população (...) o dia 15 de dezembro porque foi quando Jaguaripe se tornou a primeira vila do Recôncavo da Bahia”*.

Demonstrando que o grupo saveirista e membros da população de Jaguaripe possuem o interesse e promovem ações para dar visibilidade a importância aos saveiros na história local.

Uma das hipóteses testadas durante o desenvolvimento da pesquisa foi o de observar/analisar se o interesse preservacionista do grupo saveirista poderia ser percebido por meio da criação de associações, organização de regatas anuais, encontros, exposições e oficinas temáticas, construção de conteúdo para a Web e redes sociais, objetivando visibilidade e mobilização em torno do tema.

Diante do exposto na pesquisa, acreditamos que todo esse investimento reflete a defesa de um referencial de pertencimento, seguindo a ideia de que “precisamos preservar a nossa história, quem somos, a nossa herança cultural”.

Em buscas na internet é possível localizar páginas ligadas a preservação dos saveiros, em websites e também em páginas das redes sociais (Instagram e Facebook), além de reportagens e documentários. Algumas das cidades portuárias do Recôncavo possuem páginas nas quais divulgam as suas regatas e eventos. Alguns carpinteiros navais aposentados também se dedicam a projetos da confecção de saveiros e embarcações tradicionais em miniatura, revelando talvez novas formas de subsistência. Essas páginas foram observadas em relação as seguintes localidades: Salvador, Itaparica (Mar Grande, Gamboa), Ilha de Vera Cruz, Aratu (Candeias), Maragogipe e Coqueiros, Jaguaripe e São Felix. Neste âmbito existem páginas ligadas a divulgação dos saveiros vela de pena também.

Nos contatos com o grupo estudado e na execução das entrevistas, nos deparamos ainda com a categoria do associativismo e como isso tem se estruturado no presente. O associativismo tem sido um dos caminhos tentados pelos grupos para fortalecer seus laços culturais e econômicos. Esse modelo não configura vínculos com o Estado, mas são formalmente constituídos e autônomos, facilitando uma atuação política coletiva.

Entretanto, no momento em que a pesquisa foi realizada observou-se uma desestruturação com o fechamento da Associação Viva Saveiro em Jaguaripe e novas formas de organização social estão sendo pensadas e articuladas. Já em Coqueiros – Maragogipe (BA), a Associação dos Saveiros de Vela de Içar da Bahia, criada em 2013 continuava em operação, até o fechamento desta pesquisa em outubro de 2023.

Segundo Bira Portugal, os saveiristas se entendem enquanto um grupo. Eles se reúnem, programam passeios e eventos ligados aos saveiros, mas não possuem uma associação formal na atualidade em Jaguaripe.

Ao longo das entrevistas, percebe-se que cada um tem uma história de vida diferente, alguns herdaram a relação com os saveiros dos pais, da família, começando a lidar com os saveiros desde crianças, enquanto outros só começaram a trabalhar com os saveiros na idade adulta por meio de relações ligadas ao trabalho.

No presente, os filhos dos entrevistados não estão inseridos nessa profissão e contexto, a única exceção observada é o caso do filho adotivo (já adulto) de Cláudio Luciano que trabalha como ajudante no barco “É da vida”.

Nesse contexto, o conceito de etnicidade serviu ao entendimento do grupo de saveirista estudado enquanto forma de organização social na causa preservacionista. Todavia, não se trata

de um grupo homogêneo com ideologia fixa, pelo contrário, está o tempo todo se modificando, se reconstruindo e construindo as suas narrativas diante dos contingentes atuais. Conforme nos ensina (CUNHA, 1986), os grupos se diferenciam por meio de sinais diacríticos “seleção de alguns símbolos que garantem, diante das perdas culturais, a continuidade e a singularidade do grupo” (p. 116).

Nesse sentido, podemos pensar que os discursos patrimonialistas na busca da defesa de uma cultura nacional criam demandas que são absorvidas pelos grupos sociais que vão se adaptando frente aos novos arranjos, elegendo traços culturais pertinentes no momento/situação, sendo discursos que se retroalimentam, estabelecendo uma relação de interdependência entre eles.

Como nos ensina o antropólogo Penteado Júnior (2010, p. 336) não são apenas as políticas patrimoniais do Estado que “criam” os bens patrimoniais, mas eles são igualmente formados por meio da atuação de diferentes atores sociais que constroem esse enredo das defesas em torno dos patrimônios e das causas preservacionistas.

Muito tem se discutido sobre um tempo atual marcado pelo “*boom da memória*” e pelo abuso do patrimônio. Mas, por que isso estaria acontecendo? Segundo Dominique Poulot (2012), o patrimônio ganha relevância central nos debates contemporâneos porque representaria um presente do passado em um mundo marcado pela novidade, pelo individualismo e pelo medo do esquecimento perante uma enxurrada de informações cada vez mais velozes. Nesse sentido, o patrimônio vem sendo associado às aspirações da universalidade, a coisa pública, aos sentimentos de pertencimento e segurança ao qual os grupos nos remeteriam. Segundo Ingold (2019) não se trata da defesa de um patrimônio e sim de um lugar comum, um local de pertencimento.

E afinal, o que poderia estar motivando alguns grupos do Recôncavo Baiano à vontade de preservação dessas embarcações? Como uma das construções interpretativas, entendemos que a drástica diminuição dos saveiros baianos é um fator desencadeador de um sentimento de perda para esses grupos que se organizam ou se organizavam em torno dessa embarcação.

Adotando o conceito de “lugares de memória” formulado por Pierre Nora (1993), a vontade de preservação dos saveiros no presente pode estar atendendo a uma vontade da memória que busca compensar a sensação de perda desse modo de vida que ficou ou está ficando no passado.

[...] a lembrança se reconstrói sempre a partir do presente e é o grupo ao qual pertence o indivíduo que fornece a ele meios de reconstruir o passado (os calendários, as palavras que exprimem a lembrança, as convenções, os espaços, as durações que dão

ao passado sua significação). A seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado, em função das representações, visões de mundo, símbolos ou noções que permitem aos grupos sociais pensar o presente (BARBOSA, 2008, p.48).

Temos claro que o discurso legitimador para escolha e seleção dos patrimônios culturais está fortemente embasado na construção e afirmação de uma memória e identidade nacional/regional que são forjados em diferentes períodos históricos atendendo a diferentes concepções ideológicas. No entanto, nem tudo pode ser preservado ou representado, então, estabelece-se este jogo de narrativas com excluídos reivindicando os seus títulos, espaços e reconhecimentos.

Assim sendo, as políticas patrimoniais precisam lidar com a problemática de como abarcar todas as reivindicações. Como preservar a herança cultural ligada ao discurso de identidade e pertencimento de grupos em um mundo em constante movimento e transformações? Onde a cultura é mutante e as identidades são múltiplas e fluídas. Nesse sentido, estabelece-se também o dilema linguístico dos conceitos e suas representações. Damos nomes as coisas e precisamos colocá-las em “caixas” para identificá-las. “Há entre a expressão e o conteúdo distinção real, pressuposição recíproca e unicamente isomorfismo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, vol 1, p. 15/22 e vol. 5, p. 217).

A vontade obsessiva de tudo preservar leva a um eterno presentismo, onde nada pode ser esquecido, sendo que já o foi diante da impossibilidade de tudo recordar. (HUYSSSEN, 2000). Apesar dos discursos de preservação de bens patrimoniais ainda não serem explicitamente associados ao capitalismo, é certo que este segmento apresenta forte apelo para exploração econômica em todo o mundo. Desde a concorrida lista para obtenção do status de patrimônio mundial a uma infinidade de eventos e destinos relacionados a questões culturais tem movimentado este setor com diversos profissionais, cada um especializado em seu ramo, seja ele arqueológico, arquitetônico, museológico, relacionados a culinária ou rituais e celebrações locais.

Por fim, observa-se que os discursos legitimadores continuam impregnados de ideias totalizantes e excludentes, imbuídos de vontade de verdade, nos quais a ideologia aparece escamoteada com sentidos fixos, necessários e a-históricos (ALTHUSSER, 1999). Por isso, os discursos precisam ser constantemente analisados para evitar repetições acríticas, tentando verificar os “(des)limites da sensação de sua evidência, de transparência da linguagem, de imbricação entre intenção e significação”. (SANTOS, 2013, p. 154). Como por exemplo, como

lidar com a questão da identidade/etnicidade, admitindo o fator da diferença, sua fluidez, multiplicidade e transitoriedade.

Nesse contexto, é importante perceber que a edificação dos patrimônios culturais requer uma operação complexa na qual apenas leis e discursos institucionais não são suficientes. É necessário que esses valores estejam incorporados à consciência individual e coletiva por meio da racionalização e conexões afetivas. Sendo que essa seleção do passado, que será perpetuado na memória dos grupos exige sempre escolhas éticas e políticas ligadas à visão de futuro almejada. Com isso, fica evidente que o patrimônio não designa apenas um campo simbólico, mas também está relacionado ao pertencimento (ABREU, 2020).

Nas discussões aqui implementadas aparece à problemática em torno do papel dos agentes e instituições que legitimam os processos de validação do patrimônio cultural no Brasil, o que é considerado patrimônio, quais são os símbolos culturais da Bahia e do povo brasileiro, e o que deve ser preservado, trazendo à tona as discussões em torno da “autenticidade”, “excepcionalidade” e “valor”, temáticas ainda fortemente discutidas em torno dos artefatos, modos de vida e de fazer considerados tradicionais que acabam por receber a titulação de patrimônio cultural no país. Estes atos de chancela legitimam e fortalecem a imagem do estado brasileiro (enquanto agentes e instituições) e sua posição de salvaguardar o patrimônio nacional.

A temática do patrimônio cultural está impregnada de ambiguidades. Quando o Estado e suas políticas públicas “identificam” grupos e seus patrimônios, esses grupos se afirmam publicamente, por outro lado é a forma pela qual o Estado exerce positivamente a sua função de agência do poder, controlando e organizando a sociedade. Os instrumentos utilizados para a preservação acabam por exercer domínio sobre um objeto-tema e fortalecem a imagem do Estado brasileiro enquanto salvaguardador do patrimônio nacional (FOUCAULT, 1976).

A política pública voltada ao patrimônio cultural vem sendo modificada ao longo do tempo frente às transformações sociais, as pressões dos grupos que se mobilizam e diante da vontade do Estado Nação de manter o seu discurso de salvaguardador da sua cultura, construindo assim a sua ideia de nação/povo/cultura, ratificando a sua existência e garantindo a sua “materialidade”.

Em 2021 foi formulado um novo dispositivo denominado “Programa Pontos de Memória no âmbito do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram” por meio da Portaria Ibram Nº 579, de 29 de Julho de 2021.

Parágrafo único. O Programa Pontos de Memória tem como objetivo promover ações de reconhecimento e valorização da memória social, de modo que os processos

museais protagonizados e desenvolvidos por coletivos culturais e entidades culturais, em seus diversos formatos e tipologias, sejam reconhecidos e valorizados como parte integrante e indispensável da memória social brasileira (Portaria Ibram Nº 579, de 29 de Julho de 2021).

Este novo programa pode ser entendido dentro das políticas públicas como ações mais direcionadas as pessoas (coletivos culturais), apresentando-se como mais um dispositivo que visa dar sustentabilidade a causas socais como a dos saveiristas, por exemplo.

Por mais que tenhamos adotado uma postura crítica diante do fenômeno da patrimonialização em torno dos saveiros baianos, é necessário muito cuidado e respeito ao tocar vidas. Como nos ensina Tim Ingold (2019) no começo desse texto, é preciso levar as pessoas a sério, exercitando a ‘ética do cuidado’, aprender com elas e trocar experiências. Nesse sentido, é necessário deixar claro que a causa dos saveiristas é legítima (assim como milhares de outras causas socais e expressões culturais), suas narrativas de memórias e afetividade em torno do bem material é experienciado por eles em suas trajetórias de vida e nítido em suas falas e ações, sendo assim o que eles reivindicam é a preservação de um artefato que se tornou um símbolo patrimonial do Recôncavo Baiano nos discursos oficiais. Por isso, o que intencionamos foi realizar uma pesquisa conjunta com os saveiristas, entender as suas motivações, modos de vida e práticas, visando alcançar um mundo com espaço para todos e construído por todos.

Salientamos que os campos da etnicidade, identidade, memória social, patrimônio cultural e políticas públicas estão imersos em um campo de jogos de forças e em processos de tensões permanentes, onde tanto os grupos sociais, quanto o Estado por meio das suas instituições disputam espaços, relevância e narrativas de autoafirmação, sendo necessário não perder de vista uma postura ética, crítica, flexível e aberta ao novo em nossas pesquisas.

Por fim, entende-se que uma dissertação não encerra temas, pelo contrário, apresenta interpretações e pontos de vista que abrem sempre novos caminhos para questionamentos e desdobramentos diante de perspectivas diversas de entendimento, fomentando assim a discussão, a reflexão e o enriquecimento diante de problemas de relevância social, servindo ao ensino e aprendizagem mútua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Pedro. **Embarcações do Recôncavo: um estudo de origens**. Salvador: Museu Wanderley Pinho, 1973.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, 155-202.
- ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro de. *Futuros imaginados: o gesto patrimonial e o conceito de “diversidade cultural”*. **Vivências**: revista de Antropologia, Natal, v. 1, n. 55, p. 250-270, 2020.
- ANDRADE, Adriano Bittencourt. O Modelo Espacial da Rede Urbana do Recôncavo Baiano Setecentista à luz da Cartografia Histórica. In: Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Passado Presente nos Velhos Mapas: 263 Conhecimento E Poder, 1., 2011, Paraty – RJ. Anais do simpósio brasileiro de cartografia histórica. 2011.
- _____. O outro lado da baía: a gênese de uma rede urbana colonial. Salvador: Edufba, 2013.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.
- ALTHUSSER, L. **Sobre a Reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BATISTA, Indira Chaves. **Estudo dos Saveiros Baianos no Município de Ilhéus, Bahia, Brasil**. Instituto Politécnico de Tomar. Universidade Autónoma de Lisboa. Curso de Pós-Graduação em Arqueologia Subaquática, 2020 [Dissertação de Pós-Graduação].
- BARTH, Fredrick. **Antropologia da etnicidade**: para além de Ethnic group and boundaire. Org.: Hans Vermeulen e Cora Govers, 1969.
- _____. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 185-227
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, W. *Iluminationen*. (Ausgewählte Schriften 1). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOXER, Charles Ralph. **O império marítimo português**. Editora Companhia das Letras, 2002.
- BUBER, M. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CALDAS, Alberto Lins. *Pontuação em História Oral*. **Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo, Núcleo de Estudos em História Oral-USP, ano 2, n. 4, jul./dez. 2008, p. 163-167.
- CÂMARA, Antônio Alves. **Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil**. Primeira edição 1888. Museu Nacional do Mar, Papelmaça edições, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: **Publifolha**, 2000 (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).
- CARNEIRO, Clarete Maria. **Os discursos e as relações de poder na escola**: contribuições de Michael Foucault [monografia]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Formação de Professores e Humanidades. Curso de Pedagogia. Goiânia, 2021.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Etnicidade**: da cultura residual, mas irreduzível. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.
- CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington; BARRETO, Virgínia Queiroz. *Uma lei para os libertos: recrutamentos e território quilombola no Recôncavo da Bahia, 1800-1860*. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, 2019, p. 1-27.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Filipe; GOMES, Denise Dias. *Moulds, Graminhos and Ribbands: a pilot study of the construction of saveiros in Valença and the Baía de Todos-os-Santos area, Brazil*. In.: **The International Journal of Nautical Archaeology**, 2015.
- CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.
- _____. *Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil*. In: REIS, Alcenir Soares dos & FIGUEIREDO, Betania Gonçalves. **Patrimônio Imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- CRUZ, R. D. *Experiencias de la Identidad*. **Revista Internacional de Filosofía Política**, México, n. 2, 1993, p. 63-74.

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal 2000 **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: ed. 34 Conversações. Rio de Janeiro: ed. 34, 2000. Bergsonismo. São Paulo: ed. 34,1999 [1988].
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs, **Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: ed. 34, vol. I. 1995.
- DE MAN, Paul. **Alegorias da leitura**. Tradução: Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- DIAS, Marcelo Henrique. **Economia, sociedade e paisagens da Capitania e Comarca de Ilhéus, no período colonial** [tese de doutorado]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2007.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. In: **Durkheim, Émile. Durkheim – Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. Uma resenha de Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft: abhandlung des communismus als empirischer kulturformen*. In: Mirand a, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995. p. 113-118.
- EVANGELISTA, Marcela Boni. *A transcrição em História Oral e a insuficiência da entrevista*. In: **Oralidades: Revista de História Oral / Núcleo de Estudos em História Oral** [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. — Ano 4 – Nº 7 – Jan.Jun./2010 — São Paulo: NEHO, 2010.
- FONSECA, Maria Cecília L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ\IPHAN, 1997.
- _____. *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In.: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**, 2009.
- FONTANI, Alessandro; BERTANI, Mauro. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção Tópicos
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____. **Estratégias de poder**. Obras essenciais. Vol. II. 1994 [1975].
- _____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. 179/191.

- _____. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault – *uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: ed. 34. 1993.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973 [Tradução: 1989].
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GONDAR, J. e DODEBEI, V. (orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- GONDAR, Jô. *Cinco proposições sobre memória social*. In: GEIGER, Amir et al. (Org.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial**, v. 9, n. 15, pp. 19-40.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, jan.-jun. 2015.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.
- GOMES, Nilma Lino e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. **Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABWACHS, M. **A memória coletiva (1950)**. São Paulo: Vértice. 1990.
- HANDLER, Richard. “On having a culture: nationalism and the preservation of the Quebec’s Patrimonies”. In: STOCKING, George. *Objects and Others: essays on museums and material culture*. Madison: the University of Wisconsin Press, 1985.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- _____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, jul./dez. 1997.
- _____. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: Editorial: PUC Rio: Apicuri, 2016.

- HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Ed. UFMG, 2003.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.
- INGOLD, Tim. **Antropologia:** para que serve. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petropolis, RJ: Vozes, 2019.
- _____. 2011. Epilogue: "Anthropology is not Ethnography", in *Being alive*. Editado por T. Ingold, pp. 229-243. Routledge: London and New York.
- LOIZOS, P. & PAPATAXIARCHIS, E. (eds.). **Contested Identities.** Princeton: Princeton University Press, 1991.
- MAALOUF, A. **Les Identités Meurtrières.** Paris: Bernard Grasset, 1998.
- MACPHERSON, C.B. "The political theory of possessive individualism: Hobbes to Locke". Oxford: Oxford University Press, 1962.
- _____, A. **In the Name of Identity.** London: Penguin Books, 2003.
- MAGNAVITA, P. R. O lugar da diferença. *Revista de Urbanismo e Arquitetura*, 6(1). 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3233>. Acessado em: 14/12/2021.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Novos patrimônios, um novo Brasil?** Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 29, no 57, p. 9-28, janeiro-abril, 2016.
- MARTINS FILHO, Amilcar Vianna. **Como escrever a história de sua cidade.** Belo Horizonte: ICAM, 2006.
- MARTINS, S. D. **A Memória de um Lugar:** discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa. Dissertação de mestrado em Antropologia. ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, 2011.
- MAURANO, Denise. *O mal-estar na memória: algumas incursões contemporâneas.* In.: GEIGER, Amir et al. **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. **Revista Morpheus:** estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, v. 9, n. 15, pp. 203-226.
- MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural:** uma revisão de premissas. In.: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Sistema Nacional de Patrimônio Cultural:

desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão - Ouro Preto – MG. 2009, p. 25-40.

MOCELLIM, Alan Delazeri. *A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea*. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.105-125, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Traduzido por Yara Aun Khoury de Lês Lieux de Memórie. In: **Projeto História**. São Paulo: Brasil, 1993. Op. cit. p. 7.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **O serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN e a redescoberta do Brasil: a sacralização da memória em pedra e cal**. 1995. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

_____. *O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação*. **Antíteses**, v. 7, n. 14, p. 45-67, jul. - dez. 2014.

PAIVA, C. C. Estratégias de comunicação no mundo globalizado. www.bocc.ubi.pt, 2000, p. 1-8.

PALÁCIOS, M. *O medo do vazio: comunicação, sociabilidade e novas tribos*. In: RUBIM, A. A. (Org.). **Idade mídia**. Salvador: UFBA, 2001.

PASSOS, Antonio Marcos de Oliveira. **Bordejos, tensão e resistência: a patrimonialização do saveiro Sombra da Lua**. UFBA: Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Salvador, 2014.

PENTEADO JÚNIOR, Wilson Rogério. **Uma trilha ao intangível: olhares sobre o jongo no espetáculo da brasilidade**. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2010. [Tese doutorado].

PEREZ, Maria Isabel Lopes. **Políticas de reconhecimento e certificação de saberes profissionais: Brasil e Portugal em contraste**. 2022. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. *Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença*. **Líbero** – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009.

- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. [Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha].
- _____. *Memória, esquecimento e silêncio*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POMIAN, K. Memória. In: GIL, Fernando. **Sistemática**. Porto: Imprensa Nacional, 1984.
- POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- _____. *A razão patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI*. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** – IPHAN, n. 34, p. 29-39, 2012.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- PRATS, L. **Antropología y Patrimonio**. Barcelona: Ariel, 1997.
- REIS, João José. **Recôncavo Rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos**. [Palestra], 1990. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3589/1/afroasia_n15_p100.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/3589/1/afroasia_n15_p100.pdf) Acessado em: Maio/2023.
- RIBEIRO, Carlos; BOCCA, Pedro. **Viva Saveiro: Patrimônio naval da Bahia**. Editora: Solisluna. Nilton Souza (fotografias), 2013.
- RODRIGUES, Donizete. *Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos*. Macapá, v. 7, n. 4, 2º semestre, 2017.
- ROVER, Oscar José. O método científico em ciências sociais: dos documentos, questionários e entrevistas à análise de enunciados. *Revista Grifos* - N. 32/33 – 2012.
- RUBINO, Silvano. **As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade de Campinas, Campinas, 1991.
- SALADINO, Alejandra. *Iphan, arqueólogos e patrimônio arqueológico brasileiro: um breve panorama*. In: **Revista de Arqueologia**. Vol. 26, n. 2, 2013, Vol. 27, n.1, 2014.
- SANT'ANA, Marcia. *A face imaterial do patrimonial cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização*. In.: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**, 2009.
- SANTOS, B. S. *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1994, p. 31-52.

- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura?* São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense (Coleção primeiros passos) 16ª edição, 1996.
- SANTOS, Lucas de Jesus. *Sujeito e Sentido na Análise de Discurso*. **Revista Ao pé da Letra** – Volume 15.1 – 2013, pp. 153-167.
- SAHLINS, Marshall. *Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do Sistema Mundial*. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 16., 1988, Campinas. Anais[...]. Campinas, SP, 1988. p. 47-10.
- _____. **Ilhas da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.
- _____. **História e cultura: apologias a Tucídides**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006. 331 p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Espetáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SELLING JÚNIOR, Theodor. **A Bahia e seus veleiros – uma tradição que desapareceu**. Serviço de Documentação Geral da Marinha. RJ: 1976. Disponível em: <http://www.portalbarcosdobrasil.com.br/handle/01/136>
- SILVA, Luís Cláudio Requião da. **Paisagem cultural do Recôncavo Baiano: uma narrativa espacial regional a partir da análise do patrimônio urbano**. UNB, Brasília, 2015. [tese de doutorado].
- SILVA, M. M. e DELGADO, A. F. **Educação Patrimonial e Ensino de História na Cidade de Goiás: olhares convergentes sobre práticas de memória na escolarização básica**. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História 18, 19 e 20 de abril de 2011– Florianópolis/SC.
- SMARCEVSKI, Lev. **Graminho: a alma do saveiro**. Organização Bruno Furrer; versão para o inglês H. Sabrina Gledhill. Salvador: Odebrecht, 1996.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TAVARES, Ricardo. **Os Saveiros da Bahia: a história dos saveiros**. Salvador: Ricardo Tavares, 2019. E-book.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.
- THOMPSON, E. Paul. **A voz do passado – História oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

- TÖNNIES, F. *Comunidade e sociedade como entidades típico ideais*. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.
- _____. *Comunidade e sociedade*. In: Miranda, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995. p. 231-352.
- TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. Tradução: Ordep Trindade Serra 2a Edição, Odysseus, 2004.
- VIEIRA, Andréa Lopes da Costa e GOMES, Edlaine Campos. *Novos contextos, antigas questões em memória*. In.: GEIGER, Amir et al. **Por que memória social?** 1. ed. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial**, ISSN 1676-2924; v. 9, n. 15.
- VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In: _____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Editora Zahar, 1981. p. 123 – 132.
- WACQUANT, Loïc. 2002. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.
- WEISSHEIMER, Maria Regina (organizadora); VIEIRA FILHO, Dalmo (texto). **Patrimônio Naval Brasileiro**. s.d: Iphan, 2012.
- WEISSHEIMER, Maria Regina. Parecer Técnico Processo nº 1.615-T-2010 - Tombamento do Saveiro de Vela de Içar, de nome Sombra da Lua, no Recôncavo Baiano, estado da Bahia. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.aspas.org.br/documentos/Tombamento%20do%20Saveiro.pdf](https://www.aspas.org.br/documentos/Tombamento%20do%20Saveiro.pdf) Acessado em: Agosto/2023.
- ZACARIAS, José Raimundo de Abreu. **Os últimos saveiros da Baía**, os primeiros do milênio. Escola de Administração da UFBA. Salvador/BA. (Dissertação de Mestrado Profissional).

Outras fontes:

- ALVES, Rafaella de Azevedo Projeto de Conclusão de Curso (Graduação) ‘Vivá – Estaleiro Escola de Jaguaripe’, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFBA, 2021.

BRASIL, **Decreto de nº 3.551 de 2000** - Insitui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

BRASIL, **Resolução nº 001, de 03 de agosto de 2006.**

BRASIL, **Portaria Ibram Nº 579, de 29 de Julho de 2021.**

MENEZES; SCHLEE. *In.*: BRASIL. **Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM).**

Documento Legal Nº 375, de 17 de Agosto de 2018.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris, 17 de outubro de 2003.

Entrevistas (Primeiro Campo/Maio 2022)

BARRETO, Marília. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. São Félix (BA), 25 de maio de 2022.

BRASIL, Alício Sales. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. São Félix (BA), 25 de maio de 2022.

MONTEIRO, Vilma. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. São Félix (BA), 25 de maio de 2022.

PORTUGAL, Bira. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. São Félix (BA), 25 de maio de 2022.

RIBEIRO, Joilson Guimarães. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. São Félix (BA), 25 de maio de 2022.

Entrevistas (Segundo Campo/Maio 2023)

CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 23 e 24/05/2023.

DE JESUS, Izana do Sacramento. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023 e 26/05/2023.

FREIRE, Rosiel Conceição. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 20/05/2023.

MURICY, Osailson Rocha. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA),

LIMA, Aloísio. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Aratuípe (BA), 24/05/2023.

PEREIRA, Claudio Luciano Ramos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

PORTUGAL, Elenilton Souza. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

PORTUGAL, Uiracy Claudio Souza. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

PEREIRA, Claudio Luciano Ramos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA),

PUREZA, Jorge Antônio da. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

SANTOS, Alberto Luiz dos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

SANTOS, Cleideinei Luiz Costa. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 19/05/2023.

SANTOS, Marilene Nascimento dos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 23 e 24/05/2023.

SANTOS, Marli Conceição dos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 23 e 24/05/2023.

SANTOS, Roseane Nascimento dos. Entrevista concedida a Indira Chaves Batista. Jaguaripe (BA), 23 e 24/05/2023.

APÊNDICE I

Roteiro de Entrevistas

➤ Roteiro de Entrevistas 1

- Saveiristas (marinheiros, tripulação, etc)

1. Nome, idade e onde reside.
2. O/A senhor(a) autoriza a gravação dessa entrevista para utilização dos dados em pesquisa acadêmica?
3. Quando a sua história começou com os saveiros?
4. Qual a sua relação com os saveiros baianos?
5. O que os saveiros representam para a sua família/comunidade?
6. O/A senhor(a) acredita que essa uma embarcação está ficando no passado?
7. Acredita que as políticas públicas de preservação voltada aos saveiros são eficientes?

➤ Roteiro de Entrevistas 2

- Presidente/Representante de Associação/Organizador/Participante do Evento

1. Nome, idade e onde reside.
2. Qual a sua relação com os saveiros baianos?
3. Qual o objetivo da Associação? Ou qual o objetivo desse evento?
4. Como os grupos saveiristas vem se organizando em prol da preservação dessas embarcações?
5. Por que acredita que os saveiros precisam ser preservados?
6. Acredita que as políticas públicas de preservação voltada aos saveiros são eficientes?
7. Quais as propostas da organização (associação, grupos) para a preservação dos saveiros baianos?

APÊNDICE II

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da PESQUISA:

SAVEIROS BAIANOS DO RECÔNCAVO

JUSTIFICATIVA: Os motivos que nos leva a fazer este estudo são:

Diante da importância histórica dos saveiros para o Recôncavo Baiano, faz-se importante conhecer as comunidades saveiristas que detêm o *saber-fazer* das embarcações, seus modos de vida, como se organizam em prol da preservação desse bem, o que pensam sobre as ações estatais e as dificuldades atuais para manutenção desse patrimônio cultural.

Os OBJETIVOS da pesquisa são:

Compreender a relação da comunidade saveirista de Jaguaripe (BA) com os saveiros artesanais e suas visões com relação à preservação e patrimonialização dessas embarcações.

MÉTODO:

Pesquisa qualitativa, com base em fontes diversas, orais, iconográfica e escrita.

Os PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS são:

Entrevistas semiestruturadas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os resultados serão enviados ou entregues pessoalmente para você e você será citado(a) em publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA

PARTICIPANTE: Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Em caso de dúvidas poderei chamar a mestrand Indira Chaves Batista e a professora orientadora Suzane Tavares de Pinho Pêpe no telefone _____

Declaro que concordo em participar desse estudo.

Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
------	---------------------------	------

Nome	Assinatura da Testemunha	Data
------	--------------------------	------

Modelo de Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Fotografia

TERMO DE CONCESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE FOTOGRAFIA

Cedente: _____

Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

RG: _____ CPF: _____

Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais as fotografias, tiradas por Indira Chaves Batista, estudante do Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em ____/____/____, na cidade de _____, para a pesquisa intitulada _____.

Fica conseqüentemente autorizado(a) a publicar e divulgar em congressos, seminários, artigos, livros e outros meios de finalidade didática, as mencionadas fotografias, desde a presente data, preservando a integridade e indicação de fonte e autor.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura Cedente

Assinatura Pesquisador

Assinatura Testemunha

Modelo de Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Depoimento Oral

TERMO DE CONCESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Cedente: _____

Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

RG: _____ CPF: _____

Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista gravada de caráter histórico e documental que prestei a Indira Chaves Batista, estudante do Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em ____/____/____, na cidade de _____, para a pesquisa intitulada-
_____.

Fica conseqüentemente autorizada a utilizar em congressos e seminários, divulgar e publicar, a mencionada entrevista, integralmente ou em parte, editado ou não, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, preservando a integridade e indicação de fonte e autor.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo.

Assinatura Cedente

Assinatura Pesquisador

Assinatura Testemunha

ANEXOS

- I. Termos de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa
- II. Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Fotografia
- III. Termo de Concessão Gratuita de Direitos sobre Depoimento Oral